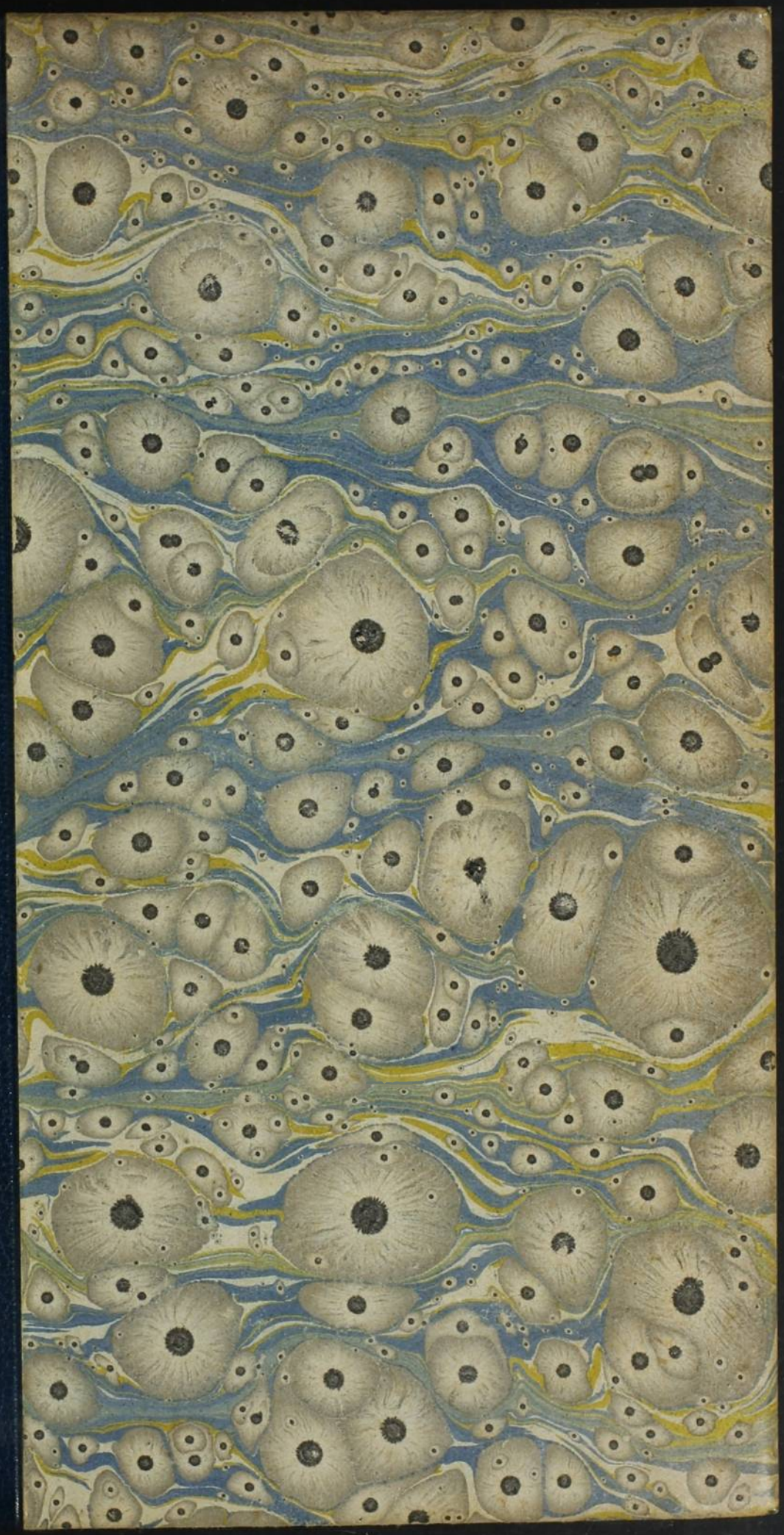
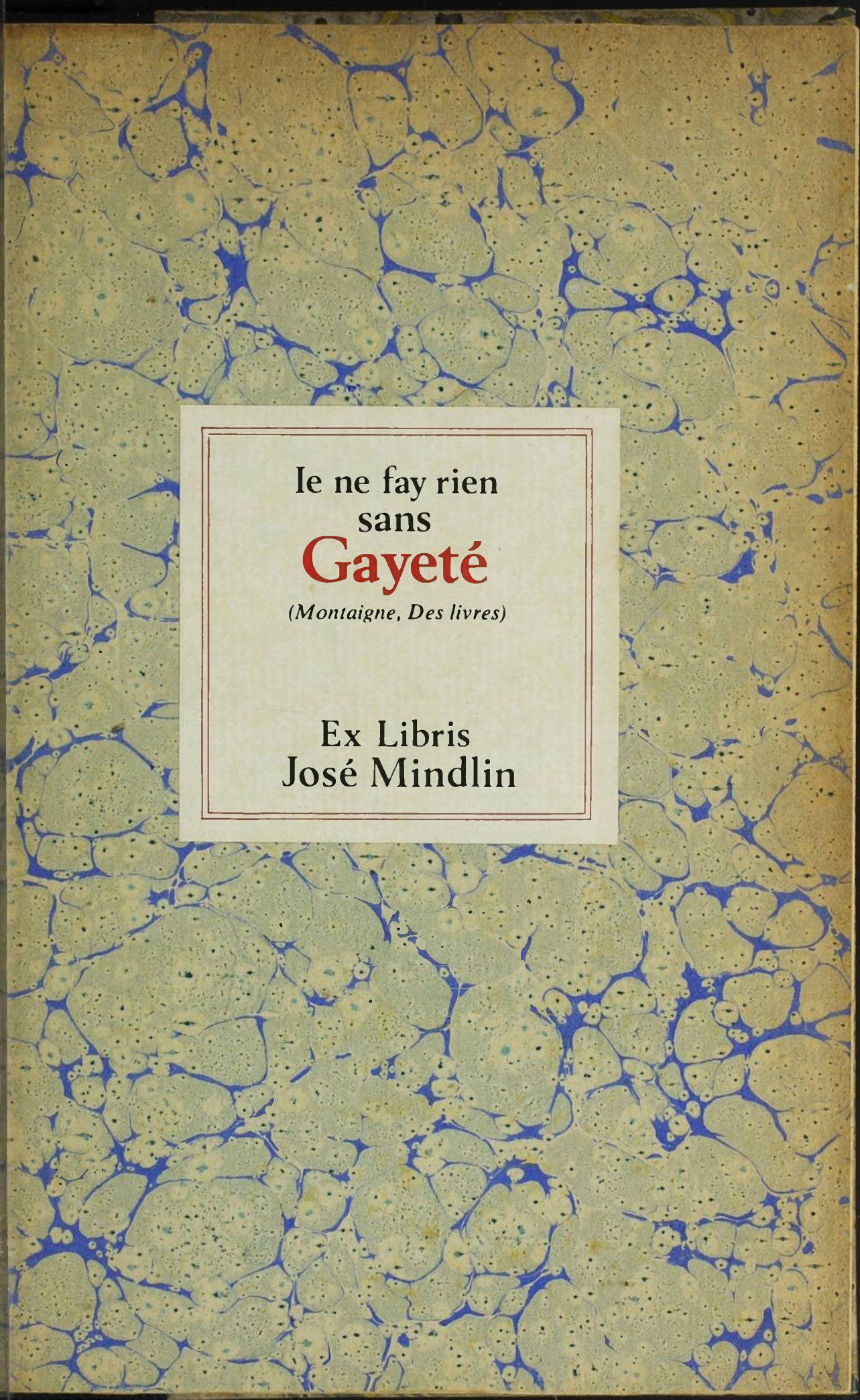


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

G. GAUCHÉ REL.

HUM

eninos.

BOSQUEJO

SOBRE

O COMMERCIO EM ESCRAVOS,

E

REFLEXÕES SOBRE ESTE TRAFICO

CONSIDERADO

MORAL, POLITICA, E CHRISTÃMENTE.

LONDRES:

IMPRESSO POR ELLERTON E HENDERSON,

JOHNSON'S COURT, FLEET STREET.

1821.

ADVERTENCIA.

GRANDE parte da seguinte sombra esta quaze traduzida da Carta que o celebre Deffençor dos Africanos, o Snr. Wilberforce dirigiu a seus Constituentes, quando se agitava a questaõ sobre o trafico em Escravos em o Parlamento de Inglaterra. Valera muito mais se fosse huma traducçaõ completa d'aquella Carta; porem naõ seria taõ propria para o objecto com que se publica. O Snr. Wilberforce devia discutir, e tratar seu assumpto por todos os aspectos que tinhaõ relaçaõ com a Naçaõ Ingleza; porem seria fora de proposito dirigir as mesmas razões aos Portuguezes que se achaõ em mui diversas circunstancias. Como as Cortes Extreordinarias decretaram em 2 de Abril de 1811, a aboliçaõ do trafico em Escravos, e logo supprimiram este Decreto (ao que se entende) por consideraçaõ ás reclamações da Cidade da Habana, que he a unica que levantou a vóz contra aquella medida; he indispencavel fazer ver ao Mundo a classe de argumentos em que se fundam os interessados em o trafico, para

pedir sua continuaçaõ á sombra da bandeira Espanhola. Os Editores d'esta sombra conservem huma copia MS. da Reprezentaçaõ da Cidade d'Habana ás Cortes em 20 de Julho de 1811, e em este Documento vaõ fundadas muitas das reflecções que contem esta Pintura. Inutil seria fallar mais do modo com que vai feita, nem perdir perdaõ aos Leitores dos defeitos de execuçaõ, de que estará cheia. A prezente está longe de ser huma obra litteraria: he hum memorial dirigido a cada Portuguez em nome das Victimas que a cubissa dos Europeos está arrancando todos os dias da Costa da Africa. O inculto e tosco de sua composiçaõ e estilo, poderá desde logo apartar toda suspeita de artificio oratorio. A cauza de que se trata he muito importante e sagrada, para que seus Deffençores naõ escrupulizassem de recorrer a semelhantes meios.

INDICE.

PARTE PRIMEIRA.

CAPº. I.

Pag.

EXPOSIÇAÕ..... 1
Authenticidade e vericimilitude interna dos factos de que constará esta historia 2
O Commercio em Escravos grande incentivo de guerra em Africa 3
Character das guerras Africanas ..... ib.
Descripçaõ das *Tigrias* ou expedições para fazer Escravos 4
Descripçaõ do que chamaõ *Panyar* 5
Outros meios de que se servem os traficantes Europeos para fazer Escravos 6
Provas de que estes males nascem directamente do trafico 7
A administraçaõ de justiça convertida em instrumento de fazer Escravos 8
A fome e insolvencia fontes d'escravidaõ em a Africa 9
Effeitos de todo o dito em o character moral de Africa. Differença entre o interior e a Cota d'aquelle paiz em este ponto 10
Notavel artificio dos negociantes Europeos para terem seguros os Negros ao tempo que dezem 14
Continuaçaõ de todos estes males que cauza ainda hoje o commercio em Escravos 15

CAPº. II.

CHARACTER DOS NEGROS.

A necessidade de provar aos patrões do trafico que os Negros saõ homens como nos; prova da injustiça sencivel que a seu pezar reconhecem n'elle..... 16
Recursos dos interessados para embotar a sencibilidade no publico em a questaõ presente ..... ib.

Pag.

Pintura do character natural e geral dos Africanos extrahida das Viagens de Mungo Park 18
Argumento dos contrarios tirado do estado salvagem em que sempre se tem achado a Africa 21
Reposta preleminar a este argumento 22
Soluçaõ do problema, porque naõ se tem ja mais civilizado a Africa 23
A Africa civilizada a proporçaõ que lhe menos frequentada pelos Europeos..... 29

CAPº. III.

COMO SE CONDUZEM OS ESCRAVOS DO CENTRO A' COSTA. 32
Relaçaõ da Viagem que fez Mungo Park com huma caravana de Negros 33
Tragico fim d'huma das Escravas n'esta viagem 34
Frequencia de semelhantes horrores 36

CAPº. IV.

CHARACTER GERAL DOS CAPITAES DE BUQUES NEGRE'IROS E DOS CONDUCTORES D'ESCRAVOS: MIZERIAS DAS PASSAGENS A'S COLONIAS.

Razões geraes que ha para se fazer esta pintura..... 38
Factos horrendos dos Capitaes Negreiros que resultaram provados em o Parlamento Britanico 40
Mizerias dos Negros durante a viagem por mar 43

SEGUNDA PARTE.

CAPº. I.

O COMMERCIO EM NEGROS CONSIDERADO SEGUNDO AS LEYS DA MORAL HUMANA. 48
Termos da prezente questaõ moral 49
Effugios e arteficios dos contrarios 50
Principios moraes que militaõ contra o trafico em Negros 51
Reposta ao argumento de que em Africa taõbem há Escravos, e que passam melhor em ao Colonias que na sua terra 52
Comparaçaõ da Escravidaõ moderna com a dos Gregos e Romanos 56
Contradicçaõ notavel em a Reprezentaçaõ d'Habana ..... ib.
Riato de delicto de traficar em Negros 57
Recapitulaçaõ dos principios moraes que condemnam o trafico em Negros 58

Pag.

CAPº. II.

A'CERCA DO TRAFICO EM ESCRAVOS CONSIDERADO POLITICAMENTE. 59

Os traficantes em Escravos querem provar com razões politicas que o Governo Espanhol lhes deve permettir o continuar ate que encham de Negros suas fazendas. Injustiça d'esta pertenção 60

Males que ameaçam aos povos d'America Espanhola que querem augmentar o numero de seus Escravos. Pouco interesse que tem America Espanhola em este infame trafico 61

Argumento da Habana fundado em a protecção que o Governo Espanhol tem dado ao Commercio em Escravos. Exame d'esta allegação 62

Falta de boa fè em esta reclamação 63

Attendidas as Razões d'Habana ja mais se poderia pôr fim a introducção de Negros 66

A propagação natural dos Escravos que ja estão em as Colonias deve ser mais que sufficiente para evitar os prejuizos que reprezentam os Habanezes em a prohibição immidiata do trafico ..... ib.

Reposta á allegação de que não há Escravos bastantes para a propagação 70

Multidão d'Escravos que ha em a Habana. Risco da Ilha por cauza da multiplicação de gente de cór 72

Excellentes consequencias que teria a prohibição immidiata o absoluto do trafico 76

CAPº. III.

O COMMERCIO EM ESCRAVOS CONSIDERADO CHRISTANMENTE.

Alluzão da Cidade d'Habana a este ponto, e contradicções em que encorre 77

Novas directas da iucumptibilidade da moral Christa com o trafico em Negros 80

EPILOGO E CONCLUZAO. 83

Discurço dirigido aos Espanhoes directamente 95

Concluzão dirigido, directamente, aos Portuguezes 97

PINTURA

DO

TRAFICO EM NEGROS AFRICANOS.

PARTE PRIMEIRA.

CAPº. I.

HA Portugueses que manifestaõ, em que tem o direito de vender creaturas humanas. E Hespanhoes que até chegaram a fazer huma Representaçaõ as Cortes para que lho premettissem. Mostravemos, pois, aos nossos Leitores a natureza d'esta Representaçaõ, os argumentos que á face do mundo trazem, como saõ; seraõ, e poderaõ ser sucessivamente argumentos para fazer crer que homens tem o direito de render outros, por hums nasseram na Europa e os outros n'Africa. Mas os Authores d'esta representaçaõ chegam mesmo a dizer que estes Africanos (sem lhe picar a alma; a razaõ taõbem do que daremos mais adiante) nem saõ homens. Darémos a miudo isto, as Representações que se fizeram no Parlamento da Inglaterra pelos traficantes (que foram) Inglezes; e as repostas a isto; e exporemos qual he a natureza de hum tal trafico que espanta a todo o homem sencivel a quem nos dirigimos. Exposiçaõ.

Authenticidade e vericimilitude interna dos factos de que constará esta historia.

Isto agora se chamará huma pequena Historia; e todos os factos de que ella constará, estaõ provadas do modo mais indubitavel, e passados em hum Juizo contradictorio em que a multidaõ dos interessados em o trafico de Negros, que havia em Inglaterra, procurou por todos os meios emfraquecer os fundamentos em que se estribavam os amigos da aboliçaõ d'este commercio. A reflecçaõ mais ligeira para persuadir ao Leitor que os que aqui se referiraõ naõ seraõ abuzes accidentaes, senaõ couzas que estaõ em a mesma essencia do commercio em homens. E que tivesse sido com os Inglezes, ou com os Portuguezes, isso naõ faz differença. A cauza d'huns he a mesma como a d'outros; porque tanto humas com outras produzem os mesmos effeitos, que sejam manejadas por hum homem d'esta ou d'aquella naçaõ.

O que se expoem he taõ certo, e taõ palpavel, que naõ so preciza senaõ de huma mediana penetraçaõ, e tal qual conhecimento dos homens para se poder formar huma historia d'este horrerozo commercio; e consequentemente dos horriveis effeitos que cauza em os paizes em que o incorajaõ, sem necessidade de recorrer a deposições de testemunhas. Diriamos, que se refliccione o que a abundancia de hum genero faz de que se enche hum mercado. Tratemos presentemente do genero ser homens, molheres e crianças; podemos pois duvidar que os que os vendem aos Europeos se serviraõ de quantos meios saõ imaginaveis para fazer sufficente abundancia? Ainda que houvessem titulos para vender a huma creatura humana, e com ella toda a geraçaõ que produza; poderiamos suppór que em hum paiz, taõ pouco civilizado, e taõ dividido em pequenas Nações como está Africa junto as suas costas (que he aonde está o mercado) se uzariam sómente de meios legaes para ter Escravos que vender aos negociantes?

Porem, os factos excedem a quanto poderaõ abraçar as conjecturas. Vejãmos, pois, de que modo se procuram os Escravos em a Africa; e por consequencia

immidiata saberemos os effeitos que semelhante commercio deve ter n'aquelle continente *.

O Commercio em Escravos grande incentivo de guerra em Africa.

Mui grande parte dos Escravos que compram os Europeos saõ prisioneiros de guerra. Em Africa como em as mais partes do mundo, ainda quando o estado inculto de seus habitantes os naõ dispozesse muito para mutuas hostilidades, bastariam as paixiões communs á humanidade para cauzá-las. Porem o dezejo de ter prisioneiros para vender aos Europeos, he hum motivo muito forte para a guerra entre os Africanos. Mungo Park que tem viajado mais por aquella parte do mundo que nenhuma outra pessoa branca, e cujo testemunho he do maior pezo e authoridade em estas materias, nos pinta do modo seguinte as guerras da Africa, suas classes, e principios.

Character das guerras Africanas.

Dous saõ (segundo Mungo) os generos de guerra que ha n'aquelles paizes. Huma, como em as nossas da Europa, he guerra aberta e declarada: esta geralmente se conclue com huma só campanha. " Dá-se huma batalha: o vencido naõ pença em re-unir as suas tropas dispersas: a massa dos habitantes se entrega a hum pavor panico; e os vencedores naõ tem outra couza que fazer senaõ *atar os prisioneiros*, e conduzir os despojos, e as victimas." Estas saõ transportadas para a terra do vencedor, de dande as levam em tempo opportuno ao mercado d'Escravos. Porem o outro genero (de guerra) chamado Tigria (palavra que significa raubo) e que somente consiste em expedições de latrocinio, he do que provem principalmente o mercado, e o que prezenta mais claramente os effeitos do commercio em Negros. Sabe-se pelas testemunhas mais authenticas que o objecto de toda a *Tigria* e sua ver-

* O leitor naõ deve se esqrecer, que aqui naõ se trata dos agravos, males e mizerias, que o trafico Negreiro, possa cauzar aos que ja estaõ feitos Escravos, e em poder d'aquelles que os compraram na America.

dadeira cauza, he o dezejo de adequerir escravos, o que se faz d'esta maneira.

Descripçaõ das *Tigrias* ou expedições para fazer Escravos.

" Estas expedicões," (nos diz Mungo Park) " saõ de mais ou menos extinçaõ ; e as há desde quinhentos homens acavallo, commandados pelo filho do Rey do Paiz, até hum só individuo armado de arco e flexa ; que escondendo-se entre as ramas, aguarda a que passe alguma pessoa moça ou desarmada. Entaõ com huma ligeireza de tigre attaca a preza, e a traz para o bosque, e de noute a leva feita Escrava." " Estas escaramuças," (continua mais adiante) " se executam com o maior segredo : hum pequeno numero de homens rezolutos, conduzidas por alguns do conhecido attrevimento e valor, attravessam calladamente os bosques ; surprendem de noute a hum povo desarmado ; e levam os seus habitantes, e quanto há nelles, antes que os povos circonvesinhos possam vir secorré-lo."....." Huma manhã durante a minha residencia em Kanvallia nos póz em grande susto huma destas partidas. O filho do Principe de Folado, com huma banda de homens acavallo, attravessou secrétamente os bosques, hum pouco para á parte do Sul e saquiou-o de trez povos na manhã seguinte, que pertenciam a hum Chefe poderozo de Jollonkados. O exito d'esta expediçaõ excitou ao Governador de outro povo, a emprender huma semelhante, em outra parte da mesma provincia. Tendo re-unido duzentos dos seus, passou o Rio de noute, e levou hum grande numero de prisioneiros. Varios dos habitantes que tinham escapado a estes attaques, foram depois agarados pelos Mandingos (outro povo differente) em quanto elles vagavam pelos bosques, ou procuravam occultar-se nos vales, ou nos montes."....Estas escaramuças saõ mui frequentes e os habitantes de varias provincias, procuram a occasiaõ de as renovar. Nenhuma d'ellas deixa de ser correspondida bem sedo por outra; e em cazo de se naõ poder re-unir partidas con-

sideraveis, se re-unem alguns amigos, e se enternam no paiz com o objecto de roubar, e de levar os habitantes." D'este modo se executam, e se perpetuam queixames hereditarios, entre nações, tribos, povos, e ainda familias, pela vehemente tentaçaõ que o mercado em Escravos he aos habitantes: e tal he a pintura d'Africa segundo o testemunho de homem que tem corrido huma grande parte da mesma: e de quem he precizo dizer, que se naõ achava disposto a exagerar os máos effeitos do Commercio em Negros*.

Descripçaõ do que chamaõ *Panyar*.

Outro dos meios que se uzam para prover as Europeos he o que chamam forçar povos. Esta operaçaõ he muito semelhante á que acabo de discrever; sómente com a differença de que, ainda que se lhe dá o nome de guerra, todas sabem, que naõ tem outro projecto senaõ o de agarar Escravos para os vender aos Europeos. Executa-se isto humas vezes por partidas separadas, outros por soldados dos pequenos Reys e Chefes que, em occasiaõ de bobedeira, que de proposito lhe cauzaõ os factores Europeios, saõ incitados a destruir seus povos, e até roubar as pessoas de seus vassalos. O povo he accometido de noute: lançam-lhe fogo se se julga necessario para augmentar a confuzaõ, e os disgraçados habitantes que fogem das chamas nūs, saõ apanhados e levados por Escravos. Isto quando se faz em pequeno numero chama-se *panyar;* e o ter hum nome proprio prova quam frequente couza he, e quam bem conhecida. Estas escaramuças se fassem geralmente pelos mesmos naturaes; e saõ ora mais ora menos consideraveis e frequentes, á proporçaõ dos Buques que acedem á Costa.

Outrosmeios de que se servem os traficantes

Porem naõ se contentam os traficantes com incitar os mesmos Africanos para que sejaõ instrumentos da sua enbissa. Factos horriveis estaõ authenticos em os do-

* Mungo Park dependia de hum dos mais violentos contrarios da abolição do trafico Negreiro, e suas viagens estaõ aqui escritas por este seu protector.

Europeos para fazer Escravos

cumentos de donde se tirou esta Pintura que provaõ a parte activa que costumaõ tomar os Europeos quando succede que a força, ou cazualidade o proporciona. Com effeito ninguem poderia crer que os que sem outro objecto que o de fazer Dinheiro, vaõ desde paizes remotos até ao coraçaõ da Africa para carregar Escravos; seriam scrupulozos em quanto aos meios de augumentar a sua ganancia. Como esta consiste em a abundancia do genero que he a origem infalivel de sua barateza, e muito mais em poder obté-los gratis; os Negociantes, e os Capitaes dos Buques Negreiros procuram hum e outro de quantos modos saõ imagenaveis. Podèra mos incluir nesta parte activa—os liquores com que embebedam os mais atrevidos e fortes para que apresem os mais debeis—com as armas de que os provem, e outros meios semelhantes de que faremos mençaõ. Agarar toda a molher, criança ou homem desarmado, que encontram quando sobem pelo Rio ariba com os botes, he couza mui commun entre todos os Europeos que vaõ a este commercio; porem tudo isto se pode chamar virtude e innocencia se se comparar com os meios mais activos e efficazes, para que o Mercado esteja abundante e barato, de que costumaraõ uzar a favor dos interessados no Commercio. Sirva de exemplo o cazo de dous Povos consideraveis ás margens do Rio Calabar. Estes povos tinham estado em inamizade por algum tempo: porem cançados ja dos males a guerra, tratavam de fazer paz e confirmá-la por meio de cazamentos de pessoas moças de ambas as partes; quando por disgraça sua chegam á costa hums buques Negreiros! Os Capitaes vinham confiados em a abundancià d'Escravos que a guerra d'aquellas duas tribos devia produzir segundo o costume geral em que estavam de comprar os prisioneiros dos dous partidos. O nome de paz desesperou os Capitaes; e em hum momento trataram de a estruvar. Incitaram pelos meios mais diabolicos os dous povos, e tomando partido com hum dos dous

mataram huma grande parte dos habitantes e levaram os outros em premio de seus serviços *. Sirva este cazo de huma pequena amostra, até que em outro capitulo fallemos de proposito de que saõ capazes de fazer os Negociantes em Negros.

Provas de que estes males nassem directamente do trafico.

E antes que possémos aos outros meios de adequerir, Escravos, permita-se que parémos por hum momento para tapar a bocca ao interesse d'aquelles que disfiguram estes factos assegurando que as guerras Africanas nassem mais do character feróz d'aquelles naturaes, que do dezejo de fazer prisioneiros para os vender. Ainda quando consideramos que as guerras abertas e nacionaes naõ se emprendem directamente com este objecto; ¿ quem poderá negar que as escaramuças de que se tem fallado e que taõ communs saõ em Africa, se fazem sómente para agarar Escravos?—pois estas escaramuças nascidas immidiatamente do trafico saõ origem de guerras nacionaes que destroem o Paiz. Ellas saõ a cauza facunda e certa dos odios hereditarios que taõ communs se dizem ser entre aquellas Nações,—odios que os agravos mutuos que d'elles mesmos nassem naõ podem menos de perpetuar, em hums paizes em que naõ se conhecem os meios que o direito de gentes dá aos povos da Europa para terminá-los ou conté-los. Vimos em o mesmo tempo que as guerras em Africa saõ extremamente crueis e distructivas pelo modo particular com que se fazem. Assim he que ainda que naõ possamos atribuir todas as guerras d'aquella parte do Mundo ao trafico em Escravos; podemos decedir com razaõ que as cauzas geraes que produzem este asoute, o trafico acrecenta huma razaõ inteiramente nova, que ao paço que he em extremo facunda e poderoza, dá ás guerras d'Africa, ainda que ellas nassam de outra cauza destincta, hum character particular do estrago, e malignidade. ¡ Feliz a Africa (poderiamos dizer se-

* Clarkson's History of the Slave Trade. Vol. I. p. 306.

gundo o que está exposto) se ella naõ soffrece outros males senaõ os da guerra aberta! A guerra que he hum dos maiores flagellos em outros paizes, hé sómente hum ligeiro mal com a lista das mizerias da Africa. As guerras dicididas só podem verifioar-se de tempo em tempo segundo as combinam as circunstancias; e entre nações incultas naõ daraõ pelo commun mais de que huma campanha. Por muito que sejam os seus horrores, a ideia de que hum mal ha da durar pouco, mitiga sempre a dôr que cauza. Porem naõ saõ ligeiras nem accidentaes as mizerias de que a Africa se queixa. 'A desmaziada crueldade que incitem acretentam o horror de naõ esperar interrumpçaõ nem alivio.

A administraçaõ de justiça convertida em instrumento de fazer Escravos.

O mercado de Escravos naõ se abastesse sómente por meio de hostilidades. A Administraçaõ de Justiça se tem feito outra de suas fontes. Segundo os antigos escritores*, os castigos em Africa eram sumamente ligeiros; porem pouco a pouco se tem hido acomodando ao interesse de ganancia que offresse o mercado de homens, em especial perto da Costa. As faltas mais ligeiras se castigam com a multa de hum ou dous Escravos, que deve pagar o acuzado, só-pena de ser elle mesmo vendido e mui frequentemente em beneficio do Magestrado que dá a sentença†. Ao paço que se augmenta o incitivo de fazer Escravos, se inventam novos dilictos e se multiplicam as acuzações, seduzindo aos encautos com artificios para incorrer nelles. O dilicto imaginario de feiteceiria he o que mais produz,

* Vide Nyendael e Actas de Dantzic na *India Orientales* de De Bry, &c.—*Bosman, Barbot.*

† Moore, que foi factor da companhia d'Africa muito tempo pelos annos 1730, diz: " desde que este trafico está em uzo todos os castigos se tem reduzido á escravidaõ porque n'elle ha proveito, o empenho de encontrar delicto para poder vender a delinquente. Naõ sómente a morte, o roubo, e o adulterio, mas taõ bem qualquer falta legeira he castigada vendendo por Escravo aquelle que a comete.

porque a imputaçaõ he mais facil em o que naõ he capaz de verdadeiras provas, e por-que a pena que lhe corresponde he de vender a familia enteira do acuzado.

O certo he que em algumas partes da Africa vesinhas da Praya esta accuzaçaõ he o meio mais efficaz que tem; especialmente os Chefes de obter generos Europeos. A pessoa acuzada do delicto deve estar á prova do que chamam *agoa coforada*. Se o acuzado a bebe sem máo effeito, fica declarado innocenté; porem, se como he frequente (porque a agoa he venenoza) lhe rezulta alguma indisposiçaõ ou morre, toda ou parte de sua familia se vende aos Europeos. Huma testemunha de vista que expoz perante o Parlamento os effeitos d'este systema, declarou que tinha visto o Rey Sherbro, Chefe do Rio d'este nome matar seis pessoas deste modo em huma só manhã. Em alguns dilatados districtos, vesinhos da Costa Occidental da Africa, crẽm os naturaes que quasi quantos morrem, saõ victimas de alguma operaçaõ magica. Em estes districtos se computa que dous terços da exportaçaõ d'Escravos, saõ vendidos por Feiteceiros. Qualquer que se tenha enriquecido ou que tenha huma familia numeroza, cuja venda pode dar hum lucro consideravel, excita em o Chefe mais vezinho, os maiores estimulos que á vista de huma preza em a ferra carneceira; taõ-bem o mesmo Chefe tem que viver em hum estado de perpetua inquietaçaõ.

A fome e insolvencia fontes d'escravidaõ em a Africa.

A este catalago se devem acresentar outras duas fontes; a saber, as fomes e as dividas. Em tempo d'extrema esquacez (calamidade que deve ser mui frequente em hum paiz em que nenguem goza de seguridade pessoal) costumam alguns venderem-se a si mesmos a troco de alguma couza para comer; e ainda mais frequentemente os pais vendem seus proprios filhos, para sustentar o resto da familia. Estas fomes, segundo nota o Snr. Park indicando-as como fontes d'escravidaõ, saõ effeitos das guerras; porem ao reflecionar que estes fomes saõ nassidas do modo assolador com que se faz

a guerra em Africa, segundo temos notado, ¿naõ será taõ-bem justo inferir que ao trafico em Escravos, e as disposições moraes que produz, deva atribuir-se que em estas epochas de affliçaõ nenguem queira dar ao seu Visinho hum bocado para que naõ mora de fome, ou se veja em a necessidade de entregar seus filhos a perpetua escravidaõ? Com respeito ás dividas e insolvencia, as Leys que regem em Africa prezentam hum exemplo notavel do modo em que debaixo do influencia do trafico de escravos, se acomodam a este objecto todos os uzos e costumes do Paiz, e se convertem em meios de abastecer o mercado. Os acrédores gozam do direito de apoderar-se naõ sómente da pessoa do Devedor para o vender, mas taõ-bem em sua falta, pode fazer outro tanto com alguem da sua familia: se naõ pode obter nem hum nem outro, pode-se fazer pago com algum habitante do mesmo povo; e segundo Snr. Park, basta que seja do mesmo Reyno. O certo he que raras vezes o Devedor he que sofre; porem saõ seus vesinhos, ou com-cidadões. D'aqui nasse que naõ se detem em contrahir dividas; porque alçancando assim as Generos Europeos que lhes fazem falta, naõ tem provavelmente que pagar a sua imprudencia em suas pessoas. Os Capitães dos Buques do trafico naõ duvidam em dar generos fiados aos factores Negros, nem estes aos seus Marcantes, porque sabem que de hum modo ou de outro haõ-de cobrar em Escravos.

Effeitos de todo o dito em o character moral de Africa. Differensa entre o interior e a Cota d'aquelle paiz em este ponto.

Os effeitos que semelhantes circunstancias devem ter sobre os habitantes do Continente da Africa, ainda que faceis de inferir pela sua evidencia, o saõ mui deficeis por sua grandeza: a imaginaçaõ a penas pode comprehender hum taõ immenço cumulo de infelicidades e de crimes. He de notar, non-obstante, a differença destes effeitos com os Paizes interiores, e os vesinhos da praya. Em o interior do paiz, os Reynos, ainda que taõ-bem se acham divididos em varias estados independentes, saõ geralmente de maior extençaõ que em a

Costa, aonde commumente, e em especial assim a balravento, e Costa do Ouro, tudo está dividido em pequenas tribos, debaixo das ordens de seus respectivos Chefes, ou Governos Aristocraticos. Deve-se taõ bem notar que em huma parte mui extença da Costa d'Africa, que está dividida em hum grande numero de Estados, todo o factor branco, ou Negro que tem adequerido algum cabedal forma hum Estabelecimento, ou povo, e se faz hum pequeno Chefe, sustentando contra seus Vesinhos huma guerra predatoria que naturalmente provoca a riciprocas hostilidades. Em o interior, nos asseguram, que estas escaramuças contra povos diversos, ainda que muito communs, poderaõ chamar-se raras, comparadas com as da Costa. Em os limites de hums e outros Reynos saõ bastantemente mais frequentes; e ainda por isto, nota o Snr. Park que, as fronteiras dos paizes mais povoados estaõ mui pouco habitadas. Outra notavel differença consiste em que estas piraterias, ainda que saõ frequentes entre os membros de huma mesma tribo, o saõ muito menos que em a Costa; e isto por varias razões. Em o interior seria mais dificil fazer fortivamente estas Escravidões, e muito mais ter occultos os Escravos todo o tempo que costuma passar antes que se prezente occasiaõ de os vender. Os Reys ou Chefes tem alli mais rendas ou recursos, e naõ se vem tentados a recorrer ao meio ruinozo de vender seus Vassalos, com tanta frequencia como em a Costa; aonde os traficantes Europeos os incitam a esta barbaridade embebendo-os para este effeito. Por esta mesma razaõ se nota que em o interior naõ se recorre taõ commumento ao pretexto de acuzações judiciaes com o objecto de fazer Escravos.

Porem aonde se vém os incitivos para este roubo de homens obrar com toda a sua violencia he em a Costa. Alli estam reunidos, e satisfazendo a quantas paixões mais preversas e violentas tem o homem salvagem: alli se vé tudo quanto pode mover estas paixões, e dar

meios de satisfazer o seu forror; licores, polvora, armas de fogo, tudo está alli convidando para o delicto. A affeiçaõ aos licores fortes, cresse satisfazendo-a, até fazer-se huma paixaõ quazi invencivel. Os Capitães dos Buques Negreiros, que saõ profundos filosofos practicos, e perfeitamente instruidas em o manejo de quantas más inclinações tem o caraçaõ humano; conhecem bem o poder destas inclinações e o proveito que dellas podem tirar. Assim he que geralmente principiam a sua expediçaõ, fazendo hum presente de agoardente ao Reyzinho ou ao Chefe; e sabem que esta generoside lhes será recompensada abundantemente com carne e sangue humano. Quazi pode olhar-se como hum bem que o Reyzinho tenha meios de fazer a guerra, e queira vingar alguma antiga injuria, ou invadir algum territorio vesinho, e fazer Captivos os seus habitantes; porque a naõ ser assim faz preza de seus mizeraveis e desarmados Vassalos. Entre tanto o factor d'Escravos observa socegado a contenda, porque sabe que seja vencedor quem fór, a guerra resulta sempre em seu proveito. Elle dá armas de fogo e muniçaõ a ambos os partidos, e recebe em paga os prisioneiros que hums e outros fazem. Debaixo d'esta supposiçaõ naõ he difficil de adivinhar o que por outra parte he hum facto indubitavel—que o factor he o promotor destas guerras quanto está na sua maõ. O Leitor se lembrará do horrivel exemplo do Rio Calabar que á pouco citamos.

A estes malignos incitivos devemos acresentar outros naõ de pequena influencia. Tal he a sua inclinaçaõ aos liçores fortes (com o he taõ geralmente em os povos barbaros) e a utilidade que reconhem em os generos Europeos. Seja para offender, ou para se deffenderem, as armas de fogo e a palvora, saõ mui a proposito. Em semilhante estado de Sociedade, todos tem alguma má vontade para satisfazer, ou alguma injuria para vingar. Assim he como a sençualidade, a avareza, o odio, a vingança, e quantas paixões horriveis ha em o coraçaõ

humano, se poem em acçaõ, em quanto está ancorado em a Costa hum Buque, promto para receber grandes e pequenos, homens e molheres, e quantos se presentam de venda, sem distincçaõ, nem exame, e offerecendo por elles quanto pode alargar mais aos que queiram trazé-los. Os Capitães dos Buques Negreiros que foram examinados perante o Tribunal, decéram franca, e inviolavelmente, que segundo a practica universal, basta que se convenha em preço para que se compre todo o genero de pessoas, sem fazer nenhuma averguaçaõ á cerca do modo como ellas foram feitas Escravas, nem sobre o direito do vendedor para dellas dispor. Quando se lhes preguntou sobre isto, pençaram que o que os examinava queria fazer zombaria. Está pois claro que presentar-se hum buque Negreiro em a Costa, he o mesmo que se se publicasse hum premio para todas os actos mais horriveis de fraude e de violencia. Qualquer Criança, ou molher, a quem se possa deitar a maõ, he ganancia segura. Naõ he extranho, pois, o que nos assegura huma das testemunhas mais respeitaveis, dizendo que os habitantes d'aquelles disgraçados paizes naõ se atrevem a sahir de suas cazas sem hirem armados. Preguntando-se a hum delles a razaõ deste costume, contestou muda, ainda que expressivamente, fazendo signal para hum barco Negreiro que estava anchorado em a praya. Nem mesmo dentro de suas proprias cazas encontram aquelles disgraçados seguridade quando está hum destes buques á vista. A avareza presegue com artificio aquelles que escapam a força. As accuzações saõ frequentes, e as practicas supersticiozas, ou provas por agoa e fogo se multiplicam. E he de notar que ao paço que estas practicas se tem hido abolindo em o interior da Africa, antes da turvaluz do Mahometismo; em a Costa saõ tanto mais frequentes quanto mais acodem a ella os Europeos—os Christões! Estes saõ os que offrecem occasiaõ aos Pays, aos Maridos, para que em hum momento de colora lhes vendam

seus filhos, e molheres; e logo se riem de sua desesparaçaõ, quando tornados a si choram em vaõ a sua perda. Estes saõ os que naõ perdoam meio nem artificio algum afim de que toda a Africa contribua á sua avareza, valendo-se da superioridade do seu saber, para innundá-la de males, e de crimes. Entre estes artificios naõ se deve passar em silencio hum que por sua maligna astucia pode bem terminar esta horrenda, posto que compendioza narraçaõ d'inequidades.

Notavel artificio dos negociantes Europeos para terem seguros os Negros ao tempo que dezem.

He practica geral dos capitães Negreiros levar hum corregamento de generos para trocar por Escravos. A penas chegam acodem os factores Negros a tomar generos fiados que levam a vender dentro de paiz. Os Capitães naõ admitem outras prendas pelo valor da fazenda que as pessoas dos filhos, ou parentes mais chegados dos factores. Cita-se o dia em que estes voltaraõ com hum numero d'Escravos, debaixo da condiçaõ que se naõ 'stá alli com elles, o Capitaõ ficará com as prendas. D'este modo se convertem os factores mais ternos de coraçaõ em instrumentos de crueldade e de injustiça; porque os factores que vaõ ao interior do paiz a vender a sua fazenda, naõ poupaõ meio algum para tornar a pagá-la a tempo, e com o numero d'Escravos em que a haõ ajustado; sendo o amor da sua familia o incitivo mais forte que cauza a infelicidade dos outros por meios os mais criminozos*.

* Esta pintura do meio de prover o mercado de Escravos e dos effeitos que o trafico cauza em Africa, he quaze huma traducçaõ literal da que fez o Snr. Wilberforce a seus Constituentes em huma eloquente Carta publicada ao tempo em que se debateu a questaõ em o Parlamento. A verdade de quanto se diz em esta discripçaõ he tal, que nenhum dos contrarios se attreveu a impugná-la. Tanto ao contrario foi, que o Snr. Bryan Edwards, hum dos mais habeis e dicididos protectores do trafico, disse fallando d'esta parte da Carta do Snr. Wilberforce, em hum discurso á Assembleia Colonial da Jamaica, estas memoriaveis palavras. "Os effeitos do trafico em America saõ exactamente como o Snr. Wilberforce os pinta: o todo ou a maior parte d'aquelle vasto continente he hum campo de batalha, e de mizerias; huma selva em que os habitantes saõ loubos,

Seria interminavel a relaçaõ de todos os dilictos com que abastecem o mercado dos Escravos. D'este modo se compravam de outenta a cem mil creaturas-humanas, antes que a Inglaterra renunciasse a hum trafico taõ abominavel; e d'este modo se está comprando presentemente hum numero de que seguramente naõ faz ideia a Naçaõ Portugueza. De settenta a outenta mil Negros foram arrancados da Costa occidental da Africa em todo o anno de 1810; e no passado, naõ foi menor o numero *.

Continuaçaõ de todos estes males que cauza ainda hoje o commercio em escravos.

CAPº. II.

CHARACTER DOS NEGROS.

OUTENTA mil creaturas humanas arancadas da sua patria, privadas de seus pais, filhos, e irmaõs, transportadas a hum paiz romoto, sem esperança de voltar ao paiz aonde nasceram, e destinadas a trabalhar toda a sua vida á discrecçaõ, e em proveito de outrem; ellas, seus filhos, e os filhos de seus filhos, para sempre! Se há alguma couza em ellas semelhante ao que nós sentimos: se naõ pertencem absolutamente a outra especia, se sentem e pençam como os Europeos; pre-

hums para os outros; huma scena de oppressaõ, de engano, de traiçaõ, e de sangue." A asserçaõ de que huma grande parte dos Escravos saõ criminaes convictos; he hum verdadeiro escarneo.

* Vejam-se as reclamações da Instituiçaõ Africana, em os Documentos que provam a grande parte que n'isto tem tido a bandeira Espanhola ainda que quaze sempre quidados por isso por Inglezes e Americanos do Norte.

sentam hum espectaclo de dór, e de mizeria, de que a imaginaçaõ se espanta. Porem ¿he possivel que haja a mais minima duvida nisto? Ao houvir os gritos, e os gemidos de hum animal que sofre, nós naõ podemos deixar de sentir huma certa dór de sympathia, hum certo movimento poderozo que nos diz que ha analogia entre a sua dor e a nossa; e ao ver correr as lagrimas desses Escravos, dessas Victimas da cubiça Europeia, hade ser precizo recorrer a argumentos para provar que a aflicçaõ que se lhos fáz derramar he taõ amarga como a nossa!

A necessidade de provar aos patrões do trafico que os Negros saõ homens como nós; prova da injustiça sencivel que a seu pezar reconhecem n'elle.

Tal hé o effeito do costume unido ao prazer da ganancia; ou antes, tal he o poder dos remorsos interiores da consciencia, que assim obriga a esses homens duros, que negoceiam com o sangue de seus Irmaõs, confessar o seu delicto, quando os deixa sem outra disculpa que o absurdo recurso de pintar os Negros como hums homens de outra especia. ¿Que he isto senaõ dizer claramente que o trafico que se faz com os Africanos sómente pode ser licito fazer-se com as bestas?

Recursos dos interessados para embotar a sencibilidade no publico em a questaõ presente.

Porem bem depressa tornam em si do absurdo que a luz da verdade lhes dicta, e recorrem a meios mais artificiozos, que se naõ podem correr á sua injustiça, podem ao menos imbutar a sencibilidade ao publico com a presente questaõ. Tal he o recurso que tomaram os interessados em o trafico quando se tratou o ponto em o Parlamento Inglez; e ao qual seguindo seus passos, se tem acolhido os unicos Espanhoes que tem levantado a voz para defender o que elles chamam seu direito de comprar homems em a Africa. *Semi-brutos* chama aos Africanos o ajuntamento da Habana: " sómente de suas cabanas (diz o Congresso Espanhol) nós podémos e podemos prover com iqual abundancia, promtedaõ, e economia."* E veja-se aqui como os Deffençores e

* Representaçaõ da Habana ás Cortes em 20 de Julho de 1811. Desta Representaçaõ se fallará mais adiante com particularidade.

Interessados em a Escravidaõ, ainda que por huma certa especia de vérgonha, naõ daõ aos Negros o Nome de brutos senaõ modeficado; elles estaõ taõ acostumados a olhar para elles como bestas, que se lhes escapam expressões proprias, só, quando se falla dos animaes mais salvagens *.

Ao comparar esta opiniaõ dos traficantes e donos dos Negros com as discripções d'aquelles que tem viajado pelo interior da Africa, e especialmente do celebre Snr. Park, o amigo e protegido de hum dos mais aceremos deffençores do Commercio em Escravos; se vé claramente que o coraçao do homem he supceptivel de defender a maior das injustiças com o maior dos agravos. Aos Europeos embrutessem os Negros pelo trafico que fazem delles a suas inevitaveis consequencias, e logo deffendem este trafico allegando que os Negros saõ *Semi-brutos.* Esta hé a verdadeira explicaçaõ de noticias e opiniões taõ contradictorias. O Leitor imparcial, o Leitor que já mais tenha tomado o gosto a ganancias, que saõ *preço de sangue,* se convencerá bem promtamente que os Negros naõ cedem em *racionalidade, e humanidade* ao resta dos outros homens; e quando mais adiante vir parte do que se faz com elles, talvez se sentirá disposto a queré-los previligiados em estes pontos pela natureza, quando opezar do tratamento que elles sofrem, naõ parecem senaõ semi-brutos aos seus oppressores.

Porem, procedemos, agora, do charactar d'aquelles que pertendem que os Negros foram formados pela maõ de Deos, inferiores a elles, e destinados para os servirem como bestas do campo. Examinemos o facto; ouçamos as testemunhas imparciaes, pezemos os ar-

* He tanto mais de notar este modo de fallar, quanto se escapa aos Afazendadas d' Habana em huma Reprezentaçaõ escrita com huma affectaçao, de humanidade e ternura, de que naõ se pode formar ideia senaõ lendo-a.

gumentos dos Deffençores do trafico, e sentencie-se cada hum se os Negros saõ huma raça de *Semi-brutos* nascidos para o nosso serviço, ou se o estado de incivilizáçaõ em que elles se acham he hum effeito das circunstancias, e mormente do trafico que os Europeos fazem com elles.

Pintura do character natural e geral dos Africanos extrahida das Viagens de Mungo Park.

O Snr. Park pinta os Africanos do interior como superiores, tanto em seus dotes intellectuaes como moraes, a todas as mais nações incultas que existem no Mundo. Da sua invençaõ e abilidade, viveza e amabilidade; do dezejo com que aprendem, e a estima que elles fazem do que se lhes ensina: do talento que elles manifestam em os trabalhos que elles executam; estam cheias as narrações deste famozo caminhante.

Porem o que mais excede em elogio d'aquelles infelizes povos, saõ as virtudes moraes, que non-obstante a ignorancia e falta de cultura em que elles estam, observou o Snr. Park geralmente nelles. Seria muito injusto passar em silencio em esta materia, sem tomar o trabalho de traduzir alguns paragrafas desta interessanto obra.

" O character vivo, ardente, e suberbo dos Negros está modificado por muitas qualidades aperciaveis. A sua gratidaõ para com aquelles que lhes fazem algum beneficio, naõ tem limites; e a fedelidade com que elles guardam qualquer deposito, he sagrada. Durante a prezente guerra tomaram as armas, varias vezes, para deffender os barcos mercantes Inglezes, contra os Corsarios Francezes: e em muitas occazõies deixaram em Vintain por muito tempo generos de muito valor ao cuidado dos Feloops, (raça que habita em os bosques, e hé mais feroz que as outras) e ja mais elles naõ faltaram á boa fé em este encargo *.

" He mui notavel que hum Africano perdoa mais facilmente huma bofetada, que huma injuria dita contra

* Viagens de Mungo Park, p. 16.

seus pais: ‘ fére-me, porem naõ digas mal de minha Mãy,’ he expressaõ mui commun entre os Escravos*.”

O amor entre Pais filhos, e Irmãos he terno mormente entre os Negros. Vejam os Leitores este exemplo d'aquelle entre muitos. “ As duas horas da tarde avistamos Jumbo, povo do Ferreiro (hum Negro que hia em companhia de Mungo Park) de donde tinha estado auzente mais de quatro annos. Pouco d'aqui, hum seu Irmaõ, que naõ sei como sabia da sua vinda, veio ao nosso encontro, acompanhado de hum cantor, e trouxe hum cavallo para que o Ferreiro fizesse huma entrada com toda a decencia; e nos pediu que pozessemos huma boa carga de polvora em espingardas. O Cantor hia adiante seguido de seus Irmaõs; e bem depressa se reuniu huma porçaõ da gente do povo, manifestando huma grande alegria de tornar a ver hum antigo amigo, o Ferreiro, dando-a a intender com saltos e cantigas muito extravagantes. Entrando no povo, o Cantor começou de-repente huma cantiga em elogio de Ferreiro, ingrandecendo a sua constancia em os trabalhos, e em vencer tantas difficuldades; terminando-a com recommendar a seus amigos que lhe preparassem huma boa comida. Chegando ao povo nos desapeamos, e descaregamos as espingardas. A recepçaõ de seus pais foi mui terna; porque estes incultos filhos da natureza, livres como se acham de miramentos, mostram seus affectos de hum modo mais forte e mais expresso. No meio destes transportes apareceu a velha Mãy do Ferreiro, couduzida por outra pessoa, e sustendo-se sobre hum cajado. Todos lhe fizeram lugar, e ella estendeu o maõ para saudar seu filho. Naõ podendo vé-lo por se achar totalmente cega tocava as maõs de seu filho com as suas, passava-as pouco a pouco pelos braços e carra, e manifestava o maior prazer de ter sido taõ ditoza que em seus ultimos dias podia té-lo a seu

* Viagens de Mungo Park, p. 47.

lado, e ja que naõ podia vê-lo, podia ao menos gozar do echo de sua voz. Este expectaclo (continua Mungo Park) me convenceu inteiramente de que por grande que seja a differença das formas de nariz e cor entre hum Negro e hum branco, os affectos e as sencações charactristicas da natureza, saõ as mesmasem huns e outros*.

Em quanto á hospitalidade dos Africanos, quem que ha lido as Viagens de Park se esquece ja mais da scena do desemparo, em que huma pobre Negra lhe salvou a vida?...." Tinha passado todo o dia á sombra de huma arvore sem tomar alimento algum, e a noute parecia ser muito má, porque o vento se augmentava, e as nuvens se amontuaram: as ferras saõ tantas em aquellas visinhanças, que eu me teria visto em necessidade de subir sobre huma arvore, e de dormir entre as ramas. Porem, ao pôr do sol, quando eu me preparava para passar a noute deste modo, e tinha soltado o meu cavallo para que pastasse livremente; huma molher que voltava de trabalhar em o campo, parou-se a olhar para mim, e notando que eu estava cançado e abatido, me preguntou o que eu tinha. O que lhe disse em poucas palavras. A penas ella o ouviu, quando com o rosto mais compassivo, tomou sobre si a sella e o freio, e disse-me que a seguisse. Levou-me para á sua cabana, e tendo assendido huma luz, extendeu hum capaxo por terra dizendo-me que alli podia eu passar a noute. Ouvindo que eu tinha muita fome, me offreceu hir buscar alguma couza para comer; sahiu, e voltando com hum excellente pexe, o assou meio sobre huma grelha, e mo deu. Cumpridos d'este modo os deveres da hospitalidade para com hum Estrangeiro abandonado; a minha excellente protectora, (depois que apontando para a esteira me disse que podia passar alli a noute sem cuidado) chamou as

* Pag. 121.

molheres da sua familia, que tinham estado olhando para mim com grande attençaõ durante tudo isto, e as fez continuar em a sua occupaçaõ de fiar Algudaõ, em que passaram a maior parte da noute. Aleviaram o trabalho contando. Eu fui o objecto de huma das cantigas que as Raparigas compunham. Huma dellas cantava as coplas, e as cutras respondiam em couro o mesmo. O tom hira soave e melancholico; e as palavras traduzidas ao pé da Letra eraõ as seguintes. O vento berrava; a chuva cahia; o pobre homem branco, cançado e rendido, sentou-se á sombra de huma arvore; aqui elle naõ tem Mãy que lhe traga leite, nem Espoza amada que móa graõs de trigo. Ah pobre homem branco! Aqui naõ tem May que lhe traga leite, nem Espoza amada que móa graõs de trigo! " Por pequenas que pareçam as circunstancias d'esta narraçaõ, naõ podiam menos que enternecer huma pessoa que se achava no meu estado. Recebendo hum favor taõ inesperado, o meu coraçaõ naõ me cabia de sencibilidade em o peito; e o sono fugiu de meus olhos toda a noute. Na manhã seguinte, eu prezentei á minha sencivel protectora dous botões de metal dos quatro que me ficavam no colete; e era a unica couza que eu tinha que dar-lhe em prova da minha gratidaõ." Pence agora o Leitor, que talvez que alguma d'estas disgraçadas foi depois arrancada da sua cabana pelos brancos; talvez ella estará na America, aonde a titulo de *semi-bruto* será victima da sençualidade e cubissa de algum dos seus habitantes!

Argumento dos contrarios tirado do estado salvagem em que sempre se tem achado a Africa.

Porem, como he (dizem) que com todas essas boas qualidades, nós sabemos que os Africanos tem premanecido sempre em hum estado salvagem, sem que a civilizaçaõ fassa entre elles o menor progresso. " Imaginarios (diz a ja-citada representaçaõ da Habana) tem sido em todos os seculos passados, e imaginarios seraõ, com toda a probabilidade em os seculos vindouros, os bems que aos Negros resulta de os deixar em o seu terreno. Essa Associaçaõ filantropica para adoçar seus

costumes (chamada *African Institution*, em Londres) nada tem adiantado em Serra Leonna nem em parte alguma da Africa. Egual sorte teve a outro que muito antes existia em Londres com o proprio objecto; e apagada, como está a fermentaçaõ que deu o ser a esse pio estabelecimento tudo indica, tudo diz que os Negros seguiram em sua immemoriavel barbaridade, ou destino infeliz, e que esta será o grande fructo da decantada aboliçaõ*."

Reposta preleminar a este argumento.

Imaginarios seriam todos os adiantamentos e bems das Sociedadas humanas, se ao brilhar sobre ellas as primeiras luzes, principiassem os piratas e ladrões mais astutos que fortes a infestar o seu territorio, seduzindo por seu maior saber, a metade do paiz para que destruisse a outra metade; correspondendo ás Instituições sociaes em seu mesmo principio, e convertindo-as em instrumentos de oppressaõ e injustiça; armando os pais contra os filhos, e os filhos contra os pais; e espalhando o terror, a força, a pouca seguridade, e a suspeita, por todo o paiz, sem deixar hum axilo a seus proprios habitantes.

"Ideais seriam os bems que aos Negros resultariam em os deixar em o seu paiz," se esse infeliz paiz houvesse de ser sempre olhado "como huma origem" d'onde hajam de mandar por Homens os ricos da Habana, e os outros que traficam nelles, quando queiram augmentar as suas Fazendas, porque "sómente d'este matto se podem prover com abundancia, promtidaõ, e economia." Em vaõ se cançaria a Sociedade Filantrofica de Londres, tratando de suavizar os costumes dos Africanos, se a outra Sociedade (á qual naõ daremos o nome que lhe compete) em o mesmo tempo está mandando expediçõe para a Africa, para converter seus habitantes em ferras, de modo que elles se devorem hums aos outros.

* Reprezentaçaõ do Cabido, &c. da Habana ás Cortes em 1811, capit. 2º.

" A fermentaçaõ que deu o ser a Instituiçaõ Africana em Londres" naõ está apagada graças a deos; nem estará em quanto houver quem faça ferver o sangue em as veias, reclamando o direito de roubar homens para os vender*. A Sociaçaõ, e todos aquelles que naõ tem manchado as suas maõs com o sangue de Africanos, estaõ inteiramente persuadidos de que a cauza principal do atrazo d'aquella parte do Mundo, naõ nasse da má disposiçaõ de seus habitantes, senaõ das circunstancias a que se tem achado, desde os tempos mais romottos, até que os Europeos foram converté-los em hum mercado de carne humana.

Soluçaõ do problema, porque naõ se tem ja mais civilizado a Africa.

Que a Africa, essa parte do Globo que he quaze huma terça do que ha em o habitavel, nunca tenha sahido de hum estado que se deve chamar barbaridade, comparado com o das outras regiões; hé realmente fenomono, que atrapalha á primeira vista. Porem sem nos deter a examinar a falta de exactidaõ do argumento que se quer deduzir d'aqui, como se isto authorizasse aos Europeos para fazer caçarias dos habitantes d'aquella parte do Mundo; desde logo podemos segurar que meditando a historia da origem, e os progressos da civilizaçaõ e artes, em todos os tempos, e paizes; naõ sómente acharémos a resoluçaõ do problema, mas taõ-bem poderemos inferir por analogia, que os povos do interior d'Africa estaõ taõ civilizados, como estaria outra qualquer raça de homens postos em as suas mesmas circunstancias.

* Os Afazendados da Habana se enganam em quanto dizem a cerca du Associaçaõ Africana. O numero de seus subscriptores e seu ardor de promover a civilizaçaõ em Africa todos os dias cresse; e todos os annos publica huma relaçaõ em qae dá noticia ao publico do estado de sua impreza. Seria impossivel aprezentar aqui o que tem feito em sette annos que leva o Estabelecimento; porem o que naõ devem ignorar os leitores he que cada buque Negreiro que chega á Costa da Africa he bastante para inutilizar os maiores esforços da filantrofia, como se verá mais adiante. A outra instituiçaõ de que fallam os Habanezes, hora huma companhia de commercio que nada tinha de commum com esta.

Como cressem as artes e a civilizaçaõ em os povos? O Reyno das Leys, e da ordem civil devem precedé-las. Das Leys nasse a seguridade; da seguridade nasce a curiosidade; e da curiosidade nasce, em fim, o saber. Ao passo que se acumulam as riquesas se excita a industria; e se adequere o gosto de novos prazeres; se multiplicam as commodidades de todas as classes, e as artes e sciencias brotam ou floressem em o terreno que está preparado d'este modo para recebé-las. Ainda assim seriam provavelmente mui lentos os progressos das artes e sciencias em o povo que nada partecipasse dos adiantamentos dos tempos e das Nações anteriores. A experiencia de todos os seculos nos authoriza a pençarmos como hum axioma indubitavel, que posto que naõ se tem achado paiz algum em que as artes e sciencias, e saber, e a civilizaçaõ, se possam dizer que tem nascido; senaõ que vem espolhar-se de Naçaõ a Naçaõ, das mais ás menos civilizadas. Se poderá pois dizer ¿ de quem devia receber a Africa estes apreciaveis dons?

Sem entrar em as difficuldades da Historia, se sabe que Asyria e o Egypt o foram as duas primeiras Naçoes que subiram a hum alto ponto de civilizaçaõ? Seguem-a os Finicios, colonia Egypcia, situada nas Costas da Syria, cujos adiantamentos e riqueza commercial saõ consideraveis. Elles foram os que levaram os principios de civilizaçaõ, e mórmente a Arte d'Escrever, á Grecia; cujos habitantes se chamavam n'aquelle tempo, ainda mais rudes e barbaros que nenhuma Naçaõ Africana do dia. Conta-se que elles comiam carne humana, e ignoravam o uzo do fogo; e certamente que ainda quando a sua barbaridade naõ tivera sido provada por testemunhas positivas, bastaria para inferi-lo, vé-los tributar honras divinas áquelle que os tirou de se sustentarem de bolotas e outros frutos groceiros, e os ensignou a cultivar as terras.

Depois que os Gregos, pelas circunstancias favoraveis

em que se achavam chegaram ao gráo extraordinario de civilizaçaõ como todo o mundo sabe; a Grecia foi subjugada 150 annos antes de Christo, e os Romanos, seus senhores, levaram as cementes de civilizaçaõ até ás Regiões as mais remotas, aonde elles levaram suas armas. Porem ainda as conquistas dos Romanos se estenderam como nenguem ignora pela Europa e Azia; em Africa, sómente occuparam as Costas do Mediteraneo, que estava mantes povoados por Colonias de povos civilizados. Pelo que pertence ao interior d'aquelle paiz, se pode dizer que estava taõ separado do Mundo culto, como America mesma. Hum mar de arreia perto de 900 milhas de norte a sul, e quaze outro tanto de Oriente a Punente, estava de por meio. Se a cazo alguns aventureiros se atreveram a passá lo, seu numero devia ser taõ pequeno como o mostram as fabulas que corriam entre os Escritores Romanos que fallam d'aquelles Paizes.

Os sequazes de Mahoma destruiram em o Seculo V. as ferteis Provincias Romanas da Costa da Africa, e parece que algumas partidas d'elles, entrando em aquelle Continente, occuparam, em mais ou menos numero, as margens de hum dos Rios mais formozos, do lado alem do vasto deserto que forma, ao Norte, os limites do interior da Africa. Porem he de notar que em quanto os Mahometamos, ao passo que os Romanos com a conquista da Grecia, se civilizavam por influxo do saber das Nações que elles dominaram; as tribos que se estabeleceram em Africa, misturando-se com Nações taõ ignorantes e groceiras como ellas, leveraõ premanecer em a sua natural barbaridade. De outra parte, estes Mahometanos, segundo seus costumes ferrozes, e dogmas intollerantes, conservaraõ os Negros que conquistaram, em huma oppressaõ que he inteiramente opposta ao caminho das faculdades intellectuaes. Porem, a cazo esta hé a primeira occasiaõ em que huma

fraca sombra de cultura entrou em as trévas d'aquellas Nações; e muito de notar que non-obstante a barbaridade dos primeiros conquistadores Mahometanos, e a inimiga que he sua Religiaõ de todo o adiantamento, tal hé o influxo de qualquer Governo fixo, que em districtos da Africa d'onde estes dominaõ, ou os em que elles tem muito influxo, existem seculos ha, cidades popolozas, provincias mal cultivadas, e huma ordem e civilizaçaõ social, apreciaveis.

Porem ainda se pode assegurar que os Africanos carecendo de vantagens que produz o trato com Nações civilizadas tem adiantado em o caminho de cultura mais talvez, que nenhum outro povo das que estaõ por civilizar. Considerem-se os mais dos habitantes primitivos de ambos os continentes d'America em o tempo de seu discubrimento: Veja-se a Nova Hollanda, paiz taõ vasto como he Europa; veja-se o Madagascar, Borneo, Sumatra, e as de mais Ilhas do Archipelago da India, e as do Mar Pacifico. Por ventura, naõ estaõ os Africanos muito mais civilizados do que nenhum d'aquelles povos? O facto he indubitavel. Em lugar de huma raça de salvagens mizeraveis, espalhados em pequeno numero por hum vasto territorio, sem o menor conhecimento de artes e de manufacturas (tal he a situaçaõ da maior parte das nações que acabamos de nomear) vemos que os Africanos do interior se acham em aquelle estado que, segundo nos ensina a Historia, precedem immediatamente ao completo prazer dos bems da sociedade humana; he dizer, quando os habitantes das Cidades, e do Campo se ajudam mutuamente: quando elles principiam a reconhecer os direitos politicos e civis, tanto pelas Leys como em a practica; quando se nota as vantagens que presenta a natureza, e sabem aproveitar-se; quando a Agricultura, e ainda mais que ella, as manufacturas vaõ estando bastantemente adiantadas; quando a povoaçaõ he numerozis-

sima em varias partes; em fim, quando se reconhecem as vantagens da instrucçaõ, e se nota hum grandecissimo dezejo de a adequerir*.

* As siguintes passagens da relaçaõ de Park poderaõ dar alguma ideia do prezente estado de civilizaçaõ em Africa. " Os habitantes do Reyno de Woolli saõ Mandingos, e como os mais d'esta raça estaõ divididos em duas grandes sectas; Mahometanos a quem chamam *Bushreens*, e Pagões, que saõ chamados, sem distincçao *Kafirs* (incredulos) e *Sonakies* (homens que bebem licores). Os Pagões saõ muito mais em numero, e elles saõ os que tem o governo do paiz; porque ainda que os mais respeitaveis dos Bushreens saõ consultados em materias de importancia, naõ lhes he permittido tomar parte em o governo executivo, o qual está em as maõs do *Mansa*, ou soberano, juntamente com os grandes funccionarios d'Estado. O primeiro d'esta gerarquia, he o Herdeiro presumptivo da coroa a quem chamam *Farbanna*. Seguem se lhe os *Alcaides*, ou governadores da provincia, aos quaes se dá mais frequentemente o Nome de *Keames*....Pela morte d'hum Monarca, o filho maior (se tem chegado á idade viril) lhe succede em o Throno. A falta de herdeiro, ou em cazo de ser menor de idade, se reune hum congresso dos principaes do Reyno para chamár á coroa o Parente mais proximo do defunto (geralmente seu Irmaõ) naõ como Regente, senaõ com a excluzaõ de menor. Os gastos publicos se pagam por meio de tributos que se empoem ao povo, segundo o occaziaõ se offrece, e dos direitos sobre as mercadorias que passam pelo Reyno. Os caminhantes que vaõ do rio Gambia assim ao interior pagam direitos em generos Europeos. Ao voltar lhes pagam em ferro e manteiga vegetal que chamam *Sheatolco*. Estes direitos se pagam em cada Cidade." Viagens de Mungo Park, p. 50.

" A industria dos Foulahs em gados, e agricultura, he notavel em todas as partes. Ainda ás margens do Gambia, a maior parte dos trigos saõ cultivados por elles, e seus gados saõ mais numerozos, e se acham em melhor estado que os dos Mandingos; porem em Bondon saõ riquicimos em sumno gráo, e gozam dos artigos de primeira necessidade em grande profuzaõ. Manifestam muita abilidade em o manejo do gado fazendo-o extremamente docil com carinho e familiaridade." Ibid. p. 90.

" Estive hospedado em caza de hum Negro que fabricava polvora. Mostrou me hum saco de nitro muito branco, porem cujos cristaes heram muito mais pequenos que uzam geralmente. Tiram-o em grande quantidade das alagoas que se formam durante o tempo dos chuvas." Ibid. p. 187.

" Segundo as melhores noticias que pude obter, tenho razaõ de crer que Lego contem trinta mil habitantes. A vista d'esta grande cidade, o grande numero de canoas que navegam pelo rio, a multidaõ de habitantes, e o estado de cultura dos campos em torno,

Porem estava reservada para á Africa a desgraça de que as Nações mais civilizadas, achando-a em o es-

forma huma vista de civilizaçaõ e magnificiencia que eu estava bem longe de esperar em o centro da Africa." Ibid. p. 195.

" A isso dos outo passei por hum povo consideravel chamado Kabba, situado em o meio de hum paiz formozo, e bem cultivado, porem semelhante ao centro de Inglaterra, que o que eu pençava que devia ser o centro d' Africa." Ibid. p. 202.

Os Negros em geral, e em particular os Mandingos, saõ tidos pelos brancos em a Costa, por huma raça indolenta e perguiçoza, e eu estou seguro que naõ tem razaõ para isso. Pouca gente ha que trabalha com mais actividade que os Mandingos; porem tendo poucos meios de tirar utilidade do superfulo da sua industria, se contentam com cultivar as terras, que basta para sustentá-los. Os trabalhos do Campo os occupaõ bastantemente em o tempo das chuvas, e durante o tempo seco, os que habitam juntos aos grandes rios occupam-se em pescar. Outros se occupam em a Cassa. Saõ tiradores mui dextros, e assertam a hum lagarto ou outro qualquer objecto pequeno a huma distancia muito grande. Em tanto que os homens se empregam em estas occupações, as mulheres se occupam com grande industria a fazer pano de Algudaõ.

O fio naõ he fino; porem está mui bem trocido, e faz hum pano muito duravel. Huma mulher com mediana applicaçaõ, fia e tece até nove vestidos por anno. O telar está formado, segundo os mesmos que em Europa; porem he taõ pequeno e estreito que a teia he rara vez de mais de quatro pulgadas de comprido. As molheres tingem este pano de hum azul subido, muito bello e duravel, com huma roda mui fina de porpora que naõ cede á melhor tinta da India ou da Europa. Este pano se corta em pedaços, e se coze para fazer vestidos, com agulhas que os mesmos fabricam. Como artes de tecer, tingir, e cozer saõ faceis de adequerir, naõ se consideram como officios; porque quaze todo o Escravo sabe tecer e todos os rapazes cozer. As unicas occupações que saõ todas por officios verdadeiros entre os Negros e cujos mestres se consideram como homens de huma proficçaõ conhecida, saõ os Courtidores e os Ferreiros. Os há em quaze todos os povos. Curtem e preparam os couros muito esperituozamente. Tem grande trabalho para pór os couros sumamente suaveis e flexiveis. Dos couros de Poõy fazem geralmente sandalhas, e assim naõ os trabalhaõ com tanto cuidado como os de carneiro e cabra, dos quaes fazem bainhas para cutelos, espados, sintas, bolças, e huma porçao de armas. Os fabricantes de ferro naõ saõ em tanto numero como os Courtidores; porem aprenderam o seu officio naõ menos bem que os outros. Em o interior da Africa, os Negros fundem este util metal em taõ grande quantidade que naõ sómente se provem com elle de todas as

tado que se tem dito; em lugar de produzir nella os effeitos que poderaõ esperar-se do commercio de hum povo culto com outro que o he menos; em vez de communicar-lhe seu saber e vantagens, em lugar de dispertar nelle as faculdades humanas adormecidas, de excitar o estimulo da industria, derrigindo-o a huma naõ interrompida seria de necessidades, dezejos e gostos; á equeziçaõ de propriedade, e de capital; ao augmento de comodidades, e, por meio d'estabelecimento d'ordem e Leys, aquella seguridade e tranquilidade, em que cressem e se augmentam o saber e as artes; em lugar de a derrigir a tudo isto, tem sido tal a disgraça das Nações Africanas que quando os adiantamentos de Navegaçaõ lhe fez ter trato com os povos civilizados naõ tem sido para melhorá-los, nem para augmentar os progressos que tem devido a natureza; senaõ para depravar-las e offuscar os seus entendimentos; e se se pode uzar de huma palavra nova, quando a disgraçada novidade do facto nos obriga a isso, diremos que para *barbarizá-los*.

A Africa civilizada a proporçaõ que he menos frequetada pelos Europeos.

Com todos estes dados bem poderamos explicar hum fenomeno que apezar de ser contra á experiencia de todos os seculos; hé evidente e constante em Africa. Se se recorre á Historia moral dos homens, e se examina os seus progressos desde a ignorancia e barbaridade

armas e instrumentos que necessitam, mas taõ-bem fazem commercio d'elle com as nações visinhas. Quaze todos os ferreiros Africanos conhecem o modo de fundir o ouro. O reduzem taõ-bem a alambre, e fazem d'elle huma multidaõ de adornos de muito gosto e primor. A penas me deverei passar a dizer que em Bambarra e Kaarta, os Negros fazem preciozos cestos, chapeos, e outros objectos de utilidade e de luxo com juncos que tingem de diversas córes, e tecem do mesmo modo fundas para as cabaças em que levam licores." Ibid. p. 281—285. Ainda que pareça longa esta nota, naõ contem mais que huma muito pequena parte dos testemunhos que ha sobre esta materia, tanto em as Viagens de Mungo Park, como em as Astley, Winterbottom, e varios outros. Os citadas saõ indispençaveis para que os leitores formem alguma ideia dos *costumes* Africanos.

até ao saber e cultura de huma Sociedade perfecta, se achará que ás margens do mar e ás dos rios navegaveis por serem os pontos mais frequentes de outras nações; tem sido tambem mais depressa civilizados. Em elles antes que em outros tem reinado a ordem civil, e as vantagens da Sociedade com a agricultura e a industria; em elles tem florecido primeiramente as artes e as Sciencias, e d'elles tem penetrado até aos povos da terra á dentro. Porem tudo o contrario succede em Africa. Alli se vem que os povos da Costa estaõ em hum estado de absoluta ignorancia e barbaridade, sendo assim que saõ os que tem tido mais trato e por mais tempo com os Europeos; em tanto que os povos do interior, aonde ja mais se viu a cara a hum branco, se acham mais adiantados em quanto a bems e comodidades de vida social.

Este he fenomono taõ extraordinario, e manifesta taõ claramente os perniciozos effeitos que o trafico em Negros tem em a prosperidade da Africa, que elle só bastaria para condenná-lo. Em quanto á certeza do facto, so naõ negamos a dár credito aos testemunhos mais authenticos, sustidos por elles, ainda sem elles bastaria a razaõ só; nada pode estar mais fora de duvida. Concluamos, pois, que longe de ter motivos para suspeitar incapacidade de civilizacaõ em os Negros, os temos mui grandes para cré-los taõ dispostos para ella, por natureza, como outro qualquer povo do Mundo. De que junto á costa onde naõ ha seguridade nem órdem, tinham os habitantes degenerado até sumergirem-se da mais profunda ignorancia e barbaridade; naõ nos podemos admirar da cauza do muito tempo que tem estado em circumstancias incompativeis com os progressos da civilizaçaõ: objecto da nossa admiraçaõ he ver que non-obstante o perniciozo influxo de Commercio em Escravos, se acham em o interior d'Africa Reinos com tantos adiantamentos, como temos visto. Porem o Ceo tem disposto benignamente que o corpo moral,

á semelhança do fisico possa existir em circunstancias mui duras e debaixo de influencias mui damnozas: sofre, he certo, em a sua sahude e vigor; porem naõ acaba de todo. Assim succede que as provincias do interior da Africa, ainda que padessem infinito pelo trafico em Escravos; naõ he tanto como em a Costa, aonde estes males chegam a quebrar os laços primitivos do Sociedade, e a destruir os seus fundamentos. O trafico em Escravos pode contemplar-se como hum mal gravissimo a respeito do interior do Africa; porem em a Costa he aonde aparece taõ horrivel em seus effeitos, que se naõ pode duvidar hum ponto em dar-lhe a mais espantoza pre-eminencia sobre quantos males sofre o Mundo. Por espaço de 300 annos tem estado esta peste devorando esses povos; ainda naõ tem passado hum em que o seu influxo se tenha interrompido. Sette annos há, naõ mais que a Instituiçaõ Africana se fundou; e em estes mesmos, tem estado a varias partes d'America enchendo-se de novos Escravos: os homens beneficos naõ fazem mais que principiar a contra-restar o influxo de seculos em aquelles infelizes povos; a penas tem tido tempo para lançar as primeiras cementes de civilizaçaõ entre elles: ¡ e ha valor para que os que com Rios de Sangue os estaõ afugando agora mesmo se riaõ deste nobre empenho, e tratem de *semi-brutos* aquelles que elles naõ permittem serem homens *!

* A Africana Instituiçaõ he huma Associaçaõ de Sugeitos particulares que se reuniram em o anno de 1807, acabado de passar a Acta do Parlamento que aboliu o trafico em Escravos na Inglaterra. Seu objecto he de promover a civilizaçaõ em a Africa por via de indemnizaçaõ do muito que a tem atrazado os negociantes em Negros. Para isto naõ poupaõ meios de ensignar áquelles naturaes o cultivos das produções que se daõ melhor em aquelles paizes, e até tem estabelecido escolas para insignar as crianças Negras que enviam a ellas seus pais. Estes se voltaram para o interior instruidos, e espalharam os bems da civilizaçaõ entre os seus compatriotas. A operaçaõ d'estas luzes necessita de muito tempo; porem nenhum bastará, se ao paço que se trata de as espalhar, se continua por outro parte o trafica que se tem conser-

CAPº. III.

COMO SE CONDUZEM OS ESCRAVOS DO CENTRO A' COSTA.

" JA pelo menos (poderiamos aqui exclamar como hum dos mais nobres defençores de Negros o fez em o Parlamento d'Inglaterra*) ja pelo menos temos ganhado huma victoria em favor d'estas infelizes creaturas; temos feito que se reconheçam por indeviduos da natureza humana—dignidade que seus contrarios naõ se envergonham de lhes negar." Porem longe do que isto possa servir de algum alivio á imaginaçaõ das pessoas senciveis que lerem esta doloroza historia; sómente poderá servir d'aqui em diante de agravar a afflicçaõ que os espera, vendo que essas creaturas racionaes; esses homens, molheres, e crianças, com quem hum desegual parentesco de humanidade os emlassa saõ victimas de huma crueldade que as estremeceria se a houvissem contar como executadas em ferras. A historia que vai principiar, posto que naõ ordenada, e diminuta; naõ se poderá ler sem lagrimas, a naõ ser pelos negociantes de Escravos; porem a humanidade

vado, e augmentado a barbaridade d'Africa. Que couza taõ horrivel he que em tanto que a *African Institution* emprega alli Commissionados para taõ benefico objecto como se vé, tenham os negociantes Habanciros seus Agentes para lhes enviar Homens, molheres, a Crianças comprados como bestas. Este agente se achava em Abril de 1811 estabelecido em Sherbro, e se chama J. N. Dolz.

* O Snr. Wilberforce em o Debate de 18 Abril de 1791. Vide Clarkson's History of the Abolition of the Slave Trade. Vol. IIº. p. 202.

Com effeito ainda no principio se começou a allegar a inferioridade dos Negros, os deposições das testemunhas foram tantas e taes, que em os Debates que seguiram, nenhum dos contrarios se atreveu a tocar este ponto.

exige as lagrimas ; a noticia d'estes horrores he o que unicamente pode acabar de pôr remedio.

As Costas d'Africa naõ podem prover o numero d'Escravos que os Europeos tem acostumado a transportar por taõ longa serie de annos. Em ellas habitam principalmente aquelles a quem a cubissa, e a crueldade Europeia tem convertido em instrumentos d'Escravidaõ de seus compatriotas. Em o capitulo primeiro se disse como estes factores Negros vaõ ao interior para trazer Escravos quando chegam barcos por elles ; e agora daremos a discripçaõ de huma d'estas Viagens, quaze com as mesmas palavros de huma testemunha occular.

Relaçaõ da Viagem que fez Mungo Park com huma caravana de Negros.

Quando o disgraçado Mungo Park tornava da sua primeira viagem do interior da Africa, se agregou a huma caravana de *Slatees*, ou factores de Negros, que levavam alguns Escravos para os vender em a Costa. Varios d'elles tinham estado em os ferras trez annos, esperando por quem os comprasse. " Todos manifestavaõ grande curiosidade" (diz Park) " a cerca de sua sorte ; porem no principio olhavam para mim com horror, e me preguntavam repetidas vezes se os meus compatriotas comiam carne humana. Estavam anxiozos de saber o que se fazia dos Escravos que passavam a *Agoa Salgada*. Eu lhes disse que se empregavam em cultivar as terras ; porem elles naõ queriam acreditarme ; e hum d'elles, tocando a terra com a maõ disse com grande simplicidade, he possivel que tenhaes na vossa terra hum terreno como este ? A firme persuaçaõ em que estaõ de que os brancos compram os Negros para comélos, ou para os vender a outros que os comem, faz que os Escravos olhem com incrivel horror a Viagem á Costa ; de sorte que os *Slatees* se vem obrigados a telos constantemente em os ferros ; e a estar álerta continuamente para que elles naõ fujam. Ordinariamente os seguram pondo a perna esquerda d'hum, e a direito d'outro em hum mesmo par de ferros que pendurados de huma corda os deixam caminhar, posto que muito

devagar. Cada quatro Escravos vaõ attados tambem pelo pescosso com correias retrocidas; pela noute se ataõ as maõs com aneis de ferro, e algumas vezes se poem huma cadeia de ferro ao pescosso.

" Aos que manifestam descontentamento os asseguram do outro modo. Cortam hum pedasso grosso de madeira, como de trez péz de largo, e lhe abrem em hum lado hum boraco em que metem a perna, e logo a fexam com huma forte argola de ferro."

" Em quanto ao mais, o trato que déram a estes Escravos, durante a nossa residencia em Camalia naõ hera nada cruel ou rigorozo*. Todas as manhãs os tiravam, com os seus ferros, para á sombra de hum tamarindo aonde os excitavam a jogar jojos de hazar, e a eantar cantigas divertidas para os ter de bom animo; porque ainda que alguns d'elles aguentavam os trabalhos da sua situaçaõ com fortaleza admiravel; pela maior parte, elles se achavam muito abatidos, e estariam sentados todo o dia cheios de huma grande tristeza, e hums olhos gravados sobre a terra. De tarde se examinavaõ os ferros, e se lhes punha os Algemas; de-pois d'esto os inceravam em duas cabanas, aonde estavam guardados toda a noute."

Tragico fim d'huma das Escravas n'esta viagem.

" Certo dia huma das Escravas se manifestou muito obstinada, e naõ quiz beber o que lhe davam. Logo que amanheceu nos pozemos em caminho, e andamos toda a manhã por hum matto escabrozo, que me molestou muito os pez; couza que me deu grande medo de naõ poder seguir com a caravana; porem a minha apprehençaõ se calmou com ver que os outros estavam ainda mais cançadas do que eu. Mormente a Escrava que naõ tinha querido tomar nada pela manhã, principiou a ficar-se atraz; e a queixar-se muito de dores em as pernas. Tiraram-lhe a carga e pozeram-a em outro Escravo; e a ella a fizéram hir a diante. As onze

* D'aqui se pode inferir quam disposto estava Mungo Park a naõ exagerar nada em ponto aos Escravos.

horas, estando descançando á borda de hum ribeirinho, alguma da nossa gente discubriu huma colmeia no ouco de huma arvore, e tendo se chegado para tomar mél, nos acometeu o maior enchame que eu vi ja mais nos dias de minha vida.....A pobre *Nili*, (este hera o nome da Escrava) naõ teve forças para fugir, e se foi arrastando assim ao ribeiro, pençando defender-se em a agoa; porem isto naõ lhe valeu, e as abelhas a pozeram feita hum monstro."

" Os *Slatees* lhe tiraram os aguilhões que poderam, lavaram-a com agoa, e a esfregaram com ervas; porem a disgraçada se negou obstinadamente de hir avante, protestando que antes queria a morte de que dar hum só paçõ. Naõ valendo rogos, nem ameaços, se recorreu a latigo: sofreu alguns golpes com paciencia, e logo se esforçou a andar, caminhando quatro ou cinco horas a hum passo regular. N'este tempo ella quiz fugir da caravana; porem ella estava taõ debil que deu com-sigo por terra. Ainda que naõ se achava capaz de por-se em pé, se recorreu novamente ao latigo; porem foi sem effeito. Vendo isto, *Karfa* mandou a dous dos *Slatees* que a montassem sobre o buro que levava as provisões; porem ella naõ podia suster-se sobre elle; e o animal que hera indomito, nao sofria a nova carga de modo algum. Os *Slatees* naõ queriam perdé-la, porque ja estava quaze concluida a jornada do dia; e assim fizeram huma especia de andas de canas de bambû, a que a ataram com tiras de corxa: dous Escravos a levaram em os hombros, e outros os seguiaõ para os re-levar. D'este modo foi conduzida até que se fez noute—tempo em que chegamos a huma corrente d'agoa d'ao-pé de hum monte chamado *Gankarankora*, aonde nos paramos a passar a noute, e nos pozemos a preparar a ceia. Como naõ tinhamos comido mais que hum bocado na noute antecedente, caminhando todo o dia de-baixo de hum sol ardente, alguns dos Escravos que vinham carregados, se achavam muitissimo cançados; e alguns

d'elles commeçaram a fazer castanhetas com os dédos, couza que entre os Negros he signal serto de desesperaçaõ. Vendo isto os *Slatees* lhes pozeram os ferros; e alem d'isto, ataram as maõs aos que se manefestavam mais impacientes, pondo-os separados dos outros. Pela manhã se achavam melhores.....Acordaram a pobre *Nili* ao amanhecer; porem ella tinha todos os seus membros taõ pasmados e dolorozos, que se naõ podia conter em pé. Pozeram-a com hum cadavel sobre o buro; e para que naõ cahisse lhe ataram as maõs abraçando o pescosso do animal e as pernas por de-baixo da bariga, com tiras de corxa; porem naõ se pôde socegar a besta; e como a infeliz *Nili* naõ podia segurar-se, bem promtamente veio a terra, com huma perna horrivelmente mal tratada. Vendo que hera impossivel de seguir com ella adiante, todos os da caravana gritaram de huma voz "*cortaõ-lhe o pescosso;*" —operaçaõ que naõ quiz ver; e segui adiante. Naõ teria andado huma milha, quando hum dos Escravos domesticos de Karfu veio a mim, trazendo-me o vestido da pobre Nili em a ponta do seu arco, e exclamou "*Nili aflita* (Nili he perdida.) Preguntei-lhe se os *Slatees* lhe tinham dado o vestido pelo trabalho de a degolar; elle me respondeu que Karfa.....naõ tinha consentido nisso, senaõ a tinha deixado no meio do campo onde seguramente morreria bem sedo, o seria devorada pelas ferras."

Frequencia de semelhantes horrores.

Naõ se necessitam mui poderozas authoridades para crer que succederam muitos d'estes cazos; porque se considerar-mos bem as circunstancias da viagem, a grande distancia, e deserto do caminho, o cançasso, e a desesperaçaõ dos Escravos; a dureza natural dos conductores, e a qual podemos chamar indispençavel, supposto o objecto da sua impreza; se pode discorrer que naõ haverá huma sô Viagem em que naõ se repitam scenas semelhantes a que (naõ sem espanto!) acabamos de citar. O mesmo Mungo Park conta de outro Escravo,

a quem faltaram as forças antes de chegar á Costa; e naõ bastando o latigo paro faze-lo andar, foi entregue a outro Negro que dentro de pouco tornou sem o infermo, o qual, na opiniaõ de todos, tinha morido ás suas maõs.

Porem concluamos a emperfeita sombra da infeliz viagem a que daõ motivo os que fomentaõ ainda que indirectamente, o trafico em Escravos: concluamo-lo com outra scena, se naõ taõ horrivel, na verdade mais terna e mais doloroza, com a qual Park termina a sua narraçaõ.

" Hum dos Escravos da caravana tinha caminhado os trez ultimos dias com grande trabalho, e se viu que naõ podia seguir. Seu amo (que hera hum cantor) tratou de o trocar por huma rapariga que pertencia a hum dos visinhos do povo, aonde a caravana tinha feito noute. A infeliz naõ soube nada disto, até que estando ja feitos os fardos, pela manhã, e todos para se porem em marcha; veio ella com outras molheres a ver nos sahir: entaõ seu amo tomando-a pela maõ a entregou ao Cantor. Ja mais se viu mudança taõ repentina de hum rosto sereno, em semilhante de dór taõ profunda. O terror que ella manifestava quando poz a carga sobre a cabessa e se lhe atou a córda ao pescosso; a pena com que se despidiu de suas companheiras naõ haveria peito a quem naõ internecera."...." Ainda que ja se terminava o fim da minha cançada e trabalhoza viagem, e ainda que o seguinte dia esperava achar-me entre meus patricios e amigos; naõ pude separar-me para sempre de meus disgraçados companheiros sem compaixaõ, lembrando-me que estavam destinados a huma vida d'Escravidaõ e de captiveiro, em terra Estrangeira. Durante huma penoza peregrinaçaõ de mais de 500 milhas expostos aos rayos do ardente sol dos tropicos; estes infelizes Escravos se compadeciam de mim, esquecendo-se de seus trabalhos, infinitamente maiores do que os meus; e de proprio moto, costu-

mavam com frequencia trazer-me agoa com que apagasse a minha cede; e de noute cortavam ramas e folhas de arvores para me fazerem huma cama no deserto. Separá-mos nos com mutuas expressões de bençoa e de sentimento. Nada tinha que das-lhes senaõ a bençoa do Céo, e meus boms dezejos; e seguramente me consolou houvir-lhes dizer que hiam satisfeitos de que naõ estava na minha maõ outra couza."

CAPº. IV.

CHARACTER GERAL DOS CAPITÃES DE BUQUES NEGREIROS E DOS CONDUCTORES D'ESCRAVOS: MIZERIAS DAS PASSAGENS A'S COLONIAS.

Razões geraes que ha para se fazer esta pintura.

PARECERA injusto á primeira vista imprender huma discripçaõ geral do character de huma multidaõ de homens que naõ tem mais de commum entre si, que acharem-se empregados, quaes por mais, quaes por menos tempo, em a conduçaõ d'Escravos para vendélos em os mercados d'America. Porem se se reflexiona que todos as occupações da vida produzem sertos habitos communs a quantos os exercitam, e se nota ao mesmo tempo, que ha algumas, que por sua natureza produzem mais promta e profundamente que outras, certas impressões no espirito; o Leitor imparcial naõ condemnará de ante-maõ, a intencaõ de discriver os rasgos geraes que a parte activa do trafico em Negros deve impremir em os que a tomam; e em fim he de esperar que aprove a pintura por verdadeira, e exacta,

quando escute á razaõ dictá-la, e á experiencia reconhecé-la.

A observaçaõ constante e universal dos homens convem em que ha certos officios, que ainda que sejam indispençaveis á Sociedade, supoem hnm serto máo character em o homem que os toma; e d'esta persuaçaõ he prova o horror com que se olha em toda a Sociedade civil para os Algozes, e a todos aquelles que por salario se encarégam de castigar a outros homens cauzando lhes dor corporal por suas proprias maõs; sem que este horror e abominaçaõ deminua pela consideraçaõ de que o castigo que se offrecem a dár será bem merecido em os que hajam de o sufrer.

Se o homem que se acha disposto para ser instrumento de dor que a justiça ordena, hé olhado com horror, porque se supoem que elle caresse sencibilidade characteristica de todo o coraçaõ humano; quem poderá crer que haja hum só, que dotado de qualidades compassivas, se offreça a capitaniar huma expediçaõ que vai a Costa d'Africa, ainda que naõ tenha mais ideia das mizerias que cauza o trafico, senaõ a que naõ pode occultar-se a nenguem; he dizer, que vai a trazer homens, molheres e crianças forçadas? Devemos, pois, assentar como couza indubitavel que naõ pode haver nenhum Capitaõ nem Chefe de barco Negreiro, que seja compassivo e humano por natureza.

Note-se, em segundo lugar, que nada se embota tanto com o costume, como a sencibilidade compassiva. Os olhos se acostumam á mizeria, os ouvidos aos queixumes os mais lastimozos, com huma facilidade extraordinaria. Ponha-se o homem mais sencivel em necessidade de ver scenas dolorozas, e se a força da impressaõ o naõ abate; promto chegará quando menos a ve-las com indifferença. As Damas Romanas viam com entuziasmo os combates dos Esgremidores, e o mesmo succederia a todas do Mundo se se creassem levando-as ao Ampheteatro.

Adevirta-se, em terceiro lugar, que a Ley constante

da natureza do homem, he que procure afogar todo o sentimento moral que o molesta ou inquieta; e que tal he o poder da vontade em este ponto, que converte em verdadeiras bestas ferozes a quantos se empenham em exercé-lo. Isto succede sempre que certa especia de necessidade nos obriga a proceder constantemente contra a vóz da compaixaõ, ou o dictame da consciencia. O que por seus máos passos se acha Réo de certos delictos e forçado pelas circunstancias a fazer-se, por exemplo, hum bandoleiro; se despoja por precizaõ de todos os sentimentos de humanidade até tal ponto, que a lingua Portugueza o expressa com a verdadeira e filosofica expressaõ "*de lançar a alma atraz.*"

Naõ ha homem que naõ possa *lançar a alma atraz:* e hums com mais facilidade de que os outros. D'esta classe deve ser todo o Capitaõ, ou Chefe da expediçaõ que vai por Escravos; porque, como está provado, deve ser cruel e incencivel por natureza. Todo o homem perde a sencibilidade compassiva pelo costume de ver objectos dolorozos: o Capitaõ do Buque Negreiro naõ vé outra couza durante a sua viagem. Todo o homem afoga a sua sencibilidade quando naõ tem outro recurso para occulta-la: o Capitaõ do Buque Negreiro, e quantos o accompanham e ajudam nesta expediçaõ, seriam moral, e fisicamente, victimas de sua compaixaõ se tendo-a por natureza, naõ se empenhassem com o maior esforço em occultá-la. Se a disposiçaõ natural, o costume, e a necessidade se combinam para despojar huma classe de pessoas de todo o sentimento humano, que seraõ senaõ verdadeiras ferras? Assim he que todo o que se emprega activamente em a conducçaõ de Negros he hum monstro por officio.

Factos horrendos dos Capitaes Negreiros que resultaram provados em o

Aquelles que tenhaõ prezente estes infaliveis principios, naõ poderaõ ademirar-se, posto que os façam tremer, os factos que rezultaram provados perante o Parlamento Britanico contra os Capitães empregados em o trafico. Se naõ referir-mos mais que dous he

porque tememos que hajam poucas pessoas senciveis que poderaõ seguir avante, e a humanidade lhes pede muitas lagrimas antes que acabem de ler esta Pintura. Parlamento Britanico.

Conhecida he em todo o Mundo a generosidade dos Marinheiros Inglezes, e cheiós estaõ os livros de cazos em que por salvar a vida aos outros expozeram as suas sem a menor consideraçaõ. Porem o effeito da conducçaõ em Escravos he tal como se verá em o facto seguinte, citado pelo Snr. *Wilberforce* em o Debate da Camara dos Communs em os 18 de Abril de 1791.

"Hum barco Negreiro emcalhou n'hums baixos chamados *Morant Keys* a poucas legoas da ponta mais oriental da Jamaica. A tripulaçaõ escapou em botes com armas e provisões, deixando abordo os Escravos como estavam, em os ferros. Isto aconteceu de noute. Ao amanhecer se viu que os Negros tinham quebrado as suas prisões e estavam empregados em fazer balças; sobre as quaes, quando estiveram concluidas, pozeram as molheres e as criancas. Os homens se deitaram a nado ao redor das balças em que tinham posto as crianças, para que o mar as naõ levasse, e para dirigilas á Costa. A tripulaçaõ que os viu vir d'este modo a terra, discorreu que as provisões e agoa que tinham salvado naõ bastariam por muitos dias para todos, e determinaram matá-los quando elles estivessem juntos á terra. D'este modo mataram de trezentos a quatro Centos. De todo o corregamento somente, se salvaram trinta-e trez que foram levados a Kingston, e vendidos alli *.

Em outro Buque Negreiro †, segundo consta das deposições de testemunhas perante a Camera dos Communs, vinha huma criança Negra de dez mezes com sua Mãy. Serto dia a pobre creatura naõ quiz comer o que se lhe dava. O Capitaõ o soube, e jurou que ou

* Clarkson's History of the Slave Trade, Vol. II. p. 242.

† Discurçe de Snr. William Smith em o Debate de 1791.

havia de comer, ou a havia de matar, e a assoutou cruélmente com humas diciplinas. O rezultado d'este cruel tratamento foi que se lhe encharam as pernas extremamente. O Capitaõ ordenou que lhe trouxessem agoa quente para banhá-las. Trouxeram-a como estava fervendo em a cheminé, e dizendo o Cuzinheiro que hera necessario esfriá-la, respondeu com hum juramento, que como estava havia de banhar n'ella a criança. Fé-lo assim e as unhas, e a pél ficaram na agua. Pozeram-lhe hums panhos empapados em azeite sobre as chagas, e a atararam a hum pezado madeiro. Dous ou trez dias depois o Captm. o tomou outra vez, jurando que ou o havia de fazer comer, ou o havia de matar. Assoutou-o novamente; e tendo o deixado dentro de hum quarto d'hora morreu o pobre rapaz. Naõ cessou com isto aquelle monstro. Chama a sua Mãy para que o deitasse ao mar. A disgraçada se recuz-ou a fazé-lo: porem o Capitaõ mandou assoutá-la até que ella o executasse. Em fim esta infeliz Mãy agarou o cadavel de seu filho, e voltando a cara para o outro lado, o deixou cahir no mar."

Quizera o Ceo que nos restasse o alivio de suspeitar exajeraçaõ em as circunstancias d'estes cazos! Porem em vaõ a busca a imaginaçaõ espantada. De nada serveria (disse o Snr. Wilberforce acabando de referir o primeiro d'elles em prezença de todos os Deffençores do trafico) de nada serveria o empenho de negar-se a crer os horrores de hum cazo particular: hum, e outro, e outro se prezentam em successaõ naõ-interrompida; e nenhum cede ao anterior em barbaridade. As minutas das deposições saõ hum composto delles*. Porem, lembré-mos nos dos principios que

* O Snr. Fox em o mesmo Debate de que se fez mençaõ d'este e d'outros horrerozos factos, applaudiu a determinaçaõ dos membros que as tinham relatado, apezar de que a Camera toda se tinha extremecido quando os ouviu. Nenguem tem ouvido (disse aquelle homem celebre) que os ponha em duvida. A historia de criança

deixamos estabelecidos, e acharemos que semelhante character de ferreza, taõ longe está de ser falço, que seria hum milagre, naõ aclá-lo em mais ou menos, em os Conductores de Negros. As mizerias esenciaes e inevitaveis da viagem que levam a seu cargo, naõ lhes permite ser outra couza que o que temos dito, e do que temos visto; porque naõ podendo evitá-las, ainda quando quizessem, nem apartá-los hum só instante de sua vista, hé indispençavel que se fassam incenciveis a toda a impressaõ compassiva. Huma brevissima discripçao da viagem de mar nos convencerá d'isto.

Mizerias dos Negros durante a viagems por mar.

Hum buque destinado a fazer huma larga viagem, deve naturalmente caregar-se quanto possa, do genero que ha de pagar com o seu producto os gastos, e deixar allem d'isto huma ganancia proporcionada aos perigos. Sendo o caregamento homens, molheres e Crianças, he indispençavel que se carégam em os barcos que os trazem, de modo que dicte o dezejo de ganancia dos armadores e interessados. Quando pela primeira vez se averiguou em a Camera dos Communs o numero de Negros que traziam os barcos empregados em este trafico; foi tal a indignaçaõ geral que ainda que a cessaõ d'aquelle anno estava para concluir-se, se prezentou, e passou hum *Bill* limitando o numero que cada Buque havia de trazer, fixando tantos por tonelada. Isto se fez com atterçaõ aos informes que se tomaram, e aos dados que prezentaram os Commerciantes em Negros, pelos quaes se via que limitando o numero

Negro, tem dito alguns he dismaziadamente horreroza para ser verdadeira; porem tendo recorrido ao exame das testemunhas a ver se se discubriu algum indicio de falcidade, aparece que aquelle que o relatou, sufreu o interrogatorio mais muido e de hum modo o mais honrozo á sua veracidade; e que tendo-se empenhados os individuos os mais habeis da Camara em ver se podiam discubrir alguma contradicçaõ ou inconsequencia em suas repostas, naõ poderam discubrir outra duvida que a de sim o facto tinha acontecido o mesmo dia e mez do anno 1764, ou o de 1765." Clarkson, Vol. II. p. 321.

mais do que o tinha feito o *Bill*, as expedições sahiriam ruinozas aos armadores. Sentado isto, do que inferirá o Leitor que nenhum armador, seja da Naçaõ que for, quererá levar menos Escravos por tonelada do que os que concedia aquelle Bill aos Carregadores Inglezes; poderá tomar em consideraçaõ os seguintes factos.

Em o anno de 1789 enviou o Governador Inglez o Captm. d'Armada Real Parrey, a Liverpool para que tomasse exactas medidas dos Buques Negreiros que se achavam n'aquelle Porto. Voltou com ellas, e se deram ao publico a Associaçaõ que em aquelle tempo se tinha formado para promover a cauza da aboliçaõ do trafico, fixando-se sobre o primeiro dos Buques que vinha em a lista, chamado o *Brooks*, fez gravar a lamina que vai de fronte, dibuxada com exactidaõ mathematica segundo as dimençõnes do dito Buque, e as proporçõnes seguintes. Deu-se para cada Homem o espaço de seis pez de comprido, e hum pé e quatro pulgadas de largo; a cada Molher cinco péz de comprido, e hum, e quatro pulgadas de largo; a cada Rapaz cinco pez de comprido e hum e duas pulgadas de largo; a cada Rapariga quatro pez e seis puls: de comprido e hum de largo. Tome-se o compasso, e devida-se, segundo a escalla, o espaço do Buque conforme estas medidas, (e deduzindo as molheres postas em o espaço Z das fig. 6 e 7 cujo espaço devia reservar-se para os Marinheiros segundo o *Bill* de que temos feito mençaõ) e se achará que este Buque sómente podia trazer quatro centos e cincuenta Escravos, em a forma que prezenta a lamina: e se o Leitor quer tomar o trabalho de contar as figuras, deduzendo as que temos dito, verá que amontaõ exactemente a este numero. Depois de ter imaginado qual será o estado d'estas creaturas postas de semelhante modo para huma viagem taõ longa, note que o dito buque podia (segundo o *Act* do Parlamento, destinado a alivio dos infelizes Negros, formado conforme as de-

clarações dos Negociantes, respeito ao numero que hera indispençavel, para que a expediçaõ fosse util) note, lhe supplicamos, que a esse mesmo Buque, cuja pintura exacta está olhando, se lhe permita trazer *quatro centos cincuenta e quatro Escravos*, he dizer quatro mais do que vem pintados em a laminá *.

Este he o discanço que aguarda aos Negros infelizes depois de huma viagem que fazem desde o centro d'Africa em os termos que estaõ descritos.

Para seguridade do buque he precizo que se lhe ponham ferros e cadeias; he indispencavel encerá-los

* Isto he tanto mais applicavel ao trafico que estaõ fazendo agora os Espanhoes e Portuguezes, quanto que naõ se acham seus buques sugeitos a regulamento algum. Com effeito hum dos buques que de baixo da bandeira de huma d'estas duas Nações se deu por boa preza em Serra Leonna no anno de 1811, por ter-se achado que héra propriedade de hum Americano do Norte, de baixo de papeis fingidos, levando *duzentos e outro Escravos* de ambos os sexos. Tinham, allem disto, em o buque dez-a nove pessoas entre a tripulaçaõ e passageiros, e de quinhentas a seis centas sacas de arroz em a bodega. O barco héra de *setenta e trez* toneladas, he dizer de 217 toneladas menos que o que está em a lamina.

A *Thais*, Capitaõ Scobfle chegou a Portsmouth, tendo-se feito á véla desde Serra Leonna em 4 de Agosto....A Thais esteve dez ou dez-a-oito mezes cruzando sobre aquella Costa. Ainda que por disgraça da Humanidade e dos melhores da Africa o trafico em Escravos continua sempre de baixo das bandeiras Espanhola e Portuguezá, temos a satisfacçaõ que em Junho passado, o Thais destroiu a ultima factoria dos subditos Britanicos que estavam em Mazurelo. Os proprietarios d'este Estabelecimento heram Joaõ Bostock e Thomas M'Quin, que tem sido conduzidos em a Thais sentenciadas a transportaçaõ por 14 annos. A Thais desembarcou 40 homens de sua tripulaçaõ mandados pelo Tenente Wilkins para executar este acto de humanidade. Os factores fizeram resistencia para avançar ao assalto, mattando a hum homem, e afogando outro. Em a factoria se acharam 233 Escravos, que foram postos em liberdade. O Thais aprezou sobre a Costa varios buques com bandeira Portugueza e Espanhola carregados de Escravos. Hum d'elles prezentou outro dos scenas horrérozas que saõ proprias do trafico. *O Buque hera de 133 toneladas, surtimento para o Brazil; levava 375 Escravos. Ao tomar a Thais possessaõ do buque, trez d'elles se acharam sofocados por falta de respiraçaõ.*—Vid. Morning Chronicle de 6 Dezembro de 1813.

em a bodega da noute, e ainda de dia, em tempo de tormenta. Em cazos de epedemia, se contagiam como succede, de diareia de bixigas, ou outras infirmidades d'esta natureza; se verificam taes scenas que naõ se podem imaginar sem mesmo nausea*. Porem sem isto a incompaixaõ e a mizeria he infenita em qualquer barco Negreiro. Aquelles infelizes homens de diversas Nações, linguas, e character, nûs, apinhados, juntos hums com os outros, e tirados sobre as taboas se despadaçam contra ellas em tempo de tempestada, e se atormentam hums aos outros sem querer, e os ferros lhes chagam as pernas. Naõ a compaixaõ, porem o dezejo de que naõ morram antes de chegar ao mercado, faz com que os conductores os obrigam a comer, e a fazer algum exercicio. Muitos d'elles tem fastio; outros naõ querem comer por disesparaçaõ e dezejo de morrer: os de mais, aborecem o exercicio por cauza do marreio, e abatimento do espirito. A tudo isto he precizo que acuda a incencibilidade de seus conductores com remedios aptos ao cazo. Ao que naõ quer comer, ou baillar, quando, lhe tocam (se poem sempre com grilos) se lhe obriga a latigaços. Se elles resistem a tomar alimento, apezar do castigo, se lhes abre a bouca, e se deita a comida fazendo-a tragar por força. As paixões d'estes disgracados irritadas por estes tratamentos, irritaõ á proporçaõ as dos seus oppressores. A colera do Capitaõ ou Marinheiro cresce vendo a irritaçaõ a resistencia do Negro; e o furrór apaga até á mais pequana faisca da compaixaõ que podia ficar-lhe. Os Escravos saõ olhados como hums animaes indomitos, que he hum prazer dominar, com castigo. Qual verá a afflicçaõ interior, que pezo de desesperaçaõ infernal, ou de mortal abatimento se apoderará d'aquellas Creaturas tratadas d'este modo, e atormentadas com a ideia da seperaçaõ de quanto amaõ; ou com a vista de suas mulheres, e filhos, se vaõ, como succede naõ

* Tudo isto consta das deposições judiciaes.

raras vezes em o mesmo barco: aquellas mal-tratadas, estas violadas diante dos seus mesmos olhos! Naõ he pois estranho que os Négros se acham durante a viagem taõ anxiozos de se darem a morte, que a penas basta o incessante desvelo da tripulaçaõ para evitá-lo. Cazos se tem visto de Negros, que tendo podido lançar-se ao mar, tem estado alguns momentos fazendo com as maõs signaes de triumpho, e insultando os seus oppressores, antes de hirem a fundo, e adoçando o prazer de ter escapado á sua barbaridade. Infira ja o Leitor qual será o character dos que estaõ promtos a viver dous eu trez mezes entre as scenas que prezenta hum caregamento de Negros: ás mandar, e executar, a serie de opperações diarias que requer, voltando satisfeitos com o bem ganhado fructo do abismo da maldiçaõ e dor, que tem conduzido em o seu barco. Hum salteador d'estrada naõ será imagem da sencibilidade e innocencia comparado com taes homens?

SEGUNDA PARTE.

CAPº. I.

O COMMERCIO EM NEGROS CONSIDERADO SEGUNDO AS LEYS DA MORAL HUMANA.

O VER-NOS obrigados a tratar esta materia como se fosse huma contravercia obsura, em que se necessitasse de toda a arte de raciocinio para chegar desde e ponto em questaõ até aos primeiros principios quẽ devem decedi-la; naõ podemos occultar huma reflecçaõ melancholica que nos pinta o abismo do erro, e da depravaçaõ de que o intendemento e coraçaõ humano saõ suceptiveis. A ligeira e imperfeitissima Pintura que temos prezentado das mizerias, tormentos, e horrores, que produz o trafico em Negros; parece que por si mesmo, e por huma especia de inconveniente intuitivo deverá excitar a indignaçaõ de todos os homens civilizados, e quẽ para ficar unanimente condemnado, naõ seria necessario outra couza senaõ ser geralmente conhecido. Porem a vóz do interesse he taõ poderoza, e esta paixaõ com-que todas as de mais tomam parte, e quaze se indentificam, sabe produzir tal confuzaõ com seus clamores, que o doce echo da razaõ e humanidade, ainda que se faz ouver em toda sua pureza, em o primeiro momento; quaze vem logo perder-se entre a feroz algazara de seus contrarios.

Exemplo mui palpavel e dolorozo d'isto, nos offrece o cazo prezente, em quanto pertence á Naçaõ Espanhola. Misturada com a ideia dos melhores que suas primeiras Cortes lhe preparavam, occureu a seus mais illustres membros a lembrança do trafico em Negros que a sua Naçaõ estava fazendo. A só ideia d'esta abominaçaõ irritou seus espiritos; e bastou recordar ás Cortes a existencia d'este horrivel abuso, para que unanimamente declarasse a sua determinaçaõ de o abolir. Ouviu o interesse, e levantou tal alvoroço que as Cortes atemorizadas e confuzas, sepultaram em silencio a sua primeira determinaçaõ. Já fizemos mençaõ do memorial que o Cabido, Sociedade Patriotica, e corpo dos Afazendados da Habana prezentou sobre este ponto ás Cortes; e supposto que o tal escrito contem as unicas reclamações que fizeram apartar do seu sobre proposito aos Legisladores de Espanha justó sera que aprezentando aquella jeneroza Naçaõ as razões que devem mové la para abolir o trafico em Escravos, tenhamos prezente os unicos argumentos que tem sido cauza de que ainda continue fazendo-o.

Termos da prezente questaõ moral.

A questaõ posta em o ponto de vista em que vamos a tratá-la, se reduz a estes termos. Sabendo, como sabemos com a maior evidencia, como se procuram em Africa os Escravos, que compram os Europeos, e quaes saõ os rezultados que produz esse trafico em aquelle Continente—como se trazem estes Escravos a Costa—em maõs de que classe de homens saõ entregues alli—e quaes saõ os males inevitaveis da passagem que tem que fazer por mar antes de chegar ás colonias—¿ se pode continuar este trafico sem quebrar as Leys da moral e sem cometer hum grave delicto contra a humanidade?

Permita-nos o Leitor que lhe supplequémos, que se naõ esqueça, nem por hum momento da conjuncta dos males inevitaveis que estaõ pintados em a primeira

parte d'este escrito. A imaginaçaõ os perde de vista, a naõ estar sustentada por hum esforço repetido da memoria; porem este esforço he indispençavel, para que a razaõ se naõ confunda com os sofismas, e artificios dos que trataõ em carne humana.

Effugios e arteficios dos contrarios.

O primeiro de que uzaram em Espanha quando se propoz alli esta questaõ, foi o desprezo e a zombaria. Fallando a reprezentaçaõ da Habana do Deputado em Cortes que propoz a aboliçaõ do trafico em Negros, ao mesmo tempo que a da Tortura, disse que fallou " adormecendo o Congresso com o *fumo filantrofico* que adormecia seus sentidos." Se a compaixaõ natural que excita a memoria de outenta mil Africanos, que aquelle mesmo anno tinham sido arrancados de seu paiz do modo horrerozo que temos visto, se chama *fumo filantrofico*; seguramente he difficil de adevinhar qual he a solida filantrofia em que se funda a moral dos authores de semelhante escrito. Assim he que seguidamente continua. " O seu primeiro esforço (do Deputado que propoz a aboliçaõ da *Tortura* e do *Trafico* em *Negros*) he o ter mettido e assemelhado em certo modo duas couzas taõ differentes, como a Tortura de hum criminozo e a traslaçaõ d'Escravos de seu paiz nativo para outro estranho. Que connecçaõ podem ter materias taõ differentes? Com que objecto pode unir-se hum dos mais simples, e menos transcendentes axiomas de direito publico, com hum problema mui intrincado, e difficil de direito das gentes; de direito civil, publico, e privado da policia, e do *moral* taõ-bem *." Os authores da Representaçaõ sem se deixarem offuscar pelos *fumos* dessa bebedeira filantrofica a que olham com tanto desprezo; daõ por couza clara e assentada, que se naõ deve *atormentar* hum *Reo* em poutro; em tanto que olham como hum problema difficil dicidir se temos ou naõ direito para atormentar hum numero in-

* Reprezentaçaõ da Habana, Parte I.

limitado de *innocentes* do modo que temos visto em a pintura que dó trafico vai feita. Este he hum problema em a *moral* dos negociantes em Negros.

Podera, por disgraça, considerar-se como hum problema obscuro o determinar que he o que a *moral* dicta a respeito dos Escravos que estaõ ja reduzidos a esse estado: e os nossos Leitores deveraõ ter prezente que o intento deste papel naõ he fazer parar sua consideraçaõ sobre estes disgraçados: e ainda por isto a Pintura que antecede conclue com a passagem dos Negros ao paiz do seu captiveiro. Porem ninguem que creia em a existencia da *virtude*, e am sua verdadeira destinçaõ da *injustiça*, poderá achar obscuridade, nem problema algum em a questaõ do *trafico em Negros*.

Principios moraes que militaõ contra o trafico em Negros.

A *justiça* he o dever de dar ou deixar a cada hum o que he seu. Se consideramos o homem fora da Sociedade, e em estado que se chama de natureza, cada indeviduo he *livre;* he dizer he dono absoluto de sua pessoa, e por consequencia de tudo o fructo de seu trabalho pessoal. Por outra parte, a sociedade tem por principal objecto deffender este direito natural do homem; de modo que em qualquer aspecto em que olhémos para huma creatura humana, seja em estado natural seja em estado de sociedade; o privá-la de sua *liberdade pessoal* he hum crime e huma *injustiça*.

Este he hum axioma taõ evidente para qualquer que naõ negue a existencia de todo o genero de deveres, que nenhum dos Deffençores do trafico em Negros se ha ja mais attrevido o combaté-lo directamente. A unica sahida que buscam quando se vem attacados por este argumento he (a penas poderá arer-se !) que a Escravidaõ he hum bem para os Negros, comparado com o estado em que se acham em a Africa.

Difficil seria adevinhar por principios de filosofia moral, o direito de hum homem para apoderar-se de outro, arranca-lo de sua terra, e condemná-lo a Escra-

vidaõ perpetua, a elle e a toda a sua geraçaõ só porque a juizo do primeiro he muito melhor trabalhar a discreçaõ de outro em America, do que estar livre em huma cabana da Africa. Semelhantes razões parecem mais zombaria que argumentos. Porem acresentam, par dár-lhes algum colorio, que em Africa ha muitos Escravos; e que supposto que naõ variam de sorte, melhor será passar-la em hum paiz civilizado, que naõ em poder dos maos que tem em sua terra.

Reposta ao argumento de que em Africa taõbem há escravos, e que passam melhor em as Coloniasque na sua terra.

A este novo pretexto naõ he mais difficil a reposta que ao anterior. O primeiro que ha que notar he que entre os Negros que se compram em a Costa d'Africa, vem mui poucos que tenham sido Escravos na mesma Africa. Temos visto os meios de que so valem os Europeos, e os mesmos Negros a quem empregam em estas horriveis expedições, para apanhar gente de que enchem os buques. Livres e Escravos; pessoas que a respeito ao estado de Africa saõ ricas, e gozaõ de consideraçaõ entre os seus mesmos patriotas, filhos de Chefes, e Reys d'aquelles povos, todos saõ emvoltas frequentemente em a mesma ruina: todos estaõ em continuo perigo de serem tirados de suas cazas, e supultados em a bodega de hum barco Negreiro. Ridiculo seria esperar que o Capitaõ e subalternos de semelhante buque entrassem em hum maduro exame da condiçaõ anterior do Negro que lhe prezentam de venda: o praço e as condições pessoaes he tudo a quanto se extende a sua attençaõ e calculo.

Ainda quando poderá esperar-se o impossivel de que os buques do trafico naõ carregassem mais que Negros que tivessem sido anteriormente Escravos em sua terra; de nenhum modo poderia comparar-se a mizeria que se lhes faz sufrer arrancando-os de seu paiz, nem a sorte que os espera em as Colonias com o genero d'Escravidaõ que se conhece e se practica em a Africa. Segundo os informes indubitaveis de quantos se tem enternado

n'aquellas regiões, a Escravidaõ Africana he só huma especia de Vassalagem; menos pezada talvez que a que tem estado em uzo por muitos seculos em varias partes da Europa. Os Escravos em Africa naõ podem ser vendidos senaõ em castigo de algum delicto, e a consequencia de huma sentença que em muitas provincias he dada de hum modo mui semelhante ao *Jury* Inglez. O amo e os escravos naõ se differençam em o genero de vida que fazem, e moram e comem todos juntos em verdadeira e primitiva simplicidade de costumes. "Em as occupações," diz o Snr. Park, "succede o mesmo; e ja seja no campo, ja seja em caza, o amo e Escravos trabalham misturados sem nenhuma distinccaõ visivel de superioridade." O amo (segundo o mesmo caminhante) he olhado pelos Escravos como Pay; e suas mutuas relações, e deveres estaõ fundados em esta supposiçaõ. "Naõ vos servi (dizia hum Negro que tinha viajado com Park como Escravo domestico) naõ vos servi como se fosses meu Pay e amo? Tal hé a sorte dos escravos domesticos em Africa, e tal a pintam as mesmas testemunhas que os Deffensores do Trafico prezentaram em o Parlamento. Querer comparar semelhante estado com o dos infelizes que estaõ esperando em ferros, que chegue o barco que os hade levar a huma terra inteiramente desconhecida, e aonde vaõ ser olhados como pouco melhores que as bestas do campo; he huma malignidade e hum crime.

Precendamos agora do máo tratamento que sofrem alguns d'estes disgraçados em as colonias: figuramos que todos os amos e os subalternos das fazendas em que vaõ trabalhar por toda a sua vida, sejam hums modellos de humanidade, empenhados a livrar seus Negros de toda a sorte de emcomodo, a naõ ser os inseparaveis do seu estado:—ainda em esta supposiçaõ imaginaria a Escravidaõ Africana he hum paraizo comparada com a das Colonias. Escravos, ao modo que os Africanos

em sua terra, saõ os camponezes Russos; e non-obstante isso a Europa tem visto com surpreza os prodigios que elles tem feito em prova do amor que elles tem á sua Patria. Qual seria pois sua dor, e com amargo sua sorte, se elles fossem tirados por força dessa Patria, cuja possessaõ elles deffendem á custa do seu sangue, e levados a trabalhar para os outros em hum paiz distante! Se se diz que esses camponezes estaõ mais civilizados que os Negros; isso mesmo obra em favor do nosso argumento. Por que se os homens mais civilizados disprezem ser olhados como bens dos Senhores das terras em que nasceram, e nada lhes impede esta ideia para amar com ardor esse mesmo paiz—origem de sua escravidaõ: Se esses Russos civilizados levam taõ allegremente sua sorte em hum paiz em que há taõ enorme distancia de classes, porque n'elle tiveram seu barço, quanto mais amará sua Patria o Africano, que trabalha, vive, e come em companhia de seus Senhores sem nenhuma destincçaõ visivel que o humilhe?

Considére-se agora hum Africano passado ás Colonias Europeas. Deixe-se a hum lado o cumulo de mizerias que se lhe tem feito sufrer até chegar aquellas regiões taõ distantes da sua: a impressaõ que deve fazer-lhe a incerteza da sua sorte: o que elle deve sentir vendo-se posto em venda em hum quintal na Alfandega, e examinado pelos compradores como se elle fosse hum buro ou hum cavallo: O terror e a amargura que lhe ha de cauzar o facto de separá-lo de todos os seus companheiros de disgraça e talvez de sua molher, filhos, ou Irmaõs que outro comprador escolheu; deixamos tudo isto a hum lado, e fixemos a vista em hum Africano, que chegou ao termo de sua horrivel perigrinaçaõ. Sua cor, sua lingua, seu aspecto, tudo o condemna a sentir cada instante de sua vida o pezo de sua humiliaçaõ e de seu abatimento. O mais obscuro dos habitantes brancos—o homem mais baixo do

povo se indigna, pençando que naõ o destinguem como mui superior a hum Africano; e a lingua Portugueza o prové em prova disso de huma phraze que nenguem, estranha, nem em a bouca do carasco "*isso he tratar-me como hum Negro.*"

Que Ley ou que regulamento pode contra-restar o effeito da opiniaõ taõ antiga! Ao paço que o Negro tem que baixar os olhos, e chamar *meu amo* ao homem mais vil do povo; naõ ha branco algum que naõ tome esse tratamento ao-pe da Letra. O effeito que esta persuaçaõ geral de superioridade tem em trato que sofre a classe abatida, he dolorozo em extremo. Nossa compaixaõ natural nasce do que se chama sympathia; he dizer, da semelhança, que achamos entre a natureza. e sencações de outra qualquer creatura com as nossas, Este influxo de semelhança he taõ indispençavel para á compaixaõ, que, sem elle, as pessoas mais senciveis estaõ expostas a serem em extremo crueis. Se atreveriam alguns d'estes a atravessar pelo meio do corpo e pregar contra huma taboa a hum animal que expressava sua dór com lamentos? e naõ o fazem com huma maripoza porque: sua forma e a expressaõ de sua dor he de todo de semelhante á nossa? Deste modo succede com os Negros. O que naõ se fizera com o mais desprezivel Europeo, em que tudo nos recorda que he homem como nós, se faz com hum infeliz Africano, porque os olhos, e os ouvidos, staõ dizendo que pertencem a huma raça degradada pela opiniaõ geral durante seculos.

Esta consideraçaõ deveria bastar (ainda sem os factos citados) para convencer a todo o homem racional, e desapaixonado, de que por má que fosse a sorte dos Africanos em sua propria terra, ja-mais poderia comparar-se com a que sofrem entre hums homens que se crém taõ superiores a elles, que ainda quando por huma serie de geraçõe se haja misturado o sangue Africano com o seu, até ao ponto de que em brancura, civiliza-

çaõ, e talentos os exceda hum decendente de Negro; toda-via insistem em que devem ser olhados como inferiores, á pessoa mais desprezivel, que naõ tenha algum antepassado Africano*.

Comparaçaõ da Escravidaõ moderna com a dos Gregos e Romanos.

Os que pertendem deffender a Escravidaõ dos Negros com o exemplo dos Gregos e Romanos (como o faz a representaçaõ d'Habana) se acham alguma força em este debil argumento, e naõ o trazem só com o intento de effuscar e destrahir com a multidaõ e variedade de suas allegações acharaõ mais que sufficiente razaõ para abandonar semelhante sofisma, só com que attendam ao que acabamos de notar sobre o influxo que a semelhança de côr entre o amo o escravo, deve ter em character da escravidaõ. Verdade he que nem Gregos, nem Romanos sao modellos de moralidade que possam formar regra para o genero humano; e que seo empenho de deffender o trafico em Negros nos traz aos Romanos por norma, os mesmos que uzam d'este argumento naõ estariam longe de provar hum dia a sorte que destinam a esses disgraçados Africanos. Porem ainda que por seguir sua doutrina, se imitasse a conducta de Roma, e se fizessem Escravos a todos os prisioneiros de guerra; a semelhança dos amos e seus creados, o risco de que se trocasse a sorte, e outras mil circunstancias que excitam, na sympathia; fariam infinitamente distincta a escravidaõ d'este classe da que sofrem os Negros.

Contradicçaõ notavel em a Reprezentaçaõ d'Habana.

Porem naõ cançemos a attençaõ do Leitor nem a nossa por occurer a todos os rodeios que em huma cauza preversa tomam sempre os seus deffençores. Se o infeliz Africano, que he apartado do seu paiz nativo, naõ he acredor á compaixaõ Europeia, se he " ponto indiferente (como diz a Cidade da Habana, que se augmente alguma couza mais o numero de mulatos que

* As Cortes d'Espanha tem privado aos decendentes de Africanos, ate as gerações mais remotas, o direito de Cidadania, ainda quando elles e seus antepassados tinham sido libres por muitos annos. *Veja-se a Constituiçaõ.*

saõ entre nossas gentes os *menos identificados com os brancos*, os menos temiveis, *e menos dignos por isso de nosso compassivo esmero*," tenhamos prezente ao menos que naõ deve ser, *ponto indifferente* (nem ainda em a doutrina dos Deffençores do trafico) o augmentar o numero desses homens *de cór*, que apezar de que estaõ mais indentificados com os brancos, e de quem os Afazendados de Habana mostram estranhas taõ compassivas ; saõ mais temiveis que seus Avos Africanos. Com verdade seja isto ultimo, e o muito que deve temer a Habana d'essa classe de gente se tratará em outro capitulo ; porem olhando para elles aqui como objectos para quem reservam os Negociantes a compaixaõ de que elles se dispençam com os molatos, naõ pode menos de notar-se a cegueira dos que naõ advertem em esta mesma compaixaõ futura, que promete a razaõ mais forte contra a medida em cujo favor a alégam.

" Deixa-nos (significa seu argumento) deixem nos trazer Negros da Africa ; seus filhos seraõ mais senciveis que elles ás mizerias da Escravidaõ á que nasceram condemnados ; muito mais o seraõ seus netos : a nossa Ilha se povoará de huma geraçaõ de desgraçados, a quem a perpetua nodoa de sua orrigem amargará para toda a sua vida. Nossa será a culpa de sua infelicididade ; nosso dilicto cresserá a proporçaõ que se augmente o numero destes objectos *mais dignos da nossa compaixaõ ;* porem deixem-nos trazer aquelles que haõ de propagar esta raça de desgraçados : a nosso cuidado fica o tratá-los com piedade.

Esta he a moral dos negociantes em Negros ; e sendo como a vimos, naõ he estranho que os mais sagrados deveres de justiça sejam n'ella hum *problema.* Qualquer que naõ perdeu inteiramente o tacto mental que destingue o justo do injusto, está intimamente persuadido de que quanto mais transcedental e irremediavel he huma injuria, tanto mais culpavel he aquelle que a faz a outrem. Hum falçario, que por meio d'hum instrumento publico

Riato de delicto de traficar em Negros.

entrega á pobreza o abatimento huma familia inteira, por duas ou trez gerações ; he segundo a moral humana quaze peor que hum assacino. O que por alguma arte ou meio (que graças ao Céo naó está n'as maõs do homem) podesse corromper de tal modo o sangue de hum certo numero de indeviduos, que em o descurço de tempo produzissem huma raço de leprozos; seria contemplado como hum monstro infernal. Porem há aqui huma porçaõ de homens reclamando a protecçaõ das Leys, para que os deixem corromper moralmente o sangue de milhares de indeviduos, e fazer que produzam huma serie de gerações que ja mais poderaõ sahir do seu abatimento, em tanto que exista no mesmo paiz a casta de gente que arrancou da Africa seus Pãys. Porem dizei-lhes que a cometem n'isso hum dilicto, e vós os vereis zombar da moral que se lhes dicta ; velos-heis chamar o compassivo ardor com que quereis atalhar essa cadeia infenita de injustiças, cujo primeiro fuzil está em as suas maõs, *fumos de filantrofia* com-que os homens se *adormecem*.

Recapitulaçaõ dos principios moraes que condemnaõ o trafico em Negros.

Por fortuna, he impossivel que o interece tenha *dispertado* de tal modo a Naçaõ Portugueza que tenha por sonhos as seguintes verdades da moral, que saõ o fundamento do que vai dito em este capitulo, e outros infenitos argumentos com que podera provar-se o objecto. 1°. Que a justiça naõ permitte que a nenhum homem se despoje da propriedade da sua pessoa, que he a origem natural de toda a propriedade. 2°. Que a moral naõ consente, que para cometer esta injustiça se fassa sufrer a hum homem a mizeria e dor que temos visto ser inseparaveis do trafico em Escravos. 3°. Que e moral faz responçaveis aos negociantes em Negros, do numero de mortes que se verificam em as guerras, e hostilidades que a compra de Escravos fomenta, e que o naõ saõ menos, das vidas que se perdem por cauza das infermidades e desesperaçaõ que a viagem por mar produz. 4°. Que a moral acuza aos Negociantes

em Negros, do retardo que trezentos annos d'este horrivel commercio tem produzido em a civilizaçaõ da Africa, e cujo funesto influxo continuará infalivelmente até que os Africanos se persuadam de que naõ podem tirar fruto da venda dos homens, porque naõ ha quem vá ás suas Costas comprá-los. 5°. Que assim como saõ culpaveis de todos as mizerias, mortes e dilictos que cauza o trafico por seu immidiato influxo, o saõ tambem de todos os males que tem que sufrer os filhos e decendentes desses Escravos que apanham em Africa, egualmente das funestas rezultas que algum dia devé produzir em as colonias a existencia de huma multidaõ de homens desgraçados que sentem o pezo de huma injustiça que os condemna a hum abatemento perpetuo. Porem isto ja pertence a objecto do seguinte.

CAP°. II.

A'CERCA DO TRAFICO EM ESCRAVOS CONSIDERADO POLITICAMENTE.

Os Contratadores em carne humana depois de ter-se empenhado em confundir com seus fofismas, e cortar com sua zombaria aos Portuguezes que, acazo, poderam senter-se movidos a certa compaixaõ dos infelizes Negros de Africa; se derigem aos Chefes do Estado para dar-lhes algumas leçõe de politica, naõ menos particulares do commercio Negreiro, que a moral de que temos visto huma amostra.

Dos que naõ encontram difficuldade em as Leys da moral para seguir trazendo Escravos da Africa, mal se poderá esperar que os encontrassem em as da politica. Que hé a politica para aquelles que poem a hum lado

a consideraçaõ do justo e o injusto, senaõ hum modo de obter todas as vantagens possiveis contra as demais povos, seja pelos meios que for? Sentada esta horrivel base, naõ ja os Negros da Africa, senaõ os habitantes mais cultos da Europa estariam expostos á sorte que sofrem os Negros, a naõ ser porque suas forças militares as deffendem. Tirado este obstaclo a politica Negreira que inconveniente acharia em comprar alguns centenares de artifices, ministrales, e fabricantes dos mais adiantados de outros nações para que enrequicessem com o seu saber e trabalho, a esses mesmos que agora se engordam com o suór e sangue dos Africanos? Naõ he isto huma supposiçaõ imaginaria; quando a politica estava taõ separada da moral como a poem agora os Deffençores do trafico em Negros, e tinha de sua parte a força: filosofos se viram Escravos em Roma, e Escravos ensignaram, e exerceram todas as artes em aquella capital do Mundo. Naõ he, pois, a deversidade de principios, senaõ a da força, o que confina as expedições Negreiras á Costa d'Africa.

Os traficantes em Escravos querem provar com razões politicas que o Governo Espanhol lhes deve permettir o continuar ate que encham de Negros suas fazendas. Injustiça d'esta pertençaõ.

He isto tao evidente, e saõ taõ abominaveis os pretextos politicos em que o trafico d'Escravos se funda, que seus protectores naõ se atrevem a deffende-los illimitadamente, nem a pedir a seus Governos que lhes acordem o privilegio para sempre. Todos os argumentos politicos de qne se atrevem a uzar, estaõ reduzidos a que-se lhes deve permetir trazer Negros da Africa até que tenham enchido as fazendas á sua satisfaçaõ. A reposta geral a todos os argumentos possiveis d'este genero he em extremo obvio, e facil, se temos prezente qual he a essencia do trafico em Negros, cuja continuaçaõ se pede. Do mesmo modo poderá hua colonia de piratas, pedir ás nações maritimas da Europa que se lhes premetta continuar seus roubos e assacinatos contra hum povo determinado, até que tivessem enrequecido seus Estabelecimentos á satisfacçaõ de cada individuo. As circunstancias (poderia dizer hum Sal-

teador de caminhos) me pozeram em este genero de vida: deixem me seguir hum certo numero de annos; em elles eu me darei pressa a completar a minha fortuna, e quando a tenha assegurada, eu prometo naõ roubar nem matar nenhum caminhante, pelo que me reste de vida. Se a comparaçaõ tem alguma inexactidaõ, naõ he outra senaõ que em nosso cazo, os Salteadores saõ muitos, e os Governos da Europa, por huma cegueira inexplicavel, tem hido á parte em os Roubos.

Esta só reposta bastaria, se podera suppor-se que a maior parte dos homens estivessem dispostos a senter todo o pezo das memoraveis palavras do Snr. Fox em o Debate do anno 1792. "O trafico" (disse) "he contrario, em minha opiniaõ, á boa politica. Porem sei de certo que he inhumano; estou certo de que he injusto; e em tanto gráo o he hum e outro, que se as Colonias naõ se podessem cultivar de outro modo, deveriam deixar-se inteiramente occultas*." Porem sendo por disgraça mui certa que nem todos se acham dispostas a sacreficar os que se chamam interesses poblicos, á vertude e á humanidade; he do nosso dever tomar em consideraçaõ as circunstancias em que se acham as Colonias Espanholas, respeito ao trafico d'Escravos, e demonstrar que mui longe de que a aboliçaõ immediatamente do trafico possa produzir a sua ruina, nada os pode pôr em maior risco que a continuaçaõ.

Males que ameaçam aos povos d'America Espanhola que querem augmentar o numero de seus Escravos.

Em primeiro lugar se deverá ter prezente que em nenhuma Naçaõ Europeia tem havido menos Escravos, attendida a extençaõ de suas colonias, e que nenhua tem fundado menos sua propriedade em o trabalho d'estes infelizes, que a Naçao Espanhola. Em o grande Reyno da Nova-Espanha, o numero d'Escravos he curtissimo, e nenhuma especia de trabalho, commercio, nem industria depende de seus braços. O Continente meridional se *acha, pela maior parte em as mesmas*

Pouco interesse que tem America Espan-

* Clarkson. Historia do Commercio em Escravos, Vol. II. p. 416.

hola em este infame trafico.

circunstancias. Só tal qual estabelecimento tinha fundado parte de sua industria em Escravidaõ como Carracas. Porto Rico, e a Habana saõ os dous pontes em que os Negros constituem a forte principal da riqueza e da povoaçaõ.

Ainda quando naõ fosse couza taõ sabida que a prosperidade d'America Espanhola naõ depende do barbaro trafico em carne humana, as circunstancias em que aquelles povos se tem visto ultimamente, nos tem proporcionado huma prova indubitavel d'esta verdade. Taes saõ os Decretos que todos os Governos Revolutionarios tem dado sobre este ponto. Caracas (cuja importaçaõ de Negros naõ sedia senaõ á da Habana) Buenos Ayres, e Chili, tem abolido em os seus territorios a introducçaõ d'Escravos. Quando se soube em America o Decreto passado por acclamaçaõ em as Cortes, e logo suprimido para abolir o trafico, so a Habana reclamou contra esta medida. Temos pois que á ballança politica da Espanha, naõ há outro interesse que peze contra as razões de humanidade e moral que se opoem ao comercio em Negros, senaõ a conveniencia e interesses da Cidade da Habana.

Argumento da Habana fundado em a protecçaõ que o Governo Espanhol tem dado ao Commercio em Escravos. Exame d'esta allegacaõ.

As reclamações d'aquella Cidade saõ muito semelhantes ás dos Colonos Inglezes, quando tratou o Parlamento de abolir o trafico em Negros. A differença entre huns e outros he que em aquellas se tratava de hum immenço capital, e aqui de hum interesse respeitivamente pequeno. Pelo de mais, toda a reclamaçaõ se reduz a que o Governo que tem favorecido a introducçaõ d'Escravos, fazendo, por tanto, que varios particulares embarquem seus capitaes em expeculações, cujo resultado depende do trabalho de Negros; naõ deve impedir a introduçaõ de novos Escravos, pondo aos Afazendados em risco de perder seus cabedaes. O modo de pezar e dar seu verdadeiro valor a esta reclamaçaõ será considerar: 1°. Que especia de protecçaõ e fomento tem dado os antigos Governos Espanhoes ás

imprezas que 'staõ fundadas em a confiança de poder trazer Escravos de Africa, e de que modo pode isto impôr aos prezentes huma obrigaçaõ de continuar sua licença para fazer este trafico: 2°. Averguar se naõ ha meio algum de evitar as perdas que anunciam os Habanezes, fora de continuar o trafico: 3°. Examinar se pode haver esperanças de que continuando-o por tempo limitado, desapareça o risco que dizem que agora ameaça aos proprietarios de Negros em Habana.

Falta de boa fe em esta reclamaçaõ.

Naõ nos pararíamos a fallar da conducta dos Antigos Governos Espanhoes respeito a importaçaõ de Negros, a naõ ser porque este ponto nos fará ver a pouca boa fe que reina em a reclamaçaõ d'Habana, no que diz a cerca da ruina de suas imprezas, em cujo temor fundam seu direito politico a continuaçaõ do trafico. Os Authores da representaçaõ amontuaram nélla quanto podia offuscar, e atemorizar hum governo novo, e intemidado com as frescas revoluções das Colonias d'Espanha; e em lugar de limitar seus argumentos ás circumstancias de sua Ilha, copiaram aquelles que em tempo dos Debates do Parlamento Inglez, contribuiram mais para retardar a aboliçaõ. Acharam que os Colonos Inglezes tinham ameaçado o Governo com passar ás suas maõs as fazendas pedendo-lhe os Capitaẽs que tinham embarcado nellas em fé da dicidida protecçaõ que os antigos Legisladores tinham dado ao Commercio em Negros; e creram que podiam acomodar esta mesma razaõ ao seu cazo. " V. M. deve reconhecer (diceram as Cortes)que arrancar de seu paiz os infelizes Negros, e té-los aqui em Escravidaõ em que se acham, naõ he obra dos particulares, senaõ dos Soberanos que nos pozeram em tal cazo, e de elle naõ pode tirar-nos precipitadamente decretando nossa ruina, e esquecendo em hum momento tudo que se nos tem mandado por mais de trazentos annos *.

* Representaçaõ d'Habana.

Se os authores da Reprezentaçaõ so tivessem reduzido a expressar com candora as circunstancias do seu cazo; debeis teriam sido seus argumentos em taõ preversa cauza; porem naõ encorriam em notaveis contradicções, como o fazem. Tinham que pintar por outro lado o curto numero de Negros que em seu conceito tem a Ilha do Cuba. Para isto comparam a sua extençaõ com a da Jamaica e St. Domingo. Trazem estados de numero d'Escravos que ha em elles; e para que as Cortes tenham compaixaõ da Habana, e lhe concedam o privilegio de calmar a duvida de seus delictos contra a humanidade, se quer até ao ponto que seus visinhos; tratam mui naturalmente de pintar o numero do seus Escravos como pequeno. Aqui he donde a memoria faz traiçaõ aos Authores. Este mesmo Governo Espanhol que por mais *de trezentos annos esteve* mandando-lhes trazer Negros tem agora que caregar com a culpa de escacez d'este *genero* em que se acha a Ilha de Cuba. Em huma seria de Documentos justificativos da mesma reprezentaçaõ d'Habana, se encontra hum Resisto dos Negros introduzidos em a Ilha desde a conquista; e nelles se sentam os seguintes dados *.

Prevaleceu em a Corte o systema da *prohibiçaõ absoluta,* sempre que naõ fosse com Real licença; e vista a serie de regulamentos que se succederam desde 1526 até 1580, e trataram até de taxár em as Idias o preço dos Escravos, se conhece que naõ houve provisaõ formal.....Cita depois todos as contractas que fez o Governo até o anno de 1616; e diz estas palavras. "Por aqui se infére quam miscinhos e escaças héram estas contractas para todas as Indias. Ate que os Francezes, durante a guerra de successaõ, principiaram a despertar nossa industria com suas expeculações para permutar Negros e effeitos por tobacco; naõ houve motivo nem

* Documentos annexos. No. 6.

estimulo para comprar Escravos"....." Ganharam os Inglezes pela paz de Utrecht a contracta do Assento. A primeira factoria e os varios contractadores que sussecivamente se obrigaram a prover o estanco d'Espanha, tiveram de repartir alguns Negros."....." Seguiu em 1740 a companhia da Habana."...." Hum Historiador patricio que escreveu em 1761 assenta que a companhia ate entaõ tinha dispendido 4986 Escravos entre grandes e pequenos, e os Inglezes durante o seu dominio, que naõ passou de hum anno trouxeram bastantes. Attendidos estes calculos supoem que até o anno de 1763, tinham entrado em a Jurisdicçaõ da Habana 25,000 Escravos: que desde entaõ até 1766 se entroduziram 4957 : desde 1773 ate 1779 o numero foi de 14,132 : desde 1786 ate 1789 foram introduzidos 5786. Seguiu-se (conclue a nota) o livre commercio de Negros estabelecido por Real Cedola d'este anno (1789) e prorogado ate agora, tem entrado por elle ate fim de 1810;....cabessas 110,136."—E aqui temos que o Governo, que segundo a Reprezentaçaõ da Habana, lhes " tinha mandado por mais de trezentos annos" introduzir Negros, rezulta ter estado perto de trez seculos coarctando a introducçaõ, e permettendo-a somente por licenças dadas cada vez, a hum so individuo, e por hum certo numero de annos. Em o anno de 1789, quando ja a Naçaõ que mais tinha manchado as suas maõs em este abominavel commercio principiou a abrir os olhos, e tratava de o abolir com o maior empenho : em o anno de outenta e nove quando o Governo Espanhol se tinha sumergido em a corrupçaõ mais abominavel de que ha memoria: em o anno de outenta e nove quando ja o decantado Godoy hera a alma d'aquella disgraçada Monarquia em o anno de outenta e nove, e debaixo de taes auspicios, deu o Governo Espanhol pela primeira vez licença absoluta para roubar Africanos. Seus Vassalos da Habana aproveitando-se desta benigna Ley, tem introduzido em Vinte e hum

annos 110,136 *cabessas* (he dizer creaturas humanas a quem contam como os seus gados) e este he o titulo de justiça em que fundam a obrigaçaõ que tem as Cortes d'Espanha (considerando-as sem duvida como immitadoras e reprezentantes de Carlos IV.) de continuarlhes o mesmo privilegio se quer por meio seculo.

Attendidas as razões d'Habana ja mais se poderia pôr fim á introducçaõ de Negros.

Meio seculo dizemos para lugar de huma expressaõ que nota limitaçaõ de tempo: porem se attendemos a razaõ em que os Negociantes da Habana se fundam, ja-mais poderá por-se termo a este abominavel commercio; pelo contrario quanto mais cressa o numero dos Escravos na Ilha, tanto mais inlimetada deverá ser a introducçaõ. O argumento da Reprezentaçaõ he este: O Governo Espanhol nos deu licença para trazer Negros á medida do nosso dezejo. Em esta intelligencia emprendemos grandes trabalhos, e plantios de terras. Os Negros morrem; e se ao paço que nos vaõ faltando, naõ nos permetem trazer outros para suprir sua falta, estas fazendas ficaraõ incultas; e os nossos capitães se veraõ arruinados. He, pois, evidente que trazer novos Negros naõ fará mais senaõ perpetuar ou augmentar a necessidade do trafico. Logo a politica deverá olhar para este commercio como necessario para sempre, se o he para hum só anno.

Consequencia taõ horrivel e taõ contraria a experiencia das nações que tem abolido o trafico depois de o ter feito huma parte essencialissima de sua industria, nos indica que a alegaçaõ dos interessados, ou he falça absolutamente, ou se os males com que ameaça tem alguma veracimilitude, deve achar se lhes remedio do outro modo que com a continuaçaõ do trafico. Isto he o que propozemos averiguar em segundo lugar.

A propagaçaõ natural dos Escravos que ja estaõ em as Colonias deve ser mais que

Naõ se propagam os Negros, em a mesma proporçaõ que os de mais homens? Em muito maior numero segundo a experiencia indubitavel. Porque, pois, os Negros com que os Habanezes tem emprehendido suas cultivações necessitam repor-se com os outros trazidos

da Africa? E aqui he precizo que naõ confundamos as novas imprezas que a sua cubiça lhes dicta, com a perda das ja emprehendidas, que he em que elles fundam a sua reclamaçaõ. Agora bem, quando mil homens livres (por exemplo) tem dismontado huma porçaõ de terra, ja mais se vé que tenham que mandar por novas colonas para continuar a cultura: pelo contrario, se ve que a proporçaõ cresse de modo que morrendo os primeiros Cultivadores he ja precizo augmentar as sortes com novos desmontes. Como explicaram, pois, os Habanezes esta singular anomalia, esta excepçaõ da regra geral da natureza, em que fundam a necessidade de continuar o trafico? Desde 1789 ate 1810 tinham introduzido, segunda a sua conta, 110,136 Negros; desde 1810 ate ao prezente naõ se teraõ dormido em este ponto, e muito mais achando-se sobre saltados com a determinaçaõ que manifestaram as Cortes de abolir o trafico* Com os que, segundo a reprezentaçaõ exestiam chegando estas novas remessas, a Habana tinha hum corpo de 212,000 *cabessas*, em Julho de 1810. Segundo Padrões anexos a Reprezentaçaõ sabemos, que em aquella Cidade e seus arabaldes se tinham amentado os livres de cór, desde 1791 até 1810 em razaõ de 171 por cento; no bairo da sahude a 295 por cento: em Holguim á 353 por cento: em Bayamo á 128: em Porte Principe a 131. Ainda que tenham contribuido algumas cauzas accidentaes, e de mera agre-

sufficiente para evitar os prejuizos que reprezentam os Habanezes em a prohibiçaõ immidiata do trafico.

* Extracto do informe dos Commissionados pela Africana Instituiçaõ em a Costa d'Africa, em o anno de 1810. "A grande scena do trafico em Escravos está em a Costa de Whydaw; á direita de Benin Gaboon, e os Estabelecimentos Portuguezes de Angola. Naõ temos meios de assegurar-nos ao ponto fixo do numero de Escravos que se extraem; porem segundo a opiniaõ dos Espanhoes e Portuguezes empregados em o trafico que tem sido trazidos a este porto (de Serra Leonna) a importaçaõ annual hera a principios de 1810, segundo hum calculo moderado, de 40,000 para o Brazil, e de 40,000 para á Ilha de Cuba." *Sixth Report of the African Institution*, Appendix A.—Isto tem confirmaçaõ de pessoas que risidiam na Habana em o dito tempo.

gaçaõ para augmentar a razaõ proporcional em algumas partes, mais do que devera ser por mera propagaçaõ; esta, confessaõ os mesmos authores, que " tem sido asombroza* " e que " a ella contribue mais que tudo a benignidade do clima†."

Em este clima benigno, a raça Negra que he naturalmente fecunda, mais que outra, deverá augmentar-se de hum modo prodigiozo, e com effeito se vé que seus decendentes, a penas sahem do estado d'Escravos, costumam triplicar seu numero em espaço de 20 annos‡. Por outro lado a proporçaõ mais baixa do augmento da povoaçaõ sem obstaclos, a dá dobrada em 25 annos. A propagaçaõ dos Escravos naõ pode ter outros impedimentos, que os que lhes ponhum seus amos. Como, pois, se atrevem os Ricos da Habana acclamar ao Governo para que lhes deixe trazer Negros da Africa, allegando que naõ podem ter completo, de outro modo, o numero de braços que necessita a cultura das fazendas em que tem embarcado seus capitaes? Quem tem a culpa de que os Escravos da Habana se naõ propagam se quer para conservar seu numero estacionario?

Por fortuna a mesma Representaçaõ nos prezenta, sem que o imaginassem seus authores, os dados mais satisfactorios para explicar este enigma. Irritados com a proposiçaõ de hum Deputado em Cortes, que atribuia aos Donos dos Escravos o dezejo de que seus Negros se propagassem, sem attender á legitimidade dos meios;

* Letras B. C. D. E.

† Circumstancias particulares, locaes ou accidentaes, podem ter contribuido a estas variações.... sobre tudo o estimulo que ofrecem as Cidades a seus vicios, ou a sua appliçaõ prezente, ás artes mechanicas, saõ couzas que explicam em grande parte á sua assombroza propagaçaõ. Confessemos que a ella taõ-bem contribue mais que tudo a benignidade de clima que exime o nosso povo das muitas mizerias e calamidades que afligem o pobre e impedem sua propagaçaõ em climas frios. Documentos annexos á Reprezentaçaõ d'Habana, No. IX.

‡ Em a proporçaõ do 353 por Cento, que he a do augmento dos livres de cór de Holguin, deixamos 53 por Cento em consideraçaõ ás cauzas accidentaes que possam ter concorrido.

descobrem a verdadeira cauza de que seja necessario suprir com Negros Africanos os que morrem em as fazendas d'America. A razaõ he que a propagaçaõ do Negros naõ faz conta a seus donos, em quanto haja meios de os trazer da Africa.

" A Escrava pijada e parida (diz a Representaçaõ) he inutil muitos mezes, e em este largo periodo de inacçaõ o seu alimento deve ser maior e de melhor qualidade. Esta privaçaõ de trabalho e augmento de custo em a Mãy, saye da algibeira do amo. D'elle sayem tao-bem os largos, e as mais das vezes estéreis gastos do mesmo recem-nassido; e a isto se unem os riscos que se correm em as vidas du May e filho, e tudo forma hum desembolço de tanta consideraçaõ para o dono, que *os Negros que nassem em caza, tem custado mais quando podem trabalhar, que o que de equal idade se compra aqui em publica feira. D'aqui se infere que da parte dos amos naõ ha nem pode haver interece em promover os partos de suas Escravos* *."

Este interesse que taõ satisfactoriamente nos explicam os Ricos d'Habana, lhes dicta que naõ comprem molheres. Hum varaõ trabalha trez vezes mais, e naõ pode cauzar-lhes dezembolços. " Naõ ha huma Fazenda, continua a Reprezentaçaõ, que tenha as molheres que correspondam ao numero dos seus varões. Até agora quinze annos, vinham muito menos molheres que varões, *e vindo taõ poucas que a penas heram as necessarias para o desordenado serviço domestico das familias brancas, se vendiam por hum terço menos que o varões.*

De quinze annos para cá tem comecado a variar as ideias em esta parte, e o preço das molheres tem subido (ainda que nunca tem egualado ao dos homens) porque se tem levado a novos Estabelecimentos; porem nem

* Reprezentaçaõ da Habana, Parte II.

ainda alli tem hido as sufficientes, e os antigos se conservam sem molheres*.

Reposta á allegaçaõ de que naõ há Escravos bastantes para á propagaçaõ

Taõ poderoza he a vóz do interesse immidiato e prezente em todos os homens, e em especial em os que despindo-se das entranhas delles, commerceiam e especulam contando as ganancias que lhe dará a Escravidaõ naõ sómente das pessoas senaõ das inclinações, e affectos de seus Irmaõs! E estes saõ os que acuzam o Governo de que os arruina quando trata de cortar de promto o trafico horrivel de Negros! Naõ tem molheres bastantes, e os Negros naõ podem propagar-se. Porem crerá nenguem que se se lhes permitte o trafico por hum certo numero de annos, empregaraõ seus capitaes em trazer somente molheres, e que esperaraõ a re-embolcar-se d'aqui a quinze annos, quando commecem a trabalhar seus filhos? Semelhante esperança he ridicula.

Em 1795 celebrou o Consulado du Habana huma junta em que entre outros pontos relativos ao trafico em Escravos, se tratou dos meios de augmentar sua propagaçaõ em a Ilha. Hum dos membros† propoz " que para animar a introducçaõ das molheres Africanas se impozesse, á imitaçaõ dos Inglezes, hum direito de meia moeda por cada cabessa de Negro macho, eximindo delle as molheres, e exortando aos Afazendados a introduzir em as suas fazendas hum terço d'ellas." Em outra junta celebrada no mesmo mez " teve muita oppozicaõ o pençamento de hum direito sobre a introducçaõ de Negros machos, e muito mais a proposiçaõ que se substituiria (pelo mesmo membro que fez a proposta original) de impor huma taxa proporcionavel sobre as fazendas que naõ tivessem huma terceira parte de molheres; inclinando-se a pluralidade de votos a que naõ convinha empregar para a propagaçaõ de Escravos

* Reprezentaçaõ, Parte II.

† O Ouvidor Sindico Dr. Francisco de Arango.

Creolos, meio algum co-ercitivo, respeito a que tinham provisto sufficientemente nossas Leys, á liberdade que tem os Escravos de cazarem-se quando lhes parecesse." [Os Afazendados deviam ter acresentado para que o escarnico das Leys fosse completo—ainda que naõ tenham molheres com quem.] Em Dezembro do proprio anno se nomeou huma commissaõ para que propozesse meios de aumentar a propagaçaõ dos Negros. Esta informou o Consulado, e suas propostas " encontraram egual opposiçaõ que as de mais." Os Afazendados resistiam a toda especia de limitaçaõ sobre este ponto, de modo que foi precizo abominá-lo. Ultimamente em 1804 expedia o Governo Espanhol huma cedola considerando livre introducçaõ de Negros por dez annos, e mandando " que em os Engenhos e Fazendas aonde só há Negros machos se propagam Negras, limitando a permissaõ da introducçaõ em taes estabelecimentos a só esta classe ou sexo, até que estejam cazados todos os que dezejam esse estado: fazendo entender aos afazendados que sobre ser esta huma obrigaçaõ de justiça e de consciencia lhes rezultará a utilidade de augmentar o numero de seus Escravos e melhorar a classe d'elles, sem a continua despeza de cabedaes em a compra dos mulatos para repor aquelles que morrem*." Porem o que procurou esta Real Ordem sabia pouco a difficuldade de fazer entender aos Afazendados as vantagens remotas que lhes produziria o cumprimento de suas *obrigações de justiça* e *de consciencia*. O calculo cego e inhumano do que lhes custa trazer molheres, e crear seus filhos será sempre hum obstaclo inseparavel á propagaçaõ dos Negros Escravos, em tanto que a prohibiçaõ absoluta de trazer outros novos, naõ os obrigue ao meio mais humano de os repor, que a natureza, ainda que fraca, lhes offrece. A aboliçaõ immidiata e absoluta, he o

* Documentos annexos á Reprezentaçaõ d'Habana, No. 6. Real Ordem Reservada, feita em Aranjuez aos 22 de Abril de 1804.

que pode corrigir o abuzo; as ordens e as Leys sobre este ponto seraõ sempre taõ illuziorias, como a que temos citado. Em 1804 se mandou que se naõ permittisse augmentar o numero d'Escravos em nenhuma fazenda, até que estivessem provistos de molheres os existentes em ellas: em 1810, tendo-se introduzido em estes annos os Escravos em maior numero que nunca*, reprezenta a Cidade da Habana " que em os novos estabelecimentos....naõ ha os sufficientes, e os antigos se conservam sem mulheres."

Nunca, nunca se espere que Governo algum possa remediar hums abuzos que estaõ em a mesma essencia do mal que se quer modificar. Os donos, e os negociantes de Escravos naõ sacreficaraõ a menor parte de seu interesse immidiato, em quanto que a inflexivel *necessidade* os naõ obrigue. Já se tem visto a oppoziçaõ que encontraram em o Consulado da Habana todos os planos para augmentar o numero de molheres escravas em as fazendas: as medidas mais suaveis se chamavam *coercitivas*, e os que naõ se param em condemnar a Escravidaõ a milhões de homens, resistem furiozamente a menor limitaçaõ em o uzo da sua *injustiça*.

Multidaõ d'Escravas que ha em a Habana. Risco da Ilha por cauza da multiplicaçaõ de gente de cór.

Porem a penas se poderia imaginar até que ponto chega o intratavel egoismo dos protectores do trafico em a Habana, se naõ se lhes tivesse cahido da pena outro facto que aõ paçõ que mostra quam longe se acham de sacreficar a menor parte do interesse momentanio e do dia prezente, faz ver que se expoem a si proprios e a seus decendentes aos maiores perigos porque a ganancia do trafico he immidiato, e os riscos de continua-lo, ainda que enormes, aparecem algum tanto remotos. Saibam, pois, que em tanto que a Cidade da Habana clama pela continuaçaõ do trafico em homens, e chóra as Cortes sua ruina a naõ ser que

* Tenha prezente o Leitor que a introducçaõ d'Escravos desde 1789 até 1810 he 110,136 *cabessas*, segundo a Reprezentaçaõ d'Habana, que seguramente naõ exagerará o numero.

as deixem continuar a importaçaõ de novos Negros: em tanto que protesta que a propagaçaõ de Escravos he impossivel pela falta de mulheres; em tanto que funda em estas estranhas razões a necessidade de hir á Africa a cauzar a dessolaçaõ e os horrores que temos visto; a Habana e todas as Cidades da Ilha estaõ " cheias de Escravas," que tem huma successaõ taõ numeroza que ja excede ao numero dos brancos. Porem deixemos aos interessados que nos fassam a pintura.

" Saiba V. M. (dizem as Cortes) d'onde se multiplicam agora, e se tem multiplicado com o maior damno nosso, isto he dentro das povoações; e mais em as grandes que em as pequenas. Porem o mais funesto discuido de nossa discuidada politica, pelo mais culpavel esquecimento de todos os nossos interesses; nossas cazas, em todas as epocas tem estado cheias de Escravos serventes de ambos os sexos, *e principalmente de mulheres* que vivem muito comodamente, e pelo mesmo contrahem todo o genero de vicios, sendo as mais seguras a preguiça e a ligeireza. Todos tem successaõ e mui numeroza os mais, e todos facilidade de se entregarem a si mesmos, do que tem rezultado em todas nossas povoações essa infinidade de gentes de cor, que *com tanto cuidado como nós*, terá V. M. observado em os Padrões que mandamos. O damno em esta Cidade chega a taõ alto ponto que quaze estaõ a pár os livres de cor com os Escravos, e que unidas ambos classes, chegam á assombroza soma de 55,077, que he muito mais que os brancos, cujo mal a cada paço toma taõ grande incrimento que em o numero de Baptismos dos annos anteriores, quaze subiam a dous d'estes por hum branco."

Em semelhantes circunstancias a Habana implora a *compaixaõ* das Cortes para que depois de ter augmentado o numero d'esta povoaçaõ timivel com mais de cento e dez mil Escravos em poucos annos; se lhe permitta continuar o mesmo até que a abysmo da cubissa

individual diga, basta. Naõ he isto hum dilirio incomprihencivel? Assim o parece, porque sua explicaçaõ se cala. Os Afazendados naõ intentam, nem intentaraõ facilmente a propagaçaõ de seus Escravos. Querem braços para as fazendas, Negros varões, que condemnaraõ a perpetuo cilibato, e ás disordens que devem seguir-se em homens nassidos de-baixo de hum clima ardente da Africa. Estes trabalharaõ até que morram; e morreraõ sem successaõ que augmente o numero da povoaçaõ de cor a quem temem. Viraõ outros em seu lugar da Africa. Em este tempo as couzas teraõ tomado o seu rumo: os Escravos e libertos urbanos se teraõ quadruplicado em os quarenta annos seguintes; e a geracaõ futura dos brancos verá a sorte que lhes tóca; a prezente se tera fartado do luxo e da riqueza, o quando chegue o dia da vingança, ja estaraõ, fora de seu alcanço neste mundo.

Estes saõ os calculos que o Eguismo pode, felizmente fazer a seu sabor; e suster com todas suas forças; porem que a acçaõ politica naõ pode passar por alto, sem incorrer em hum erro funesto. O Governo Espanhol tem á vista em estes factos, os dados mais seguros para dirigir sua conducta em o ponto importante do trafico de Negros. Ainda quando podera precender das considerações da humanidade e justiça que vaõ expostas; naõ poderia de modo algum fexar os olhos aos perigos que ameaçam a essa importante Ilha, cujos necios clamores aporaõ em a determinaçaõ que unicamente pode salvá-la. A proporçaõ em que cressem aquella gentes de cór em as Cidades da Ilha he enorme, segundo se tem visto; e conforme a todas as regras e observações que ha sobre esta materia, em vez de que esta enorme propagaçaõ se deminua, deve cresser mais e mais cada dia. O povo (como nota hum dos Documentos annexos á Reprezentaçaõ d'Habana) naõ padesse em aquelle clima os males que a pobreza produz em outros. O mesmo abatimento em que está a classe de cór, lhe

tira todas as aprehenções que opoem ás classes mais altas o contrahir matremonios desde logo. A robûstez dos Negros e molatos, os faz extrememente prolificos. Tudo, em fim, prova que brevemente devem cresser de hum modo extraordinario. A escravidaõ domestica em aquelles Paizes he origem de infinitos vicios; como o abatimento da classe dos Escravos e libertos o he de huma preversidade de coraçaõ, que os emcaminha á crueldade e a vengança. A experiencia confirma o que a razaõ passa em silencio sobre este ponto; e o Mundo tem em St. Domingos o exemplo de que o ameaça. O unico remedio e preservativo que resta á Habana he cortar a funesta origem do mal que está para oppremi-la. Em quanto haja introducçaõ d'Escravos, todo seguirá em a Ilha, o mesmo rumo que até agora. O interesse de ter huma multidaõ d'Escravos os augmentará em as Cidades; porque se as fazendas proporcionam o mercado a 8000, por exemplo, os Carregadores teraõ cuidado de trazer dous mil mais para a necessidade das provincias. As molheres veraõ em a carga; porem seraõ para satisfazer a malicia de hum sexo, e a corrupçaõ de outro em as Cidades. Os Afazendados naõ as compraraõ paro suas *negradas*, ate que naõ vejam serrado o canal que lhes proporciona Escravos a menos custa, e com immidiato re-embolço. O Mundo tem á vista a inutilidade de toda a especia de Leys e regulamentos quando se daõ a hum povo que 'sta distanto, e em que o interesse geral he rompé-los. A Real Cedula de 1804 he prova evidente d'isto: porem ainda quando faltar a este dado, a mesma Reprezentaçaõ, da qual tanta luz temos tirado, o expressa de hum modo evidente, ainda que indirecto. Depois de fazer taõ clara a energica pintura dos riscos a que a povoaçaõ de cór, que incenda suas cidades, expoem aquella Ilha; atemorizados os que reprezentam, naõ do seu perigo, senaõ da ideia de que os obriguem a pôr remedio, concluem d'este modo. " Pençar em medidas

violentas para lançar fora das Cidades e transportar aos campos estas gentes, geralmente corrumpida, he pençar hum impossivel, que talvez seria motivo de maiores injustiças e maiores embaraços." Com esta vaga e confuza reposta, com o nome de *medidas violentas*, e a obscura mençaõ de *maiores injustiças e maiores embaraços, ou males;* deixam por curar o cancaro mortal que antes discubriram, e passam a acclamar por aquilo mesmo que serve de pasta á infermidade que os concume.

Toda a medida que tira a linha de seu rumo ao Afazendado he " *coercitiva;*" todo o regulamento que possa inquietar a semelhante luxo dos habitantes ricos " *pode*" produzir maiores injustiças e maiores disastres." Maiores injustiças que as do horrivel trafico! Maiores disastres que os que estaõ produzindo cada dia essas expedições que vaõ acassar homens! Maiores males que os que essa povoaçaõ pobre, o cioza, e corrumpida cauzará dentre de poucos annos, senaõ se lhe dá outro rumo do que o que até agora leva!

Excellentes consequencias que teria a prohibiçaõ immidiata o absoluta do trafico.

Em boa hora naõ se uzem *medidas violentas;* adopese huma só, que respire doçura. Prohiba-se pelo Governo Espanhol a introducçaõ de Negros, debaixo das mais graves penas, e se verá a esse mesmo *interesse individual* que agora está taõ cego, abrir os olhos e pór o mais efficaz remedio a todos os males que preparam a ruina e a distruiçaõ da Ilha de Cuba. Escravos de ambos sexos se acham em as povoações d'aquella Ilha, e tal numero, e com tanta rapidez se multiplicam, que seus habitantes prevem as mais funestas consequencias. Prohiba-se, pois, a introducçaõ de Africanos; e os que necessitam d'Escravos em o campo, acharaõ seu interesse em comprá-los em as Cidades, equalmente que seus Donos em vendé-los a bom preço. A demenuiçaõ dos serventes Escravos hirá progressivamente introduzindo os assalariados e isto dará emprego a muitos libertos que agora passam o tempo em huma ociozidade

corrumpida. O interesse de propagar os Escravos campinos fará que se passem ás fazendas parte d'essa multidaõ d'Escravos que estaõ em os povos, e em vez de dár vida a huma geraçaõ timivel, produziraõ lavradores, cuja multidaõ naõ ameaça immidiato risco em huma Ilha taõ despovoada.

Em fim; naõ nos cancemos em pintar por menor, nem em provar a seguridade dos bons effeitos d'esta medida. A cauza que deffendemos está ganhada em o Tribunal da Politica, a naõ ser que esta seja taõ cega como o interesse individual que quer offusca-la. A introducçaõ de Escravos Africanos, tem a Ilha de Cuba em o emminente perigo que pintam seus habitantes. Em boa hora se negue que a abolição do trafico possa cauzar os bens positivos que prevémos: porem, poderá por isso desentender-se a boa politica da obrigaçaõ que tem de evitar o augmento desses males que naõ podem negar seus mesmos patrões?

CAPº. III.

O COMMERCIO EM ESCRAVOS CONSIDERADO CHRISTANMENTE.

" SEGUNDO nos dizia, e dizem toda-via muitos livros de respeitaveis Authores (falla a Reprezentaçaõ d'Habana) hera (a Religiaõ) mui interessada em libertar essas almas, da eterna condemnaçaõ; e....; naõ pode ser justo deixar enganados e expostos aos brancos que obedecem esses preceitos:....naõ pode ser bom condemnar ao cilibato e maior trabalho aos que vieram, e em nenhum sentido pode ser assertado cauzar estes

Alluzaõ da Cidade d'Habana a este ponto, e contradicções em que encorre.

males infaliveis por hum bem que antes se chamara mal e sempre será bem duvidozo, ou bem pequeno."

Se ainda fica em os corações hum graõ d'aquella fé Christam que mudou a face da Europa-que civilizou a seus povos, e que aboliu a Escravidaõ em ella; se ainda resta alguma especia de respeito á moral pura e benefica do Evangelio; difficil será que se leiam as expressões que antecedem, sem indignaçaõ e dór. Os mesmos que se serviraõ d'ellas, perceberaõ bem promto o effeito que deviam de produzir em muitos, e naõ poderaõ menos que condemnar-se a si proprios em as palavras seguintes, com que quizeram modificar as anteriores. " Deos naõ permita (continuam) que nos profanemos a nossa moral santissima, cubrindo-nos com o veo impio com que se pode cubrir a desemfreyada cubissa. Deus naõ permita, dizemos, que agora deffendemos nos como hum acto de piedade a violencia de trazer, e de trazer em cadeias desde Paizes taõ remotos a creaturas humanas; porem pois naõ somos authores, nem se quer instrumentos de semelhantes violencias; pois nos achamos por ella rodiados de todos os lados de grandes inconvenientes, e authorizadas para escolher os que forem menores; fugimos dos extremidades, e com egual cuidado procuramos evitá-las do sordito interesse, que os do louco enthusiasmo."

Difficil será intender o que os authores da Reprezentaçaõ querem dizer em este labarinto; porem o seu exame nos servirá como de huma demonstracçaõ practica do impossivel que he conciliar a profissaõ do Christianismo com o trafico em Escravos. Toda a abilidade e destreza do Redactor da Reprezentaçaõ (que com o discurço d'aquelle escrito se manifesta taõ escassa) naõ basta para salvá-lo d'este passo, sem abismar-se com hum mar de contradicções.

Os livros que em os Seculos du ignorancia diceram que se devia extender a Religiaõ Christã, fazendo a guerra aos que a naõ professavam; naõ seria estranho

que aprovassem as expedições á Costa d'Africa como meio de converter aos Negros. Se os que clamam agora pela continuacaõ deste trafico, creraõ de boa fé que hé o que dicta o Christianismo; saberiamos bem como argumentar contra este falço supposto. Porem o que podemos dizer em o cazo prezente, em que se assenta aquella doutrina, se fundam em ella argumentos, e logo se lhe dá o nome *de vêo impio de cubissa*, sem que por isso se disista de affirmar a mesma consequencia? Em a primeira supposiçaõ, se argumenta dizendo que naõ he justo (segundo os Principios do Christianismo que he aqui o echo do argumento) deixar enganados aos brancos, que obedecendo como preceito o que diziam aquelles authores, foram pelos Negros á Costa d'Africa: que naõ hé justo Christaõmente "condemnar a cilibato e maior trabalho aos Negros que vieram," impedindo agora que tenham mais. Em a segunda supposiçaõ (que he a que adoptam os Afazendados da Habana) a moral de Christo se profana com a suppoziçaõ de que seja acto merritorio, e muito menos preceito, hir por Negros á Africa, uzar de violencia para os arrancar d'alli, e trazé-los desde paizes taõ romotos em cadeias. Como crerá que se pode inferir, deste segundo supposto, que se deve continuar commettendo essa *violencia*, e trazendo Negros *em cadeias*? Naõ se vé n'isto a pugna que rezulta do empenho de tirar huma consequencia pre-determinada, apezar da luz da razaõ e o remorço da consciencia? O Interpretor dos Afazendados da Habana, vendo-se sem sahida em o cazo prezente, rompe por meio das razões em que elle mesmo se tinha embaraçado, e disculpando-se com que os Naturaes d'Habana "naõ saõ authores, nem instrumentos se-quer de semelhantes violencias," diz que querem escolher os menores inconvenientes fugindo das extremidades, e evitando as do "sordido interesse com egual cuidado que as do louco enthusi-

asmo." E qual he este prudente e Christaõ meio? Continuar trazendo Negros com *violencia, e em cadeias.*

Novas directas da incumptibilidade da moral Christa com o trafico em Negros.

Absurda como he a supposiçaõ de que em continuar o trafico de Negros se faz hum serviço ao Christianismo; se ainda ha alguem que de boa fé a sustenha, o seu erro teria mais disculpa, que naõ esto vaõ e artificiozo jogo de palavras com que se quer implicar a Religiaõ Christã em hum *crime*, e *injustiça* que ella mesmo condemna, segundo os authores da Reprezentaçao o confessaõ em seguida. Porem ja que em a visivel falta de boa fé tem querido deixar esse cabo solto, como dizem valham o que valer: ainda que seja huma especia de irreverencia á Religiaõ Christã supór por hum instante, que aprova o que a Ley natural condemna, segundo temos ja visto; os bem intencionados nos desculparaõ de que nos detenhamos a vingar o Christianismo, d'esta accuzaçaõ com que os negociantes em Negros tem manchado o seu veneravel nome.

Porem, antes de imprender este argumento, permita-se nos repetir o que sempre he necessario que tenham prezente nossos Leitores: que naõ tratamos da possessaõ e propriedade dos Escravos que ja tem sido transportados da Africa, e de seus dessendentes que nassem em a Escravidaõ. A respeito d'estes, o Christianismo, a moral, e politica, dictam couzas mui diversas das que mandam com relaçaõ aos que se acham em o seu Paiz nativo e sua liberdade natural. A Religiaõ de Christo naõ pode mandar que se occazionem maiores males para se desfazer os que ja se tem cauzado. Seguramente, a Religiaõ naõ dicta aos Governos que obriguem a seus Vassalos, a dar immidiata e illimitada liberdade a seus servos. Isto he huma *impossivel* moral, e politica: a Religiaõ o considera como tal, e o poem a cargo dos que aprovando e exercitando o trafico, cometteraõ e commetem hum dilicto, cujas funestas consequencias a penas poderaõ portar-se d'aqui a seculos.

Isto supposto, vejamos se a Religiaõ Christã pode permettir que se continue fazendos Escravos.

A propagaçaõ do Christianismo he hum bem: mui longe estamos de negar este principio; porem naõ he principio menos fundamental da moral Christã, *que naõ se pode fazer mal com objecto de que rezultem bens.* Esta só reflecçaõ deve bastar para que todo o Christaõ que tenha lido a Pintura da Historia do Trafico, condemne a sua continuaçaõ, como hum pecado gravissimo. Dizer que o Christianismo deve propagar-se á custa de guerras, distrouços, roubos, e homicidios, que o trafico produz na Africa: á custa da desesparaçaõ, suicidios, e mortes que cauza a passagem por mar á America: á custa dos delictos que produz o desemfreio das tripulações a cuja discreçaõ vem por muitos mezes os Escravos: dizer que tudo esto o aprova o Christianismo, porque algumas d'estas victimas receberaõ o baptismo; he hum verdadeiro insulto a Religiaõ que professamos. Doutrina he dos Santos Padres, e ponto indubitavel entre todos os moralistas Christaõs, que huma acçaõ criminoza em si mesmo, e huma acçaõ pecanioza em si mesma, naõ seria escuzavel ainda quando d'ella se houvera de seguir a conversaõ de todo o genero humano; como pois poderia o Christianismo aprovar o abysmo de delictos que saõ inseparaveis das expedições para exclavizar Negros, e suas consequencias escandelozas depois de esclavezá-los, sómente porque alguns d'elles se catequizam em as Colonias?

Ainda quando todos os que ahi recebem o baptismo houvessem de ser taõ ficis á sua nova Religiaõ que por suas virtudes se vissem colocados depois em os Altares; isto provaria que a Providencia sabe tirar bens dos maiores males; porem nunca disculparia a acçaõ criminal que foi occaziaõ d'este bem. Maior delirio seria disculpar a *violencia* de hum aprezador d'Escravos, porque d'elles podem formar-se Christaõs verdadeiros, que proteger o adulterio e a disso luçaõ, porque delle

podem produzir Santos. Na verdade que ha infenita mais probablidade de que hum bastardo seja virtuozo, que naõ hum Negro aprezado seja bom Christaõ.

Porem o trafico em Negros em vez do propagar o Christianismo, e as virtudes que saõ sua consequencia, he hum de seus mais funestos contrarios. Elle fexa a entrada á luz de Revelaçaõ em a Africa; e extende o vicio e a corrupçaõ por toda America.

Os que imaginaõ que a Religiaõ de Christo pode ja mais extender-se ou lançar raizes á sombra da violencia porque vẽm que varios victimas por força se sumettem as cerimonias exteriores que a Religiaõ dicta; deveraõ sempre ter prezente aquelle terrivel dito do Casique que posto em tormento pelos Espanhoes conquistadores da America, e offrecendo-lhe *o Ceo* se recebia o baptismo; proguntou se entravam no Céo os Espanhoes; ao responder quo sim, contestou, com hum gemido: "*se he assim eu naõ quero hir ao Ceo.* O mesmo e com mais razaõ deraõ os Africanos, a quem se lhes prega a Religiaõ de Christo. Como pode ser boa sendo a Religiaõ dos negociantes d'Escravos?"

Naõ he esta huma mera supposiçaõ, ou conjectura. Antes que se agitasse a questaõ que ao prezente tratamos, e antes que as opiniões sobre ella podessem excitar suspeitas de parcialidade; o Snr. Smith Agente da Companhia Ingleza que traficava em Escravos, escreveu as seguintes palavras em o anno de 1722. "Os Negros reflecivos tinham por sua maior disgraça a chegada dos Europeos áquellas terras. Dizem que nós (os *Christaõs)* introduzimos o trafico de Escravos, e que antes da nossa chegada viviam em paz. Porem se vé, dizem elles, que donde quer que vá o Christianismo, que vai com elle a espada, a peça, a polvora, e as balas."

Esta pre-occupaçaõ contra o Christianismo he tanto mais forte na Africa, quanto que com vergonha nossa a Religiaõ Mohemetana comparada com aquella que alli

mostram os Europeos, parece mui superior aos olhos dos disgraçados Negros. Fallando o Snr. Park da Naçaõ Foulah, em que he mui commum o Mahometismo, " disse que se" naõ conhece entre elles a precebiçaõ Religioza: nem mesmo he necessaria, porque o systema Mahometano tem meios muito mais efficazes de extender-se. Por meio de estabelecimento d'Escollas, em que os Rapazes genties, egualmente os Mahometanos os emprimem em o coraçaõ dos seus Diciplos, e formam seu character de tal modo que nenhum acontecimento pode fazé-lo titobiar em o resto de suas vidas. Muitas d'essas Escolas eu visitei em o curso das minhas viagens pelo paiz, e observei com prazer a grande docilidade e a obediencia dos Rapazes, dezejando com todo o meu coraçaõ que elles tivessem melhores mestres, e huma Religiaõ mais pura. " Em outra parte fallando do paiz de Madingo, diz o Snr. Park ainda mais expressamente ao nosso intento." " Ainda que os Negros (diz) tem geralmente grande ideia do poder dos Europeos, temo que os prudentes Mahometanos tem em muito disprezo os nossos Principios Religiozos. Os negociantes brancos dos districtos maritimos, cuidam mui pouco de contra restar esta triste preoccupaçaõ. Considerando isto naõ me cauzou tanta admiraçaõ como sentimento, o observar que em quanto pode a superstiçaõ Mahometana espalhar este Crepusculo de saber entre aquelles pobres povos, se se acham serradas as luzes do Christianismo. Naõ podia deixar de me compadecer de que estando os Europeos frequentando as Costas da Africa por mais de duzentos annos, os Negros se achem ainda inteiramente ignorantes das doutrinas da nossa Santa Religiaõ."...." O pobre Africano a quem nós damos o Nome de barbaro, temo eu muito que nos contemple como huma raça de Pagões ignorantes, ainda que mui timiveis."

D'este modo se tem serrado a porta á predicaçaõ do Evangelio em a maior parte de hum Continente im-

menço; deixando-a aberta, e com todas as vantagens possiveis, ao Mahometismo, que se acha extendido por hum territorio immenço, aonde se tem ouvido alguma vez o nome de Christo, e tem servido de apelaçaõ geral aos negociantes de Escravos. Os Mahometanos devem parecer Anjos, a respeito dos Christaõs que se tem conhecido em Africa até agora.

Em fim, se houvera probablidade de que os Escravos que se arrancam da Africa recebessem os bens do Christianismo em a Escravidaõ á qual os condemnaõ; alguma ainda que muito desatinada disculpa podera dar-se ao silencio com que os Ministros do Evangelio em Espanha, vem fazer este barbaro trafico. Porem considerem os homens piadozos, qual pode ser a melhora, que a profiçaõ exterior que o Christianismo pode cauzar em aquelles disgracadas, opprimidos, com o pezo dos afflições, e tormentos que lhes cauzam os Christaõs? Hum Negro vozal destinado a huma fazenda para trabalhar de-baixo do latigo, que instrucçaõ pode receber? Como a ouvirá cançado do trabalho, opprimido, e chego de odio contra todo que vem por maõ dos brancos? Isto he suppondo que se trato de catiquezá-lo, e que se ponham capazes de intender a lingua em que se lhes haja de dar a instrucçaõ necessaria. Porem o certo he, que segundo o que dicta a razaõ, e o que dizem todos os homens imparciaes que conhecem as colonias; naõ ha hum só entre os Negros, que se possa dizer que he verdadeiramente Christaõ. Porem para que nos cançemos em provar isto, quando, segundo a confissaõ dos Patrões do trafico em Espanha, nem ainda o baptismo se ademenistrava a muitos dos Escravos? "Nós toleramos, e temos tolerado sempre (diz a Cidada d'Habana) que venham Negros inficis, e inficis morrem muitos." Longe de nós o entrar a examinar os altos Juizos de Deos, e as Leys de sua justiça respeito a estas victimas da avareza Europeia; porem se entendemos as maximas da theologia; naõ se

poderá dizer que trazer-mos esses infelizes Negros para que recebendo o baptismo, lhes sejam mais imputaveis aos delictos aos quaes os expoem a especia de vida em que haõ de passar seus dias? Porem a sua consideraçaõ os Ministros do Evangelio em os costumes que reinam geralmente em as Colonias aonde saõ numerosos os Escravos. Emformem-se dos que tem vivido em as Colonias; e se estremeceraõ do abismo de corrupçaõ e de pecados, de que estes infelizes saõ occaziaõ e instrumento. E se seguiraõ trazendo da Africa estas Creaturas com tanta crueldade como temos visto, para que o Catequista lhes emponha em que he delicto, o que todos os de mais lhe ensinaõ, e ainda quaze obrigaõ a fazer! Qual he a Escrava que naõ vem á discrecçaõ de quantos Europeos a conduzem, e que naõ está á de quantos a rodeiaõ em America? Que honra que resistencia se pode esperar em huma raça taõ ignorante e abatida? Digaõ os que conhecem os povos d'America Espanhola aonde os Escravos abundam se ha intriga por infamia que seja, em que as Negros naõ sejam os instrumentos, e confidentes principaes de seus amos. Porem a pintura da corrupçaõ que os Escravos occazionam n'America he tal, que nem a pena pode facilmente descrevé-la, nem a vergonha parar seus olhos sobre ella. Basta o dito para excitar o zelo de todo o homem amante de sua Religiaõ, contra hum abuzo que occaziona mais offenças do Ceo, que a cazo nenhum outro de quantos atrayem sua indignaçaõ sobre os homens*.

* Que empregar a Escravidaõ debaixo do pretexto de extender o Christianismo he contra os interesses da Religiaõ, está declarado pelo Papa Paulo III. em os dous breves que expidiu em 1537, condemnando de-baixo de gravissimas sençuras aos que cativavam os Indios de-baixo do pretexto de os fazer Christaõs.... " *Humani generis æmulus modum excogitavit hactenus inauditum ne verbum Dei gentibus, ut salvæ fierunt, prædicaretur, ac quosdam suos satellites commovit qui suum cupiditatem adimplere cupientes, Occidentales ac Meridionales Indos, et alias Gentes....sub pretextu quod fidei Catholicæ expertes*

Ultimamente, se depois de tudo isto ha alguem Christaõ que duvide que o hir aprezar Negros na Africa he hum delicto que o Christianismo condemna: se professando a Ley que diz; " *naõ mataras, naõ furtaras: amaras a teu proximo como a ti mesmo;* toda-via cré que o trafico em Escravos que cauza tantas mortes, tantos roubos, tantos tormentos a creaturas humanas, pode conciliar-se com a professaõ de Christo, por meio de alguma distincçaõ ou effugio; saiba que a acçaõ de aprezar homens está prohibida expressa e nominalmente por authoridade divina; e posta entre os delictos mais horriveis e infames que o Christianismo condemna. Ministros do Evangelio que com tanto ardor e zelo levantais a vossa võz contra toda especia de crimes, como naõ pareis vossos olhos sobre esta expressa declaraçaõ de St. Paulo em a sua 1ª Carta a Timotheo, quando enumera os classes mais horriveis dos malvados d'este modo: *sabendo que a Ley naõ stá posta para o justo, senaõ contra os rebeldes, impios e pecadores; contra os malvados, e impuros, os parecidos, matricedos, homicidos, fornecarios, Peccadores malvados, Roubadoures de homens*, mintirozos, prejuros, e qualquer outro que seja opposto a saã doutrina.* " *Sciens hoc, quia justo lex non est posita, sed injustos et non subditos impiis et peccatoribus, sceleratis et*

existant, tanquam bruta animalia ad nostra obsequia redigendos esse passim asserere presumant.... Nos igitur attendentes Indos ipsos, licet extra gremium ecclesia existant, non tamen sua libertate privatos vel privandos esse," &c. &c. *(Apud Torquemada).* A razaõ he taõ identica, e o cazo he taõ egual ao dos Negros, alem de que o breve falla expressamente de qualquer outro povo *(alias gentes)* que se acha em eguaes circunstancias: que se pode dizer, sem a menor duvida, que as expedições destinadas a trazer Negros, estaõ condemnadas pela Cadeira de Roma.

* A palavra Latina *Plagiarius* expressa exactamente a occupaçaõ que em nossos dias exercem os Apprezadores de Negros (veja-se os Diccionarios) Apprezador de homens corresponde á palavra original do texto Grego Ανθροποδίσης, que vem de Ανθρωπος he homem e Ποδίςω he cadeias e prizões.

contaminates, paricides et matricidis, homicides fornicariis, masculorum concubitoribus, Plagiariis, mendacibus, perjuriis, et si quid aliud sanæ doctrinæ adversatur *."

¿ Admitte esta sentença evasaõ alguma? Faz a cazo o Apostolo distinçaõ entre os plariarios ou agaradores de homens, ou disculpa aos que roubavam gentes barbaras, ou pouco civilizadas? Naõ: o que se emprega em aprezar homens para fazé-los Escravos, he contado pelo Apostolo entre os mais infames delinquentes. E ainda ha Reinos que professando a fe Christã protejaõ o trafico em Negros!

* 1 ad Timotheum, c. i., v. 9 e 10.

EPILOGO E CONCLUZAÕ.

QUANDO se expoz perante a Camera dos Communs de Inglaterra o conjuncto de mizerias e dor, que he o effeito inevitavel das expedições por Negros á Costa da Africa, o celebre Snr. Pitt protestou em hum dos seus mais eloquentes discursos, "que de quantos males practicos tem afligido a humanidade em o discurço dos tempos, nenhum eguala ao trafico em Escravos."

A brevidade com que tem sido precizo passar pelos pontos mais principaes da Historia d'este cruel Commercio, e mais que ella a debil cór que tem podido prestar-lhe a nossa pena, poderaõ, acazo, ter deixado impressões muito mais imperfeitas em nossos Leitores, que as que aquelle homem extraordinario deveu produzir a maça immença de provas que prezentou á sua vista em as declarações dos testemunhas que examinada o Parlamento.

Porem he tal a natureza do objecto prezente, que a sua mais rude Pintura bastará para cauzar o effeito dezejado em todo aquelle que se digne prestar huma mediana attençaõ ao que vai exposto. O unico risco que corre a cauza da Africa, em Juizo individual, he que os contrarios costumam uzar dos artificios os mais suteis, para confundir aos imparciaes, já distrahindo-lhes a attençaõ afim de que naõ fixem sobre os males

essenciaes e innevitaveis do trafico; ja atemorizando sua imaginaçaõ com pinturas vagas de consequencias funestas em cazo de o abolir; e ultimamente envadindo o effeito da indignaçaõ e compaixaõ publica com a supplica de que se deixe o remedio d'estes males para mais adiante.

Huma breve recapitulaçaõ dos males *essenciaes e innevitaveis* que cauza, e cauzará a continuaçaõ das expedições por Negros á Costa d'Africa; será contraveneno effecacissimo para todos estes artificios.

Commeçando pela Africa; ja mais devem esquecerem-se os males que o trafico produz nella. Imaginemos se he posivel fazé-lo com sufficiente viveza, as mizerias que sofre cada hum dos Escravos que formam a carga dos barcos Negreiros; acresentamos o sentimento, o abandono com que devem ficar seus Pays, suas molheres, e parentes: acresentamos a divastaçaõ, as disgraças que infalivelmente devem cauzar estas escaramuças predatorias, a huma infenidade de pessoas, allem das que saõ effectivamente apanhadas para Escravos. Unamos ao dito as guerras perpetuas, os odios, as vinganças, e suas immidiatas consequencias, os incendivos dos povos, a distrucçaõ dos trabalhos, as fomes, as pestes, e allem da multidaõ dos horrores que a guerra traz com sigo em paizes pouco civilizados; summamos todo este cumolo se o alçança a imaginaçaõ, e ainda naõ teremos comprehendido os males que a avareza Europeia está cauzando, ha mais de duzentos annos em o Continente da Africa; porque depois de tudo isto ainda fica que agregar a afflicçaõ, o terror, a agitaçaõ perpetua que cada habitante, e mormente os fracos, e desarmados, devem necessariamente sufrer cada dia, cada hora, cada instante que dura o risco de que os levem de suas cazas, para transportá-los para America. Ponha-se cada qual em o lugar d'estes infelizes; figure-se que vive em hum paiz em o qual todos os que sejam mais fortes que elle podem aprezá-lo quando queiraõ:

que se elle he capaz de deffender-se naõ o saõ sua mulher, nem seus filhos; que sua caza pode ser incendiada de noute, e que sua familia pode ser captiva de dia; imagine-se aquelle que isto leia, em semelhante estado, e veja se cada respiraçaõ naõ deve ser hum gemido em tal infeliz situaçaõ; se os laços mais doces da natureza naõ devem converter-se em tormentos, e o alivio domestico em o lugar de afflicçaõ! Lembre-se por ultimo que tudo isto recahe sobre creaturas humanas, eguaes a elle em os sentimentos naturaes, com a imaginaçaõ que antecipa os males, e inclinações que lhe fazem conhecer a felicidade e apetecé-la. Nenhuma das Nações incultas ama tanto em o Mundo a tranquilidade e os prazeres de sua vida como os Negros: e naõ ha cabana em toda a extençaõ da Africa, em que se exercite o trafico, cujos habitantes possaõ gozar nem hum só momento de seguridade e de socego!

Voltemos agora a vista ao barco que levanta a ancora, e começa a apartar-se da Costa. Alli vai o Marido, que foi arrancado dos braços de sua molher, a molher que foi roubada a seu Marido, o Pay que deixa seus filhos sem apoio, o filho que perde para sempre seus Pays: alli vaõ sem saber para aonde: alli vaõ unidos em huma bodega pestifra, em cadeias, e prizões, maltratados, infermes do mar, atemorizados de huma multidaõ de objectos que devem ser horriveis em extremo para quem naõ tem ideia da navegaçaõ. Vejamos-los attormentados, e irritados hums contro os outros, até que o abatimento chega a par da ira, e começa a devorar lentemente o coraçaõ, sem que, os mais das vezes, tenha forças bastantes para acabar seus tormentos com huma morte apetecida. Alli a imaginaçaõ os devora, o tratamento brutal dos Marinheiros os irrita. Naõ, naõ saõ *semi-brutos* os que isto sofrem: ainda que bastara huma pequena quantidade de racionalidade para que fosse intoleravel o seu tormento: muitos d'elles,

segundo o veridico e imparcial Mungo Park, homens de certa educaçaõ; alguns gozavam de authoridade e consideraçaõ na sua terra. " Porem todos (diremos como hum Escritor taõ humano como eloquente) todos os que compoem este carregamento, posto que lhe daremos esse odiozo nome, todos saõ Pays, ou filhos, maridos ou molheres; todos tinham huma caza, todos tinham huma familia.

Porem as enormes dimençõeś (continuaremos como o mesmo Escritor) d'esta maça de mizeria saõ taes, que a nossa capacidade naõ pode abraça-las: Nossos affectos se pasmaõ com a grandeza dos males; a nossa imaginaçaõ se perde em a immencidade da scena; e nossa attençaõ se destraye com a multidaõ dos objectos que se reprezentam. Razões mui poderozas podemos descubrir, porque a eterna sabedoria nos creou mais senciveis a respeito de hum cazo lastimozo, cujas miudas circunstancias sabemos que há huma grande acumulaçaõ de males quando a vemos em globo. Se eu podéra prezentar huma por huma as partes de que se compoem este immenço cumolo; se eu vos podesse pintá-las com suas disgraçadas circunstancias; seguramente poderieis formar huma completa ideia do mal que queremos cortar radicalmente. Isto naõ he possivel agora; porem acabando o tristissimo quadro que temos discrito; empregando-nos ao menos hum momento em examinar hum desses Negros, ou huma familia captiva, a segui-los com a imaginaçaõ, desde que foram aprezados em sua caza, em hum dos attaques noturnos que temos discrito, ou desde que foram sentenciados á Escravidaõ a beneficio d'aquelles que os condemnaram, até ao fim da sua mizeravel vida. Eu naõ intentarei fazer a discripçaõ das tormentos; julgai vós por vos mesmos o que deve sufrer em as varias situações em que successivamente deve achar-se.

" Imaginai se podeis a afflicçaõ, com que sendo levados por seus aprezadores, voltará os olhos para o

seu povo nativo, aonde deixa a sua mulher e filhos: ou se se suppoem que vaõ com ella, a affliçaõ com que olle os vé padecer e com que olha ao terrivel futuro que os espera. Segui-o em sua larga e penoza marcha á Costa: vedeo como, exausto de forças com o cancasso e affliçaõ, e fazem caminhar como se fosse huma besta, a latigos: ou se vai em companhia de sua familia, julgai o que senterá, vendo que sua mulher, ou sua filha, he obrigada a seguir adiante, e tirar forças de sua fraqueza uzando o mesmo brutal recurso. Observai-o ao embarcar-se, vendo-se entregue a gentes cuja cor, aspecto, e lingua, lhe saõ inteiramente desconhecidas; e rodiado de objectos que lhe devem cauzar terror. Se a disgraçada familia d'este infeliz naõ vai Escrava com elle, a ideia de que fica abandonada, e de que ja mais tornará a ve la, deve sem duvida cortar-lhe o coraçaõ. Se sua molher ou filha o accompanham em a sua disgraça, promtamente os separam para outro lado do Navio; alli estaõ; porem elle naõ os pode ver: a certeza do máo tratamento que sofrem commumente com elle, o afflige; a imaginaçaõ do que mais pode encher de furror a hum Pay ou a hum Marido, que sabe que sua filha, ou sua molher, está a discréçaõ da tripulaçaõ do barco, lhe distrouça a alma: huma taboa os separa, e ella basta para impedir-lhe que alevie a sua mizeria, ou deffenda a sua fraqueza."

" Porem véde a vossa disgraçada familia que chega ao Porto do seu destino, e imaginai as abominações de hum mercado de Negros. Véde a esse infeliz ou a essa familia, postos nũz como bestas, e como taes tentados, apalpados e examinados para ver se estaõ saõs e fortes. Vede-os saltar, e baillar para mostrar a sua agilidade; ou, o que he mais lastimozo, vede-os, que temendo hir com diversos donos, se empenham todos em manifestar animo e forças, para captivar a approvaçaõ de hum mesmo comprador; em tanto que o seu coraçaõ está devorado de pena. Provavelmente

os individuos d'esta familia saõ comprados por diversas pessoas; acazo saõ levados para differentes terras; e vede aqui desvanecida a triste esperança de passar sua vida em hum mesmo captiveiro: ou se saõ compradas para huma mesma fazenda, vede-os como saõ levados a ella, e como commeçam o interminavel trabalho em que devem passar seus dias; a carreira de degradaçaõ que os condemnará á Sepultura: elles, seus filhos, os filhos de seus filhos—sim: nem hum rayo d'esperança, luz em os seus corações: o mesmo trabalho a mesma oppressaõ até á hora da morte!.....Porem hum Negro naõ more taõ facilmente: por maior disgraça sua lhe cabe huma larga vida; provavelmente elle terá que sufrer durante a sua vida a brutalidade de outrem, e muitas outras vendas, e ser outras tantas vezes separado d'aquillo que elle ama, se ainda lhe resta alguma couza que amar em a sua escravidaõ.....Feliz aquelle que he conduzido a dismontar hum terreno inculto, aonde o trabalho, e o máo ar da terra, ponha promtamente fim a seus tormentos! Quanto mais apetecivel esta morte que a d'aquelle que chega a huma velhisse em que, separado de quanto lhe foi grato em os seus dias, mais felizes, lhe faltam aquelles doces apoios, que o benigno autor da natureza lhe tinha destinado para supportar a sua fraqueza, e consolar a afflicçaõ de nossos cançados annos! Voltar os olhos para todos os lados, e naõ achar o rosto de hum parente, nem hum amigo, nem huma cara que dé consolaçaõ, nem huma maõ que offreça apoio, he sem duvida huma situaçaõ extremamente taõ triste que ainda que os annos anteriores do Negro trazido da Africa prezentem scenas infenitamente mais horrerozas, pela grandeza de dor que tem sufrido nellas; nenhuma pode comparar-se ao fim da sua vida, pela desconsolaçaõ que a accompanha. A profundissima tristeza, e o abandono total com que a morte se chega a quebrar os grilhões do Escravo Africano, pode dizer-

se que he a mais horrivel scena que prezenta a historia das disgraças humanas."

Agora bem; sómente em a Ilha de Cuba, sabemos positivamente que em estes ultimos vinte annos tem entrado perto de *duzentas mil creaturas humanas*, cuja historia he egual á que acabamos de houvir. Agora mesmo, que isto sé escreve, ou quando se leia, se pode assegurar, que se está verificando a mesma serie de horrores em algum de seus diversos periodos. E naõ obstante se insiste que cortá-los de huma vez seria cauza de *maiores males!* Sim: ja os temos houvido: o epilago e soma de todos elles, he que custa mais creár hum Negro que mandar por elle á Africa!

Naõ se contentam os interessados em o commercio de Negros, com que a humanidade abrindo os olhos lhes abandone as victimas que foram conduzidas para ás colonias; naõ lhes basta que as binignas Leys declarem que os filhos d'Escravos saõ propriedade de seus donos por gerações sem termo: naõ se satisfazem com que lhes deixem acresentar o infeliz rebanho de seus criados como augmentaõ seus gados. Naõ; elles querem que morto hum Escravo, esteja ja outro promto em hum mercado para substitui-lo, sem mais trabalho nem cuidado, que pagar o preço que se estipula. Tudo o que naõ hé isto produzirá, segundo os negociantes, *maiores males* que as crueldades, roubos incendendios, e desastres que cauzam seus barcos em Africa. Na verdade que males bem graves se podiam temer das disposições que mostraõ se esse mesmo interesse que lhes faz naõ ter compaixaõ dos Negros que enviam, naõ os houvesse de obrigar a ser indulgentes para com aquelles que actualmente tem, logo que pércam a esperançaõ de achar outro no mercado. Para neutralizar a sencibilidade que podem excitar os Deffençores da aboliçaõ do trafico dizem que este seria o meio de que os Escravos actuaes tenhaõ mais trabalho que o que

sofrem suas forças. Como se os que confessaõ que tem o direito, e que podem ser crueis pela ganancia, houvessem de alliviar a seus Escravos quando tivessem muitos, a quem atteriar de morte. Tempo ha (e ja mais se tem feito calculo mais horrendo!) que nenhum Negro a quem se faz morrer á força de trabalho produz maior ganancia, ainda que haja de comprar outro, que deixando-o viver o tempo que naturalmente viveria de outro modo. Quem he capaz de ameacar aos poucos, como o fazem os da Habana, que escruplo terá em seguir este calculo a respeito de quantos Escravos compre ainda que contem por milhares.

Discurço dirigido aos Espanhoes directamente.

Passaremos d'aqui a dizer que visto que os argumentos que temos aprezentado tem sido dos, e para os Espanhoes, ou relativamente a elles; e visto ser muito provavel que este escrito vá á maõ, de algum Espanhol, dirigiremos-lhe áquelle que haja de o ler, ainda que em Portuguez as seguintes palavras filhas do ardor em que nos achamos contra hum taõ horrerozo trafico.

Homens senciveis, Espanhoes generosos!—Desenganai-vos de huma vez: interesse taõ violento como o que se necessita para se desembaraçar do cumulo de mizerias que prezenta o trafico de Escravos, a nada cederá senaõ a huma necessidade absoluta. Para que os Escravos que existem em vossas Americas sejam bem tratados, quanto a sua situaçaõ o permita, impedi que se possam trazer outros. Para que se propague esta raça disgraçada, e se lhes conceda aos infelizes Negros o amargo prazer de se verem rodiados de filhos que haõ de pertencer a outrem; serai a porta ao augmento d'Escravos por importaçaõ. Serai, e seja logo, e sem distincçaõ alguma. Se vos dizerem que a Inglaterra tardou a effectuar a abolição vinte annos; lembrai-vos que vós tendes tratado, em o mesmo sentido, mais de trinta. Aquelles vinte annos de luta entre a humanidade mais disenteressada, e o interesse mais

feroz e atrevido; naõ devem ser perdidos para os de mais da Europa. Querer empregar tanto tempo como a Inglaterra em a aboliçaõ de huma couza que ella demonstrou ser o maior dos males, de quantos ha practicos em o Mundo; naõ sei se haverá differença, ou se deixará de haver analogia, a ser como o que quizera continuar vendendo huma droga venenoza por tantos annos, quantos em outro Reyno se tivessem gastado em provar que a tal droga cauzara com effeito a morte: porem sei que se a naõ houver he por que o condemnar á escravidaõ os tristes Africanos, seus filhos, os filhos de seus filhos, e toda á sua geraçaõ: dar-lhes vida para isto, e do modo tristissimo, que temos discrito, he peor que tirar-la pela droga aquellas pessoas a quem ella houvesse de matar. Naõ o Governo, senaõ os interessados em o trafico obteram o horrivel triumfo de manter esse boraõ de nome Britanico vinte annos mais dos que tivera durado sem seus efforços. Se este he o modello que se lhe propoem a Naçaõ Espanhola; se se quer obrigar a que calcule sobre esta base os annos que deve permittir a seus vassallos ser *piratas e assacinos*; considerem que ja tem tomado de ante-maõ a *quota* que lhes pertence. Quatro annos que vaõ desde que se declarou em as suas Cortes que a introducçaõ d'Escravos Africanos devia prohibir-se, saõ mais á proporçaõ do *interesse* que a Espanha tem no trafico, que vinte annos, a respeito do que tinha a Inglaterra.

Porem naõ concluamos aqui, com caloulos taõ odiozos, nem deixemos infestada a imaginaçaõ de nossos Leitores, e a nossa com as abominaveis remorços da insencibilidade, e avareza. Lembrai-vos Espanhóes, que hum pequeno numero de individuos está fazendo em vosso nome o Commercio de sangue que tendes visto; reflecionai que a vossa bandeira se disprega sobre esses caregamentos de dór e de lagrimas que cruzam todos os dias o oceano: que o nome da Naçao Espanhola he a

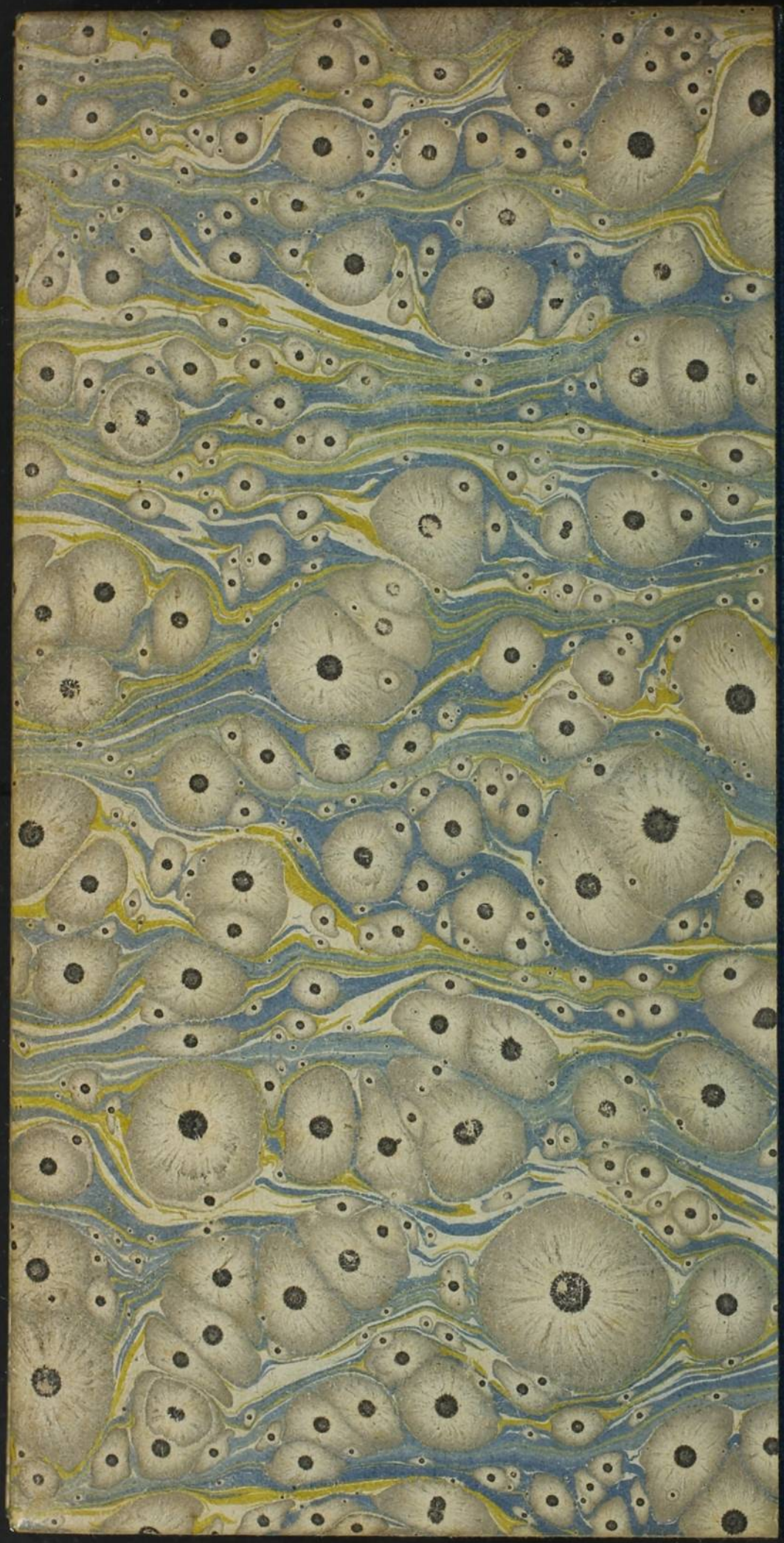
salvaguarda que levam seus algozes; e que esse illustre nome naõ sómente protege a iniquidade e a maldade de alguns de seus filhos bastardos, mas taõ bem emcobre aos piratas de outras naçõe que de-baixo da bandeira Espanhola comettem eguaes ou maior excessos. Lembrai-vos que se verifica com grande frequencia isto, e que os gemidos d'esses pobres Africanos, a quem em vosse nome se marterizaõ, se exálam a cada hora: e que ainda que naõ cheguem a vossos ouvidas, sobem diante do throno do Pay commum dos homens. A sua naõ paternal os livrou do jugo de vossos oppressores: lembraivos que tambem vós tendes visto os Estrangeiros assolar a vossa Patria; deixai pois em paz a terra alheia; deixai a esses infelizes Africanos a escassa porçaõ de bems que o Céo lhes concedeu em a sua terra: deixai os em paz augmentar pouco a pouco o caminho da civilizaçaõ; e naõ porque sejam pobres e ignorantes querais tratá-los peor que as bestas do campo. Pobres saõ e ignorantes; porem corre em as suas veias o mesmo sangue que em as vossas; a dór que arranca os seus gemidos naõ he d'outra natureza que a vossa: e eguaes ás vossas, as lagrimas que vertem de seus olhos. Como vós saõ pais, filhos, e irmaõs. Martyres do Patriotismo Espanhol! Vós os que tendes perdido as prendas mais queridas de vossas entranhas, sacrificando-as á ambiçaõ de hum Estrangeiro que quiz captivar a vossa Patria! Por vossa dór e amargura naõ permitaes que os Europeos vaõ de hoje em diante á Costa d'Africa a exceder em crueldade e injustiça esses mesmos Francezes que lhes haõ destrouçado a alma. Deixai ao Pay seu filho, ao Marido sua molher; vós que sabeis o que vé-los arancar de suas cazas por hum evasor Estrangeiro!

Concluzaõ dirigida, directamente, aos Portuguezes.

Como, segundo dizemos no principio, as mesmas cauzas produziraõ constantemente os mesmos effeitos, sem attençaõ ao individuo que as maneja que seja d'esta ou d'aquella naçaõ; virémos-nos agora para a nossa

Portugueza, e dizemos que prezumimos (e naõ sem bastante razaõ: d'isto 'stamos sertos) que o que temos exposto, posto que mui fracamente, ainda assim mesmo será amplamente sufficiente para fazer tremer todo o homem que conhece que o Céo e a terra se pode offender.

FIM.

Ellerton and Henderson, Printers,
Johnson's Court, Fleet Street, London.

010055